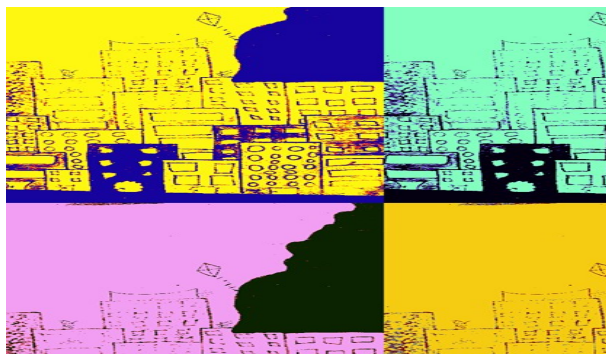


Vitória Régia Izaú



**INSURGÊNCIAS URBANAS E DIREITO À CIDADE NA
PERSPECTIVA DE ATIVISTAS EM BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

2017

VITÓRIA RÉGIA IZAÚ

**INSURGÊNCIAS URBANAS E DIREITO À CIDADE NA
PERSPECTIVA DE ATIVISTAS EM BELO HORIZONTE**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação e Inclusão social pela FaE/UFMG.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Cunha Campos

Belo Horizonte

2017

Tese intitulada *“Insurgências urbanas e direito à cidade na perspectiva de ativistas em Belo Horizonte”* - defendida e aprovada em ___/___/___, pela banca examinadora constituída pelos professores/as doutores/as:

Prof. Dr. Rogério Cunha Campos – Orientador (Fae/UFMG)

Prof. Dr. Bruno Sena Martins – Co-orientador estrangeiro do Doutorado Sanduíche na Universidade de Coimbra – Centro de Estudos Sociais (CES/UC)

Prof^a. Dr^a. Shirley Aparecida Miranda – Examinadora interna (Fae/UFMG)

Prof. Dr. Leôncio Soares – Examinador interno (Fae/UFMG)

Prof^a. Dr^a. Maria da Consolação Gomes Castro – Examinadora externa (PUC/MG)

Prof^a. Dr^a. Míria Gomes – Examinadora interna suplente (Fae/UFMG)

Prof^a. Dr^a. Vanda Lúcia Praxedes – Examinadora externa suplente (Fae/UEMG)

DEDICATÓRIA

À todas as mulheres negras que me antecederam e propiciaram direta ou indiretamente meu caminho como pesquisadora e à todas as pessoas que residem nas favelas e periferias urbanas no Brasil e no mundo. Que o espaço acadêmico comporte nossas inquietudes na perspectiva da resistência a tudo que nos subestima, nos oprime e tenta nos desencorajar. À tod@s que tiveram as vozes silenciadas e se tornaram insurgentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por existir e resistir como uma mulher negra, ex-moradora da Favela da Rocinha, filha da D. Luzia e do Sr. Antônio, neta de Raimunda Joaquina de Jesus, uma mulher negra que sofreu as agruras de sair do interior da cidade de Muriaé e ir morar no Rio de Janeiro com 11 filhos, sofrendo também, durante dos seus quase 100 anos de vida, as interdições de sua liberdade de ser e de viver, vindo a falecer sem condições para se alfabetizar.

Agradeço a todas as pessoas que passaram pela minha vida e a tornaram possível, diante de uma sociedade racista e violenta, especialmente meus amigos da Rocinha: Maria, Valéria, Bel, Marta, D. Doloriza, Carmem e Ana.

Agradeço muitíssimo à minha mãe, Luzia Izaú, que se fez pai e mãe como ocorre com as famílias onde há a matricialidade feminina, mas também agradeço ao meu pai biológico, Antônio Mendes da Silva, que, embora não tenha feito o meu registro, se fez presente ao menos na minha infância e parte da adolescência.

Agradeço muito ao meu pai do coração, João Marciano Soares, que encheu de afeto meu desenvolvimento como pessoa, assumindo também a casa com meus quatro irmãos: Sérgio Ricardo Izaú Mendes (in memorian), Viviane, José Fernando e Edmilson.

Agradeço ao meu esposo e companheiro, Eduardo Gomes de Araujo, que, ao longo desses 18 anos de casamento e quase 30 de relacionamento, me fez por vezes lembrar da minha inteligência e competência acadêmica e profissional, sendo um dos maiores incentivadores para o meu ingresso no doutorado. Nossa jornada se tornou mais bela com nossos filhos : Gabriela Izaú de Araujo, Isabela Izaú de Araujo e Lucas Izaú de Araujo, as minhas fontes inesgotáveis de inspiração, amor e força nas lutas diárias.

Agradeço também a todos os amigos e familiares que sinceramente torcem por mim.

Jamais posso esquecer também de todos os colegas e professores da UERJ, que contribuíram para a minha formação.

Agradeço aos professores e amigos da FaE/UFMG que fizeram parte desta minha trajetória acadêmica, desde o ingresso no mestrado até esta etapa final de doutoramento.

Agradeço aos meus amigos e colegas que residem no aglomerado Serra e que me trouxeram *insights* importantes, desde meu trabalho em um Projeto Social no período de 2004 a 2007.

Agradeço também ao Programa Abdias Nascimento/CAPES pela extraordinária oportunidade de desenvolvimento acadêmico no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, e ao meu orientador, Bruno Sena Martins, que muito acrescentou à construção da tese.

Agradeço ao meu orientador, Rogério Cunha Campos, por me acompanhar neste processo de me tornar a primeira doutora da minha família, sendo também pioneira no campo acadêmico e sempre na torcida para que nós negros, que somos 54% da população brasileira, sejamos um dia regra, e não exceção, em todas as etapas de estudos e em todos os âmbitos escolares e acadêmicos.

Agradeço aos ativistas que me acolheram no coletivo Pretas em Movimento e também a todos que compõem a resistência aos mecanismos de racismo dentro e fora das instituições.

Salve todas as mulheres intelectuais negras e autoras que abriram o caminho e me constituíram como uma mulher negra, pesquisadora que luta em prol de uma sociedade antirracista, anti-patriarcal e anti-capitalista.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo compreender os sentidos intrínsecos da luta pelo direito à cidade, por parte de ativistas na cidade de Belo Horizonte. O cenário atual no Brasil, de diversas manifestações e reivindicações por parte das populações que residem nas periferias urbanas, com agudos e aguerridos questionamentos ao Estado, tem mostrado a necessidade de se analisar, cada vez mais, os sentidos das ações destes sujeitos. Nesta perspectiva, o construto da análise buscou também identificar a participação dos sujeitos nas manifestações que ocorreram em junho de 2013 na cidade, momento histórico que assinala o inconformismo com a constante prevalência dos interesses econômicos e políticos em detrimento às questões de ordem social. A tese tem como questão central a percepção do conceito direito à cidade e das propostas dos ativistas para uma nova concepção da urbe, mais centrada em seus interesses. Parte-se da ideia de que a cidade é plural, diversa, de que os ativistas também são construtores da cidade material e imaterial. O direito à cidade, para além de uma retórica ainda que bem intencionada, diz respeito, fundamentalmente, a existir, resistir, construir, compartilhar, e, para isso, percebe-se a necessidade de que a população periférica seja reconhecida como povo cidadão, ouvida e respeitada em suas necessidades prementes de mobilidade, trabalho e formação. A particularidade do estudo sobre a cidade, nesta análise, se dá na medida em que nos tornamos leitores, mas também construtores da ação educativa e da cena cidadã no meio urbano, entendendo os sentidos que a cidade tem para os sujeitos pesquisados, em sua própria voz. A perspectiva de um projeto outro de cidade traz sinalizações importantes que remetem à necessidade ampla de maior conhecimento sobre as sociabilidades e significados dos modos de vida, sobretudo para residentes nas periferias urbanas como sujeitos que explicitam e vivenciam a segregação e a violação de seus direitos. Trata-se de um estudo qualitativo, que contou com 10 entrevistas narrativas, articulando as concepções individuais e coletivas dos sujeitos. As insurgências urbanas são corpos, vozes, ideais e histórias de resistências em movimento para uma sociedade mais justa, democrática, antirracista, antimachista e anticapitalista.

Palavras-chave: insurgências urbanas – Direito à cidade – periferias- ativistas

ABSTRACT

This thesis aimed to understand the intrinsic meanings of the struggle for the right to the city by activists in the city of Belo Horizonte. The current scenario in Brazil of various manifestations and demands by the populations residing in the urban peripheries, with acute and fierce questions to the State, has shown the need to analyze more and more the senses of the actions of these subjects. In this perspective, the analysis construct also sought to identify the participation of the subjects in the demonstrations that took place in June 2013 in the city, a historical moment that marks the nonconformity with the constant prevalence of economic and political interests to the detriment of social issues. The thesis has as central question the perception of the concept Right to the city and the proposals of the activists for a new conception of the city, more focused on their interests. It starts from the idea that the city is plural, diverse, that activists are also constructors of the material and immaterial city. The right to the city, in addition to a well-intentioned rhetoric, is fundamentally about existing, resisting, building, sharing, and for this, it is perceived the need for the peripheral population to be recognized as a city people, heard and respected in their pressing needs for mobility, work and training. The particularity of the study about the city in this analysis, is the extent to which we become readers, but also constructors of educational action and the citizen scene in the urban environment, understanding the senses that the city has for the subjects researcher in their own voice. The perspective of a project of another city are important signs that point to the broad need for greater knowledge about the sociabilities and meanings of lifestyles, especially for residents in the urban peripheries as subjects that explicit and experience segregation and violation of their rights. It is a qualitative study that counted on 10 narrative interviews, articulating the individual and collective conceptions of the subjects. Urban insurgencies are bodies, voices, ideals, and stories of resistance on the move to a more just, democratic and anti-racist, anti-macho and anti-capitalist society.

Keywords: urban insurgencies - Right to the city - peripheries – activists

RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo comprender los sentidos intrínsecos de la lucha por el derecho a la ciudad por parte de activistas en la ciudad de Belo Horizonte. El escenario actual en Brasil de diversas manifestaciones y reivindicaciones por parte de las poblaciones que residen en las periferias urbanas, con agudos y aguerridos cuestionamientos al Estado, ha mostrado la necesidad de analizar cada vez más los sentidos de las acciones de estos sujetos. En esta perspectiva, el constructo del análisis buscó también identificar la participación de los sujetos en las manifestaciones que ocurrieron en junio de 2013 en la ciudad, momento histórico que señala el inconformismo con la constante prevalencia de los intereses económicos y políticos en detrimento de las cuestiones de orden social. La tesis tiene como cuestión central la percepción del concepto Derecho a la ciudad y de las propuestas de los activistas para una nueva concepción de la urbe, más centrada en sus intereses. Se parte de la idea de que la ciudad es plural, diversa, de que los activistas también son constructores de la ciudad material e inmaterial. El derecho a la ciudad, además de una retórica aunque bien intencionada, se refiere fundamentalmente a existir, resistir, construir, compartir, y para ello, se percibe la necesidad de que la población periférica sea reconocida como pueblo ciudadano, oídos y respetados en sus necesidades urgentes de movilidad, trabajo y formación. La particularidad del estudio sobre la ciudad en este análisis, se da a medida que nos hacemos lectores, pero también constructores de la acción educativa y de la escena ciudadana en el medio urbano, entendiendo los sentidos que la ciudad tiene para los sujetos investigador en su propia voz. La perspectiva de un proyecto otro de ciudad son señales importantes que remiten a la necesidad amplia de mayor conocimiento sobre las sociabilidades y significados de los modos de vida, sobre todo para residentes en las periferias urbanas como sujetos que explicitan y vivencian la segregación y la violación de sus derechos. Se trata de un estudio cualitativo que contó con 10 entrevistas narrativas, articulando las concepciones individuales y colectivas de los sujetos. Las insurgencias urbanas son cuerpos, voces, ideales e historias de resistencias en movimiento para una sociedad más justa, democrática y antirracista, anti-machista y anticapitalista.

Palabras clave: insurgencias urbanas - Derecho a la ciudad - periferias - activistas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Desenho com o qual me presenteou minha cunhada, em 1999, para que não nos esquecêssemos da nossa origem na Rocinha, onde eu conheci meu marido e nos casamos, em 1999, na Igreja Metodista.

FIGURA 2 –Foto da primeira visita ao campo – Fotógrafo Jurutan Alves – Eu e a educadora Patrícia, setembro de 2015.

FIGURA 3 – Foto da primeira visita ao campo – Fotógrafo Jurutan Alves – Detalhe dos prédios do Programa Vila Viva e PAC, setembro de 2015.

FIGURA 4 – Foto das instalações do projeto Academia da Cidade – Aglomerado - Serra - Fotógrafo Jurutan Alves, setembro de 2015.

FIGURA 5 – Foto do segundo dia de visita ao campo – Eu e meu amigo Marcelo, em frente à empresa do entrevistado Luiz. – *Selfie* com equipamento próprio, setembro 2015.

FIGURA 6 – Foto histórica da Praça Sete (BH) – imagem sem créditos, 1951 - Disponível em <http://bhnostalgia.blogspot.pt>.

FIGURA 7 – Foto do aglomerado da Serra (BH) – Fotógrafa Sheyla Bacelar. Publicada no Instagram da autora e utilizada na tese com autorização - 22 de abril de 2017.

FIGURA 8 – Foto do aglomerado da Serra (BH) – Fonte: Google Images.

Disponível em

https://www.google.pt/search?q=aglomerado+serra+bh&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiC07LkxP_WAhWKJhoKHYY10CUQQ_AUICygC&biw=875&bih=408#imgsrc=qXZGV0plMteWvM –

FIGURA 9 – Foto de uma manifestação do “Muitas, a Cidade que queremos”- Facebook do “Muitas” – publicada em 01 janeiro de 2017, por Flávia Maia.

FIGURA 10 – Foto de manifestação contra a Copa do Mundo de 2014. – Fonte: Google Images. Disponível em: <https://apublica.org/2013/06/por-protestam-contra-copa/> - sem autoria

Montagem com fotos de candidatos/as à vereança em BH: Edmart, Cristal, Avelin Kambiwá, Dú Pente – FONTE: Google Images.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS	16
2.1 Elementos constitutivos do corpus empírico	30
2.1.1 Entrada no campo.....	30
2.2 Com eles, a palavra! Descrição dos sujeitos em suas próprias falas	31
2.3 As entrevistas narrativas: o olhar de dentro, de perto e de longe	34
2.4 Vai ter negra pesquisadora sim! Reflexões a partir de outros passos que vêm de longe	37
2.5 Reflexões sobre o estudo das insurgências urbanas na área da educação	40
2.5.1 O (des)silenciamento dos sujeitos: narrativas, política e poder a partir do conceito de experiência em Walter Benjamin	43
2.5.2 O desafio da universidade hoje frente à necessidade de diálogo transcultural e pensamento decolonial.....	48
3 POÉTICA DE ESPAÇO E VOZ: Encontros e desencontros	65
3.1 Conceito de cidade na pesquisa	66
3.1.1 Análise do conceito de cidade na tese.....	76
3.2 Articulando as vozes sobre a cidade: morro, aglomerado , favela ou quilombo	86
3.3 Conceito de insurgência na tese	98
4 SINAIS DE INSURGÊNCIA URBANA EM BELO HORIZONTE	103
4.1 Os sinais de Insurgência na "Territorialização da Desigualdade": Dados empíricos	103
4.1.1 Muitas - a Cidade que queremos	105
4.2 Relação dos movimentos e ações insurgentes com as manifestações de junho de 2013	110
4.2.1 Relação entre as ações de insurgência com as manifestações de junho de 2013 em Belo Horizonte.....	118
4.3 Direito à cidade na narrativa dos sujeitos: manifestações de junho de 2013	130
5 REFLEXÕES POÉTICAS NO UNIVERSO DO TEMPO – Considerações finais	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142

1 INTRODUÇÃO

A presente tese teve como objetivo compreender os sentidos intrínsecos e extrínsecos da luta pelo direito à cidade por parte de ativistas jovens residentes no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. O cenário atual de diversas manifestações e reivindicações da juventude, com agudos e aguerridos questionamentos ao Estado, tem mostrado a necessidade de se analisar cada vez mais os sentidos das ações destes sujeitos.

Nesta perspectiva, o construto da análise parte das manifestações massivas no Brasil em junho de 2013, momento histórico que assinala o inconformismo com o constante desmando do capital e dos interesses corporativistas, em detrimento das questões de ordem social. Parte-se da concepção de que os jovens ativistas também são construtores da cidade material e imaterial. Ou seja, a pauta de lutas e a construção de novos sentidos e objetivos quanto a ocupação dos espaços públicos, por exemplo, ou, ainda, a perspectiva de um projeto outro de cidade, são sinalizações importantes que remetem à necessidade ampla de maior conhecimento sobre as sociabilidades e significados dos modos de vida dos jovens, sobretudo os residentes nas periferias urbanas como sujeitos que explicitam e vivenciam a segregação e a violação de seus direitos.

É no bojo destas transformações que esta pesquisa se dirige para contribuição com novos olhares que nos permitam desvelar os processos que fomentem ações para uma sociedade mais justa e igualitária. A tese concretiza a materialização do sonho de tornar-me pesquisadora no campo da educação.

Isto porque, pisar o chão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG) tem a dimensão do sonho cultivado com suor e lágrimas. Sementes que plantei e acalentei há dez anos, no mestrado nesta mesma instituição, ou ainda antes, pois, por ter dimensão do sonho, sinto que ele não está propriamente restrito a este momento cronológico.

Contudo, desconstruindo o paradigma da neutralidade científica, a pesquisa está

diretamente relacionada ao meu lugar de fala, e de ser no mundo. A inspiração veio da memória de tantos jovens que conheci, como moradora da favela da Rocinha por 26 anos, e que, por diversos motivos atrelados à condução de suas trajetórias, não tiveram a oportunidade que conquistei para desenvolver esta pesquisa.

Neste sentido, relaciono meu olhar sobre a realidade, referindo-me em primeira pessoa, por não ser neutra e exatamente tecer críticas aos fatores que dizem respeito a grupos segregados e marginalizados em nossa sociedade. Sem incorrer na reprodução de discursos denunciastas ou maniqueístas, penso que abordar a cidade de Belo Horizonte no olhar dos jovens residentes no Aglomerado da Serra, me lança imediatamente a relativizar meu olhar de pesquisadora com vivências outras, prenes de sentidos e significados.

A pesquisa, em seu cerne, é a desconstrução da naturalidade em pensar a relação entre os rebatimentos da escravidão e os lugares sociais das pessoas negras na sociedade brasileira, visto que não seja uma mera coincidência o enorme contingente de pessoas negras a viver nas periferias urbanas. Ou seja, por ter sido um dos últimos países da América Latina a abolir a escravidão, em 1888, até hoje percebe-se, nas localidades de baixa renda, um forte percentual de pessoas negras que continuam tendo seu direito de ser e viver bastante cerceado e limitado.

As limitações postas a este segmento populacional perpassam, obviamente, todos os direitos que compõem a cidadania, tendo o acesso à educação como um dos obstáculos ao desenvolvimento pleno de construção de si e para si.

A origem da tese foi suscitada também em reflexões acadêmicas a respeito dos processos de apreensão dos conteúdos disciplinares do Programa de Doutorado em Educação da FaE-UFMG, além de leituras anteriores à minha inserção na instituição.

Acrescenta-se, também, minha trajetória acadêmica e a escolha ídeo-política em pesquisar sobre fenômenos sociais ocorridos com populações em

vulnerabilidade social e que, muitas vezes, têm sido silenciadas ou invisibilizadas nas pesquisas sobre o tema.

Ao analisar a literatura sobre o tema, percebi a necessidade de produzir uma análise que identifique os sentidos atribuídos pelos jovens residentes em Periferias Urbanas, como partícipes e construtores da cidade belorizontina.

Além das escolhas epistemológicas, ideológicas e políticas, tive a oportunidade de aproximar-se como pesquisadora da localidade Aglomerado da Serra, motivada pelo desejo de compreender a percepção dos sujeitos acerca da cidade em que vivem e trabalham. A minha primeira aproximação com a localidade foi através da experiência como assistente social em um projeto social de força midiática nesta localidade, no período de 2004-2007.

Durante o meu trabalho no Aglomerado, pude conhecer muitos educadores, instituições locais, lideranças e acompanhar o trabalho das oficinas culturais com crianças e adolescentes de sete a 14 anos e ainda colaborar para a implantação de uma escola de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no projeto.

Esta rica experiência, me forneceu oportunidade para realização da pesquisa, no sentido de buscar no doutoramento processo de amadurecimento teórico e epistemológico capaz de ampliar o olhar a respeito do tema em questão. Sem a pretensão de esgotar o tema, objetiva-se perceber os complexos significados sobre a cidade dos sujeitos, para os sujeitos, a fim de buscar elementos que indiquem a importância de desconstruir estereótipos, estigmas e preconceitos para com eles, compreendendo-os no papel de trabalhadores e construtores do tecido social da cidade de Belo Horizonte. Contudo, a construção da pesquisa não foi linear, e passou por profundas transformações desde sua primeira concepção.

Ao lançar-me no desafio de aprender profundamente, tive o intenso exercício de elaboração, que culminou em diferentes versões da pesquisa, encontrando na oportunidade de estudar no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, o amadurecimento temático e aprofundamento das contribuições do prof. dr. Rogério Campos, que passou a orientar-me desde setembro de 2015,

fortalecendo minha imersão na perspectiva crítica a respeito das manifestações de junho de 2013 na ótica dos sujeitos pesquisados.

Os processos de orientação somados a bibliografias indicadas nas disciplinas cursadas na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), além das atividades profissionais como docente em disciplinas ministradas ao longo do tempo, acrescentaram muito ao percurso acadêmico, ensejando a matrícula na disciplina Reflexões sobre Movimentos sociais na perspectiva Decolonial, ofertada pelo Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich/UFMG).

No período de julho a outubro de 2016, foi iniciada a primeira etapa da pesquisa de campo. A entrada no Aglomerado Serra se deu por iniciativa da pesquisadora, mas, desta vez, sem a utilização do *know-how* anterior na localidade como ponte para as entrevistas. De março a julho, lancei-me a conhecer de outra forma a localidade, atualizando o repertório geográfico que possuía por haver trabalhado anteriormente na comunidade.

Assim, minha primeira visita ocorreu por intermédio de uma educadora que reside na localidade, apenas para (re) conhecimento do espaço após as intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). No primeiro dia de campo, foram notadas várias mudanças. Desde a nova organização geográfica dos pontos de ônibus, alargamento das ruas, construção de praça, implantação da academia da cidade e outros. No trabalho de campo, e contínua busca online, descobri sujeitos que haviam participado das manifestações de 2016, com temas alusivos ao desenvolvimento da cidade e suas percepções, reivindicações, observações que muito contribuem para fortalecimento da democracia e de uma cidade não excludente, principalmente considerando-se a atual conjuntura e arrefecimento dos direitos sociais e civis que constam na Constituição Federal de 1988.

A justificativa para o desenvolvimento da tese se assenta em encontrar elementos nos discursos e práticas dos sujeitos pesquisados, que poderão servir de subsídios para políticas educativas, propostas e projetos mais próximos aos interesses da população em estudo. Busquei alcançar o objetivo

geral de identificar e compreender a percepção dos ativistas sobre a cidade de Belo Horizonte e o direito à cidade, a partir do lugar a que pertencem, relacionando este conhecimento com o contexto das manifestações em BH no período do mês de junho de 2013.

Os objetivos específicos foram delineados, ainda antes de meu processo de qualificação, na esteira das provocações muito bem vindas ao longo das orientações, das disciplinas e também no período em sala de aula, por ocasião do meu estágio docente na disciplina Movimentos Sociais que incidiram em *insights* muito ricos. São cinco os objetivos específicos:

- Identificar as percepções dos sujeitos sobre o conceito de cidade;
- Conhecer as percepções dos ativistas sobre Direito à cidade;
- Identificar como as manifestações de junho de 2013 se relacionam ao Direito à cidade. na ótica dos entrevistados.
- Conhecer as insurgências urbanas nas quais os sujeitos pesquisados se inserem e as experiências que estão envolvidas;
- Contribuir com pesquisas congêneres em prol de processos de educação que reconheçam a voz das pessoas que residem e que atuam na perspectiva contra-hegemônica, antirracista e anticapitalista.

A tese está organizada em quatro sessões temáticas, sendo a primeira, o traçado das perspectivas metodológicas, a segunda o registro dos conceitos principais do estudo, a terceira a análise sobre direito à cidade, relacionando-o às manifestações de junho de 2013, e o quarto, que traz as experiências de insurgências urbanas na cidade de Belo Horizonte.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem me conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no pereditado ato de traçar uma escrevivência.

(Conceição Evaristo)

2 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Apresento as questões metodológicas, explicitando a razão das escolhas necessárias à construção da tese. Exponho em quatro itens, apenas para organização do registro, visto que são indissociáveis e nada lineares.

No 2.1, apresento a narrativa da escolha do tema, o processo de diálogo com o campo de pesquisa, as características da localidade em análise, o tipo de pesquisa e modelo de entrevista; no 2.2, o perfil dos sujeitos entrevistados em suas próprias vozes; no 2.3, explico a concepção de entrevista narrativa como aprendizado mútuo, apresentando também as possibilidades e limites da gravação em áudio, no item 2.4, trago reflexões a respeito do processo, com o objetivo de fortalecer e contribuir com outras pesquisas que questionem o eurocentrismo¹ ainda vigente na cena acadêmica e, finalmente, no item 2.5, falo da importância da reflexão sobre as insurgências urbanas na área da educação.

¹ - A crítica ao eurocentrismo diz respeito à concepção de poder segundo a qual somente a Europa, produz conhecimentos que tem valia para todos os outros continentes, especialmente para os países em desenvolvimento. Sobre este assunto, sugiro a leitura do texto História, Raça e Manuais Escolares in: Os contornos do Eurocentrismo – Raça, história e textos políticos das autoras Marta Araujo e Sílvia Rodriguez Maeso.

Por ser uma mulher negra pesquisadora, cada sessão temática da tese também terá como epígrafe poemas, reflexões e citações de escritoras, romancistas e intelectuais negras. Uma forma de dizer a quem me lê, que a escrita está eivada de significados que estão muito além das linhas desta pesquisa. É preciso descolonizar-se para ampliar o olhar sobre o que vemos, o que lemos e o que somos.

A epígrafe da autora Conceição Evaristo, no livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, diz muito sobre a forma de escrita proposta nesta tese, e assinala minha pequena inclinação como poeta que se vê diante de uma escrita acadêmica. Para quem tem os olhos de poeta, como eu tendo a tentar ter, o entorno da racionalidade e intelectualidade também faz parte amalgamada deste registro de narrativas, que não são minhas, mas que se tornaram uma grande parte de minha história como postulante a me tornar doutora em Educação. Cada fala dos entrevistados que registrarei na tese, são para mim expressões biográficas que, ao encontro de minha própria biografia, me colocam como ouvinte privilegiada e uma interlocutora que conhece a importância do lugar de fala de cada sujeito. Entendo que, contrariando a pretensa “neutralidade científica” como um paradigma que muitos pesquisadores ainda seguem, faço da palavra dita um circular filosófico que me aproxima de quem eu fui ao residir duas décadas na favela da Rocinha, mas também traz, e muito, quem eu almejo ser.

A tese como a que pretendi desenvolver, se alimenta de narrativas, pensamentos, conceitos que reconheço humildemente necessitar que dialoguem com minhas singelas conjecturas, através do exercício de triangulação que articula: dados oficiais a respeito da localidade, entrevistas narrativas, e a bibliografia pesquisada.

Respeitosamente, trago à memória uma mulher tão incrível como a escritora Conceição Evaristo, que tem sido uma força na luta contra tudo o que nos aprisiona e tenta nos submeter, para ilustrar a força imagética e política do povo

que, sistematicamente, vem sendo silenciado. Trata-se de uma pesquisa que reconhece nas vozes o caráter imanente e histórico da luta pelo Direito à cidade. Trato com muita reverência, cada palavra dirigida a mim por parte de meus entrevistados; palavras que nos unem nesta escrita quase acadêmico-poética a respeito das insurgências urbanas. Dito isso, afirmo que os elementos constitutivos do corpus empírico foram:

A desmitificação do (des)conhecido: entrada no campo e (re) construção dos diálogos; Características da localidade pesquisada; Perspectivas metodológicas: pesquisa qualitativa, entrevistas narrativas.



Foto 2 – Primeira visita ao campo, com o fotógrafo Jurutan Alves, em setembro de 2015, acompanhada da educadora Patrícia.

A entrada no campo deu-se em julho de 2016, quando, através das redes sociais, busquei diálogo com educadores que havia conhecido anteriormente no período de 2004 a 2007, quando atuei profissionalmente na localidade.

Neste momento, observei que alguns deles já não residiam no Aglomerado Serra, e outros tinham grande dificuldade em manter o diálogo nas redes sociais, devido ao acesso à *internet* ainda restrito a quem pode pagar pelos

serviços, ou se deslocar para locais com *wifi* livre, ou, como eles gostam de dizer, “*wifi free* ou 0800”.

O tempo, que nunca nos é suficiente quando se faz pesquisa, servira como um vilão em apressar-me, enquanto o tempo das relações sociais transcorria de forma lenta. Decidi entrar no grupo do *facebook* “Planeta Aglomerado” e informar a todos os participantes sobre a pesquisa e sobre a importância da participação dos que quisessem fazer parte. Para minha surpresa, não houve retorno.

Refiz meus passos, pensando em qual seria a melhor estratégia de comunicação nestes tempos velozes, e senti que deveria aguardar um pouco mais. Tive, então, retorno de uma educadora que trabalhou comigo anteriormente, com a qual marquei a visita ao campo. Foi um dia de calor, em pleno inverno, e fiquei feliz por sua atenção e disponibilidade, pois certamente tinha coisas muito mais importantes na agenda do que atender-me. De fato, ao conversarmos, ela me informou estar em campanha para se tornar conselheira tutelar e tinha pouquíssimo tempo para estarmos juntas.

Após idas e vindas para acertar a agenda, encontramos-nos no Aglomerado, depois de 10 anos. Eu estava acompanhada de um amigo querido que se prontificou a fazer as fotos. Observei que a localidade havia mudado profundamente nesses últimos anos. As obras do PAC, implantado no governo da presidente Dilma Roussef, havia alterado as rotas e pontos de ônibus, assim como o território, com a ampliação das vias públicas e construção de prédios para moradia popular.



Foto 3 – Primeira visita ao campo – setembro de 2015. Em detalhe, os prédios construídos pelo programa “Vila Viva” e o PAC, no governo Dilma Rouseff.

Ao caminhar pelo aglomerado, junto com a educadora Patrícia e com meu amigo Jurutan Alves, fotógrafo que gentilmente fez o registro, deparei-me com uma praça, chamada “Praça do Cardoso” que consiste numa enorme quadra de esportes e também conta com os aparelhos para atividades físicas do programa municipal de “academia a céu aberto”, chamadas de “Projeto Academia da Cidade”. Segundo documento oficial da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), as academias da cidade são “locais para a prática de atividade física que tem como princípio a adoção de um processo educativo e cultural a mudança de hábito de vida”.²



Foto 4 – Instalações do projeto Academia da Cidade, na esquina da Praça do Cardoso, aglomerado Serra/ setembro de 2015 – Foto cedida pelo fotógrafo Jurutan Alves.

As transformações profundas no espaço físico, foram comentadas de forma positiva pela educadora, que assinalava a importância de áreas de lazer, principalmente para as crianças e para os jovens da localidade.

² Sobre o projeto, encontra-se disponível online o documento na íntegra: <http://www.pbh.gov.br/smsa/talento/Academia%20da%20cidade.pdf>

Percebemos, ao final do percurso entre os becos para encontrar a educadora, que estávamos sendo observados por jovens que nos olhavam de forma desconfiada. Meu amigo mostrava-se temeroso por pensar que se tratassem de jovens armados e que poderiam confundir-lo facilmente com um policial. De fato, como a história do Brasil nos mostra, um corpo negro circulando na cidade é muito diferente de um corpo não-negro em livre circulação. Meu amigo que é negro de 1,83 de altura não passaria despercebido em nenhum contexto social. Seu temor real muito diz sobre a construção imagética, social e política do corpo negro na cidade. De fato, desde os tempos da escravidão, o corpo negro é visto como mercadoria que precisa ser vigiada.

A polícia, que contou com negros para capturar os fugitivos do regime escravocrata, também constitui ameaça real. E, nos aglomerados, a truculência e abuso de poder com que a polícia trata a população pobre, é reiteradamente apresentada nos noticiários brasileiros como algo banal, constituindo sistematicamente a imagem do corpo negro de forma pejorativa. Patrícia nos esclarece que, por nos verem com ela, e terem na cultura do Aglomerado diversos estudos e visitas de pesquisadores, já é de praxe que saibam da nossa visita, mesmo sem ter a necessidade dela falar diretamente com o “dono do morro,” como ela se referiu ao atual traficante líder, de quem não mencionou o nome.

Após este primeiro dia de entrada no campo, continuei o diálogo com outras pessoas que já tinham inserção no Aglomerado e também em outras localidades. Uma delas, Hugo Pires³, fora meu aluno, jornalista que, coincidentemente, também queria conhecer melhor uma iniciativa de jovens da localidade, chamada “Lá da Favelinha”. Hugo desenvolve um trabalho social chamado “Papo reto – a vez dos jovens”.

³ O trabalho realizado pelo jornalista Hugo Pires pode ser acessado através do link da rede social Facebook: <https://www.facebook.com/paporetojuventude??hcref+ARRMYg7vB5RvLIRL8QTxISuS5OhnYwo0yPekwfvkC9lp-bZ-l1mbVVnlOvKlx>

Através deste trabalho de cunho formativo, Hugo conheceu diversas iniciativas da juventude de periferia. Uma delas fora o “Lá da Favelinha” que desde a primeira vez que ele mencionou despertou meu interesse. Após este primeiro contato com o campo, passei, através de conversações, ao segundo estágio da pesquisa de campo, em direção a novas descobertas.

Naquele momento, eu já havia cumprido grande parte dos créditos em disciplinas e almejava ampliar e atualizar minhas informações a respeito do campo de pesquisa. Através do olhar e das indicações bibliográficas do orientador, fui me lançando no desafio de romper com a inserção profissional anterior na localidade, para aprender mais e mergulhar nas novas experiências de análise, tendo como pano de fundo o direito de alterar substantivamente minhas perspectivas iniciais à entrada no doutorado. As metamorfoses pelas quais passei durante este processo me levaram a conhecer, através de diversas visitas ao campo, a iniciativa do “Lá da Favelinha”, que marca uma virada conceitual, epistemológica, política e ideológica nos rumos da tese, somada ao crescente interesse em compreender a relação entre as vozes dos sujeitos e as manifestações de junho de 2013.

Nesse percurso como pesquisadora, redescubro-me disposta a aprender e mergulhar no inusitado que a realidade poderia trazer. Para isso, resolvi fazer um caminho completamente diferente, tentando me desvincilhar dos vícios que uma postura endógena e comunicacional com as instituições que fizeram parte de minha atuação profissional anterior poderia trazer. Dispus-me a uma caminhada de imersão, com um diálogo, agora, através do ser aprendente que era latente em mim.

Naquele momento, fortaleci meu diálogo com o Hugo Pires e agendei as entrevistas, através de canais *inbox* nas redes sociais, com representantes do “Lá da favelinha”. Dessa vez, fui acompanhada de um outro amigo negro, o Marcelo, que aparece ao meu lado na próxima foto.

Marcelo me veio ao pensamento por haver dito, em uma ocasião em que fui palestrante, que se colocava à disposição como motorista caso eu dele necessitasse, sabedor de minha grande necessidade de deslocamento pela cidade - por não dirigir e não poder sempre contar com os horários do transporte coletivo, devido a uma agenda de inúmeros compromissos. Aceitei de bom grado sua gentileza em acompanhar-me com sua Kombi, que tinha o prazer de apresentar como um bem precioso, comprado com muito suor e trabalho.

Na foto , aguardávamos a chegada do Luizinho, que informava ser o dono de uma empresa de comunicação comunitária, na qual concederia a entrevista.



Foto 5 – Segundo dia de visita ao campo, com o motorista e amigo, Marcelo, em frente à empresa do entrevistado Luiz.

A entrevista transcorreu de modo fluido, com um diálogo franco, livre e amistoso que abriu caminho para interrogações outras, que me levaram a considerar a ampliação da pesquisa de campo. Assim, foram realizadas 10 entrevistas, sendo seis com ativistas residentes no Aglomerado e quatro com ativistas em movimentos insurgentes, com enfoque no Direito à cidade.

Ocorre que, no devir do processo de diálogo e de busca como pesquisadora do campo da educação, a imersão do campo e a escolha do tema tiveram como

pressupostos: a minha escolha ideológica ao querer aprofundar os estudos sobre a periferia urbana, iniciados no mestrado há mais de dez anos com a dissertação “O olhar do jovem de periferia sobre qualidade de vida e meio ambiente”; e no doutorado, em que persegui a ideia de reconhecer as vozes das pessoas que vivem ou atuam em periferias na perspectiva de desenvolver e ampliar o olhar a respeito do Direito à cidade e das insurgências que se colocam no horizonte de luta que travam cotidianamente.

A questão central que orientou o estudo foi: qual a percepção dos entrevistados sobre o Direito à cidade, tentando captar também se, em suas representações e narrativas, haveria relação destas percepções com as manifestações de junho de 2013.

Num primeiro momento, a tese tinha como título “Sociabilidades segregadas: modos de viver e resistir – manifestações de jovens residentes no Aglomerado Serra sobre o Direito à cidade”. Com este título, a pesquisa fora apresentada na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), região Sudeste, em julho de 2016, em formato pôster com roda de debates. O debate mostrou-se profícuo, visto o tema ter sido extremamente elogiado e acolhido. Ao retornar a Belo Horizonte, coloquei sob nova análise o sentido do conceito “segregação”, ouvindo outras vozes que tematizaram a relação dos jovens com as novas tecnologias.⁴

Observei que, uma vez estando em contato com diversas realidades externas à localidade, seja através das redes sociais ou dos deslocamentos necessários ao desenvolvimento da vida, o termo segregação não denotava, de fato, a dinâmica que a pesquisa indicava.

Assim, ainda com este nome inicial em perspectiva, ingressei no processo seletivo para o doutorado "sanduiche" no Centro de Estudos Sociais da

⁴ REIS, Juliana Batista dos. **Transversalidade dos modos de socialização e individuação**: experiências juvenis em Rede. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação –Fae/UFMG, 2014.

Universidade de Coimbra, através do Programa de desenvolvimento acadêmico Abdias do Nascimento: Interculturalidade e Relações Étnico-raciais: saberes, territorialidades e cultura.

Na Faculdade de Educação (Fae/UFMG, o programa previa uma bolsa de estudos de quatro meses a um ano, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Submeti-me a todas as fases do processo, logrando êxito, e, em maio de 2017, iniciei meus estudos em Portugal, no Programa *Human Rights in Contemporary Societies*, contando com a orientação do prof. dr. Bruno Sena Martins, que integra o corpo de docentes deste programa e também atua como vice-diretor do Centro de Estudos Sociais. Ao chegar na Instituição portuguesa, participei de duas aulas magistrais do prof. dr. Boaventura de Sousa Santos, que, somadas ao processo de orientação do Bruno, suscitaram o conceito de Insurgência, como expressão da indignação por parte das populações excluídas.

Na esfera desses acontecimentos, motivou a minha saída do Brasil para o estudo no exterior, o desejo de vivenciar a experiência da escrita em ambiente mais propício à necessária solitude e investimento de tempo para escrita. De fato, se é notória a necessidade para todos os pesquisadores no Brasil, quando se trata de uma pesquisadora negra as questões se aglutinam ainda mais.

Tenho três lindos filhos em idade escolar e um companheiro acometido de um grave problema de saúde, que, por ser uma doença crônica, muito compromete seu estado emocional. A situação familiar de muitas requisições ao mesmo tempo, e a necessidade de sobrevivência e compromissos financeiros não cobertos pela bolsa Capes, me fizeram tomar uma decisão difícilíssima, sem a qual, porém, seria quase impossível finalizar a contento a construção da tese.

Assim, no ensejo da descoberta do edital Abdias Nascimento, uma reunião com toda a minha família selou o meu destino, e vi, no carinho dos meus filhos, do meu esposo e de minha mãe, a força e compreensão necessárias à suspensão

da pesada rotina cotidiana para esta grande aventura de tornar-me pesquisadora, também com experiência internacional.

Em concordância com Streck e Moretti (2013, p.35)⁵: “A insurgência, superando sua forma de levantamento apenas, nos remete a sujeitos em luta contra o esquecimento”. A luta contra a opressão capitalista se faz a todo tempo pelos sujeitos que se rebelam contra a desigualdade social, o arbítrio, o autoritarismo inerente à colonização e ao patriarcado.

O desenvolvimento da tese, com todo este contexto, denota a capacidade, também no campo da construção do *ethos*, de experimentar na prática a perspectiva de luta e de convergência dos olhares de quem se torna, a cada instante, mais um a enfrentar os dilemas da vida. Neste processo, internamente também me dispus a aprender sobre o impacto do eurocentrismo e da colonialidade no modo de construção do conhecimento, uma vez que a tese não é um registro biográfico, mas não serei quem sou, se não desvelasse também o contexto de sua construção.

Trata-se portanto, de uma pesquisa qualitativa, firmada em conceitos já elaborados por pesquisadores decoloniais, que desde há mais de uma década visaram desconstruir a perspectiva eurocêntrica, ainda hegemônica, segundo a qual a pesquisa qualitativa teria menos valia que as realizadas pelas ciências “puras” ou “exatas”. Concordando com a visão de Santos (2008)⁶, a perspectiva da cisão entre ciências sociais e ciências naturais não se justifica, pelo fato de ambas se interpenetrarem, permitindo a construção do paradigma emergente, no qual se reconhecem todas as formas e amplitude do conhecimento. Soma-se a isto que, bebendo da água de autores como Freire (1996)⁷, é importante

⁵ STRECK, Danilo R; MORETTI, Cheron Zanini – Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana in: **Revista Lusófona de Educação**, n.24. 2013. p 35-52. Disponível em: revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao . Acesso em agosto de 2017.

⁶ SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 20-88

⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

também considerar que os saberes das classes populares precisam ser reconhecidos e respeitados.

Dito dessa forma, assumo minha posição de fazer valer as vozes dos sujeitos, não como meras fontes de dados empíricos, mas como saberes vivos, potentes e que trazem em si a dinâmica social e as singularidades dos que ainda têm sido negligenciados pelo *status quo* do mundo capitalista.

Santos (2008)⁸ também chama atenção sobre a efemeridade da ciência, trazendo à tona diversos questionamentos quanto aos critérios de cientificidade propostos pelo pensamento ocidental que, exatamente devido à centralidade do pensamento eurocêntrico, destituiu a própria ciência daquilo que lhe é substância, ou seja, a própria função social que deveria ser o amálgama de toda construção do conhecimento. Para ele, o paradigma dominante deve ser superado pelo paradigma emergente que não desconsidera outras esferas e dimensões do saber, colocando em cheque as concepções ainda vigentes sobre a centralidade do poder e da função social dos que constroem o conhecimento.

O autor, ao tecer críticas sobre o “Paradigma dominante” que consiste na lógica da ciência moderna, afirma que esta concepção de ciência, defende que “o que não é quantificável, é cientificamente irrelevante”. Portanto, através da perspectiva do paradigma emergente, busquei registrar, através das entrevistas narrativas, os saberes dos sujeitos, suas interpretações, interrogações, e análises sobre o direito à cidade. Escolhi a entrevista narrativa por ser a que mais se aproximava de meus objetivos:

O método qualitativo de pesquisa caracteriza-se por abordar questões relacionadas às singularidades do campo e dos indivíduos pesquisados, sendo as entrevistas narrativas um método potente para uso dos investigadores que dele se apropriam. Eles permitem o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças, valores que motivam e justificam as ações dos informantes. As entrevistas narrativas mostram-se muito úteis

⁸ SANTOS, Boaventura Sousa. *Idem*

aos estudos de abordagem qualitativa, uma vez que a narratividade é uma forma artesanal de comunicação, cujo objetivo é veicular conceitos a partir dos quais as experiências subjetivas podem ser transmitidas. (MYLAERT, C.S; et al (2014. p.198)⁹

A coleta de dados foi desenvolvida através da abordagem qualitativa, contando com 10 entrevistas narrativas, sendo seis delas realizadas em Belo Horizonte, presencialmente, e quatro realizadas durante meus estudos no Centro de Estudos sociais da Universidade de Coimbra, através do uso de gravação em áudio e perguntas de forma privativa com os canais de diálogo das redes sociais. Das 10 pessoas entrevistadas, quatro não residem no Aglomerado da Serra e as outras seis são moradoras. O critério de escolha, foi a articulação com a localidade, direta ou indiretamente, se configurando à medida em que se ampliava o diálogo com cada uma delas.

A seguir, detalharei como entrei no campo de pesquisa, os limites e dificuldades e também a riqueza do processo de encontro com cada entrevistado e entrevistada. Do grupo, são cinco homens e cinco mulheres, todos com idade acima de 18 anos. Todos tiveram ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as recomendações do Conselho de Ética.

No item 2.1 apresento as condições reais da entrada no campo, articulação dialógica com cada entrevistado, questões relacionadas à coleta de dados e uso de instrumentos para gravação das vozes. No item 2.2 – apresentarei os sujeitos conforme suas próprias narrativas e nomes escolhidos para registro na tese; no item 2.3 – detalhadamente explicito as singularidades de cada entrevista e a forma como o diálogo se deu. No item 2.4 – explicito as questões e dinâmicas de ser uma mulher negra pesquisadora no encontro com cada entrevistado, de modo a contribuir para outras perspectivas analíticas. E, no item 2.5, discuto a importância de se refletir sobre as insurgências urbanas na área da educação.

⁹ MYLAERT et al. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. In: Ver.Esc. Enferm. USP, 2014;48 (ESP 2). p 193-199. Disponível em <http://www.EE.USP.BR/REEUSP>. Acesso em: abril de 2017.

2.1 Elementos constitutivos do corpus empírico

Apresento, aqui, as condições reais da entrada no campo, articulação dialógica com cada entrevistado, questões relacionadas à coleta de dados e uso de instrumentos para gravação das vozes.

2.1.1 Entrada no campo

Embora tenha trabalhado no Aglomerado Serra no período de 2004 a 2007, voltar à comunidade em 2016 foi um grande desafio. Em 10 anos, como assinalado anteriormente, a localidade havia passado por uma grande transformação e os contatos anteriores foram ficando raros, devido à mudança de endereço de uns e falta de atualização dos contatos de outros. Além disso, decidi que não queria entrar no campo com nenhum viés institucional. Queria mesmo entrar em contato com os sujeitos, agora como pesquisadora na área de educação e sem vínculo com instituições como escolas ou projetos sociais.

Essa fora uma difícil tarefa, também amplamente discutida no processo de qualificação da tese. Sem dúvidas, seria um caminho menos árduo, percorrer espaços que me eram conhecidos. Porém, seduzida pelo ato de aprender com a experiência me havendo com novas pessoas, novas instituições e ampliação do tema, aos poucos, após minha primeira visita ao campo, entrei em contato com atores sociais do “Lá da Favelinha”.

Nesse contexto, a cena política de Belo Horizonte estava em efervescência. Tomada pelas manifestações e rebatimentos das reivindicações sociais de junho de 2013, a cidade tornava-se palco de experimentações políticas extremamente novas. Uma delas fora a plataforma digital “A cidade que queremos”, que me chamou atenção de pronto por se apresentar como espaço livre de debates e ideias no *Facebook*.

Por me lançar no desafio de aprender e encontrar novas formas dialógicas a respeito do Direito à cidade, observei que este espaço continha contatos com lideranças sociais que eram as administradoras. Uma delas era a Áurea Carolina, que, posteriormente, tornou-se a vereadora mais votada nas eleições municipais da cidade de Belo Horizonte. Encontramo-nos muito antes do período eleitoral e ela, que ainda nem era candidata, me falou a respeito deste canal de interação em direção à construção de propostas coletivas para a cidade. Além dela, em paralelo, segui, de modo intuitivo, minha ação de conhecer outros atores sociais engajados na luta pelo Direito à cidade e suas articulações com as manifestações de junho de 2013.

Como residentes no Aglomerado, tive a felicidade de conhecer o Luizinho, já citado, e também Kadu, Bobney, Sissy, e aprofundar o diálogo com os educadores Patrícia e “Ice band”. Os entrevistados de fora do Aglomerado, além da Áurea, foram a educadora Lenny e o Dú Pente. Ao conversar com os entrevistados, todos terão respeitados na pesquisa e preservados os nomes pelos quais preferem ser chamados.

2.2 Com eles, a palavra! Descrição dos sujeitos em suas próprias falas

Abaixo, na voz dos próprios sujeitos, a forma como se apresentam:

Meu nome é Luiz, tenho 23 anos, nascido e criado aqui no aglomerado da Serra, sou mobilizador social, agente cultural pela comunidade, tenho militância ligada às áreas de favela, direito de jovens moradores de comunidades, sou integrante do centro cultural “Lá da favelinha”, que é um grupo independente de

artistas da comunidade e de fora, que se juntaram para criar um espaço para divulgar e trabalhar a arte sem o contexto burocrático da coisa, sou publicitário, dono da A3 comunicação visual uma empresa de comunicação focada em microempreendedores das comunicades que atende p vilas e favelas de Belo Horizonte. (Luizinho)

Então, meu nome é Scheila, tenho 28 anos, que é a idade de muitas mudanças o tempo todo. Sou arte educadora, sou educadora social, trabalho com adolescentes nas periferias de BH, atualmente trabalho que chama PRO-JOVEM, sou mulher negra, lésbica, favelada... (o que mais falar de mim?) Atuo também como arte educadora mas ao mesmo tempo faço alguns trabalhos na Serra assim , mas nem sei se é trabalho, mas eu acho que é uma coisa de você ser desse espaço e tornar esse espaço com um pouco mais de direito, de acesso assim, com um pouco mais de direitos. Mas na verdade nem sempre se é de acesso, mas que a Serra é um acesso, levando alguns questionamentos e recebendo questionamento também desse espaço. A serra é o lugar que eu nasci, que fui criada, hoje atualmente não moro lá, mas é o lugar onde eu me refiro a minha vida assim, onde faço minhas lutas, e onde eu me refiro por milhões de questões assim...eu sou essa pessoa. (Scheila)

Meu nome é Carlos Eduardo Costa dos Anjos, Kadu, to com 26 anos que vou fazer agora domingo, no momento to na gestão aqui do La da favelinha, to com o pessoal da rádio 9.5, trabalhando com eles também e produzindo as demandas daqui, agora também exposições de artesanato, e agente tá fazendo curso de áudio visual no Plug minas onde mais ou menos 20 pessoas da comunidade estão envolvidas, e a gente tá acabando de gravar uma série para a rede globo no netflix e mais de 50 pessoas da comunidade estão envolvidas e o ator principal é uma criança daqui, protagonista mirim. (Kadu)

Sou bobney depois dos trinta, é atualmente tenho esse nome depois dos trinta anos, mas primeiramente sou Claudinei Pereira de Souza e estou aqui no Centro Cultural Lá da Favelinha envolvidão dando a oficina e de quebra sendo Mc e cantando por aí o nosso rap na revolução e na resistência. (Bobney)

Hudson Carlos, nascido em BH no dia 24/12/1969. Filho de Wilson Faustino de Jesus e Lourdes de Oliveira. 47 anos contrariando as estatísticas da violência no Brasil. Morador do Aglomerado da Serra. (Hudson)

Sou educadora, professora, mãe, enfim, sou milhões de coisas aqui dentro do Aglomerado da Serra. Sou oficina e também sou uma das coordenadoras do projeto “Lá da favelinha” e moro aqui desde os meus 7 anos de idade. Já tem um tempinho bacana de moradia aqui. Aqui dentro do Aglomerado mesmo acho que tem uns 3 ou 4 anos trabalhando aqui dentro, focado mesmo só dentro aqui, tem mais ou menos um ano e meio. (Sissy)

Muito difícil a gente falar da gente, mas eu vou tentar sim. Eu sou Patrícia, moradora do Aglomerado, nasci e me criei, segui uma boa estória no Aglomerado, tive o prazer de ter uma pessoa do meu lado que contava desde o início como era, como foram construídas as primeiras casas. Então foi um prazer assim, conhecer as estórias da minha infância, e foi através da minha mãe que veio pro Aglomerado com 10 anos de idade, e ainda não existia Aglomerado. Através dessa mulher e através de muitos exemplos, não podemos tirar os méritos seus porque você foi uma pessoa que me ajudou muito, e fui procurando me envolver numa outra área e eu vi que com os ideais de minha mãe e com as coisas que ela passava pra mim, eu sentia que ela tinha potencial para muito mais, mas que devido a circunstâncias não conseguiu. Então ela investiu isso nas duas filhas que ela teve. Ela teve 6, mas duas ela investiu. E eu tentava seguir a trajetória dela e hoje eu me tornei uma mulher com 51 anos de idade (linda), mãe de dois filhos, sai por 5 anos do aglomerado e cria seus filhos como a vida vai te exigindo e você vai vendo que você é capaz, que o aglomerado te tira algumas coisas, aí você começa a conviver com outras pessoas e você vai vendo que é capaz. E aí eu voltei a estudar e fiz o ensino médio do cesec que não te dá muita base, mas tive muitos amigos, tive incentivo e prestei vestibular pra PUC, fui bolsista da PUC e consegui concluir o curso de Serviço Social. Não estou exercendo a função no momento, não profissionalmente, mas acho que quando você se forma numa área, que você se sente bem, você a exerce, mesmo que não seja remunerada. E hoje sou isso e meus filhos falam que sou excelente mãe e sou a tia que os sobrinhos amam. Só isso por enquanto, porque é muito complexo falar da gente. (Patrícia)

Eu gosto de ser chamada de Lenny, mas meu nome é Gesilene. Tenho 23 anos, moro no bairro Saudade, na região Leste de Bh, Minas Gerais, Brasil, participo de um grupo chamado grupo "luna" de capoeira angola, do mestre Primo, no aglomerado Saudade, tem 17 anos que estou aqui. Aqui é um centro cultural que tem aulas de flauta, tem para-casa, tem várias atividades para comunidade. (Lenny)

Meu nome é Dú Pente, por favor me chame assim, tenho 29 anos, sou de Belo Horizonte. Sou formado em Comunicação Social e atualmente curso especialização em Marketing Político na UFMG, sobretudo para além da formação acadêmica eu venho de uma consolidação de luta e resistência nas ruas da cidade, pautando sobretudo juventudes, principalmente a juventude negra da qual eu faço parte diretamente, e que é das mais violentadas sistematicamente no Brasil, e na América Latina. Eu simplesmente busquei na academia um espaço onde eu pudesse pautar de diversas formas essa questão, criticando o sistema na sociedade e buscando me unir aos meus iguais buscando também soluções que estivessem ao nosso alcance. Então sou desse campo do ativismo na rua pelo Direito à cidade, pela representação da

juventude negra e das outras juventudes, tanto no campo autônomo e independente quanto no institucional, que é o que acredito. Eu acredito que a gente precisa incidir sobre a estrutura e o sistema que está imposto de uma forma diferente, com perspectiva de que se afastar do institucional é pior. Então basicamente eu fui candidato a vereador no município numa proposta coletiva, onde elegemos duas parceiras, e o nosso lema era “votou em uma, votou em todas” pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, onde carinhosamente chamamos de “Gabinetona”, por unirmos dois gabinetes. Temos uma equipe integrada, incluindo pessoas lutadoras que concorreram a eleição também. Um pouco do meu trajeto é esse. (Dú Pente)

Como eu me defino, sei lá...Sou uma educadora popular, uma lutadora feminista, atualmente vereadora em Belo Horizonte, tenho uma formação acadêmica em ciências sociais e ciência política, sou uma ativista e estou atuando como vereadora para contribuir com o fortalecimento das lutas sociais e construindo um mandato coletivo junto com a Cida Falabela e com outras parceiras, tenho 33 anos, vou fazer 34 em novembro, sou criada em Belo Horizonte. (Áurea Carolina)

2.3 As entrevistas narrativas: o olhar de dentro, de perto e de longe.

Penso ser oportuno explicitar a forma de registro das falas nestes tempos de inovações tecnológicas. Ao conversar com o Hugo Pirez, que é da área de comunicação, tive que lidar com o fato de que as estratégias usadas por mim no mestrado para coleta de dados estavam já defasadas. Assim, descobri que o gravador analógico, que era moderníssimo há 10 anos, com as fitas de *mini-dv*, não poderia mais ser usado, simplesmente porque as tais fitas não são mais comercializadas.

Foi um aprendizado me haver agora com um gravador digital, que, além de maior capacidade para gravar a voz humana, também servia para, através de um cabo USB, transferir todo o conteúdo para o computador. De posse desta maravilha tecnológica, vieram diversas reflexões sobre o quão rapidamente se tornam obsoletos os instrumentos nestes tempos.

A primeira entrevista não contou com este aparelho e, infelizmente, foi bem

complicado o exercício de entrevistar a Áurea Carolina, num restaurante escolhido por ela, havendo interrupções da oralidade devido aos chamados via redes sociais no meu smartphone, ainda que eu tivesse desligado a *wifi*.

Mesmo havendo me certificado em casa de que seria possível gravar a entrevista, na prática, não foi fácil. A entrevista, que durou cerca de uma hora e vinte minutos, infelizmente só continha trinta minutos de gravação. Por isto, em virtude da estreita agenda de ambas, precisei enviar um *e-mail* a ela com o conteúdo transcrito para complementariedade dos dados, já no dia seguinte à entrevista. Obviamente, isto trouxe um percalço, porque não se pode voltar ao tempo inicial da entrevista como um passe de mágica.

Após receber os dados e escrever tudo o que havia em minha memória e nas anotações, decidi conversar com o Hugo, que, como falei anteriormente, foi o responsável por me atualizar sobre a gravação de entrevistas com o gravador digital.

Fora decidido que a entrevista seria em forma de narrativa, permitindo-me interagir, e ao mesmo tempo, deixar o entrevistado à vontade para dizer o que quisesse acerca das questões, que eram todas abertas, a partir de um roteiro prévio, mas não fechado. As entrevistas narrativas, segundo Muylaert et al (2014)¹⁰, são uma importante estratégia de coleta de dados para entrevistas qualitativas.

Alicerçados no conceito de experiência de Walter Benjamin (1986)¹¹, estes autores afirmam que há neste modelo de entrevista, a colaboração e interação entre o entrevistador e os participantes, permitindo troca de informações que ao mesmo tempo que respeita a singularidade do relato, também possibilita a reflexão com o contexto histórico das narrativas.

¹⁰ MUYLAERT et al. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. In: Ver.Esc. Enferm. USP, 2014;48 (ESP 2). p 193-199. Disponível em <http://www.EE.USP.BR/REEUSP>. Acesso em: abril de 2017.

¹¹ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. ROUANET, Paulo Sérgio (Trad.) São Paulo: Brasiliense, 1986.

Os autores acima, que trazem também a contribuição de Luckács¹² a respeito da distinção entre descrição e narrativa, dizem que, na primeira forma de registro, há preocupação da fala em si mesma, sem necessariamente fazer dialogar os sujeitos com seu contexto de vida, como ocorre com as narrativas. Em minha concepção, este modelo de entrevista é adequado aos objetivos da pesquisa, e ao mesmo tempo corresponde, de forma ética, ao que tenho perseguido a respeito das pessoas que me confiam suas experiências de vida.

Concordando com os autores, é na articulação entre a memória vivida e a fala que se registram os significados que os sujeitos apresentam aos temas desenvolvidos no processo de diálogo. Pesquisador e pesquisados, no momento da interação, aprendem e se inserem no entendimento do papel social que cada qual desempenha, neste caso, com o cuidado da horizontalidade, compreendendo que, embora alguns traços históricos da vida dos entrevistados tenham alguma similitude com a biografia do pesquisador, o papel social diferenciado não implica em atitude hierarquizada, e, ao contrário, pressupõe um momento ímpar de sinergias convergentes.

Nesta direção, observo a relevante contribuição de FLICK (2009)¹³, quando afirma que as entrevistas narrativas nos permitem abordar o mundo empírico dos entrevistados, a partir da forma que o representam. Segundo ele,

Esta técnica fornece dados que outras formas de entrevista não são capazes de oferecer por três razões. Em primeiro lugar, a narrativa assume certo caráter de independência durante seu relato. Em segundo lugar, “as pessoas sabem” e são capazes de apresentar muito mais sobre suas vidas do que aquilo que incorporam em suas teorias sobre si mesmas e sobre suas vidas (grifo do autor).p.167

¹² LUKÁCS, G. Narrar ou descrever? Apud KONDER (Org). **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1965.

¹³ FLICK , Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p 164-200.

Para este autor, a entrevista narrativa é uma proposta adequada para registro dos relatos dentro de um recorte de tempo biográfico. No caso da tese, o marco temporal foi as manifestações de junho de 2013 e como estas afetaram a luta pelo Direito à Cidade, na visão dos ativistas. Por esta razão, as entrevistas foram realizadas com um roteiro de perguntas para intervenções de aprofundamento temático, como aconselha o autor, com mínima interrupção nas narrativas. Este método propiciou-me compreender, através da escuta atenta, o conteúdo revelado, oculto ou mesmo pouco explícito nas falas, desvelando os significados contidos no recorte temporal, permitindo-me ver além dele. As minhas intervenções tinham como foco, ao final das questões narradas, registrar no maior espaço possível, a riqueza detalhada por cada um/a participante.

Em que pese os limites e críticas de Flick, quando alerta para o fato de que o método pode produzir mera quantidade de material textual, saliento que a triangulação dos dados das falas transcritas com o contexto histórico, bem como o horizonte político da cidade de Belo Horizonte, forneceram as bases para que as entrevistas revelassem tanto no aspecto único de cada sujeito, como na visão geral, um aporte empírico de grande e denso valor pela potência e relevância de suas contribuições.

2.4 Negra e Pesquisadora: Reflexões a partir de outros passos que vêm de longe.

Penso que a pesquisa de tese também enuncia o lugar social de quem a escreve. Neste sentido, registro meu olhar a respeito do que me motivou a desenvolver as temáticas do estudo. Remetendo-me à Spivack (2010, p 133)¹⁴ a ideia de subalternidade ocidental, invisibiliza e oprime sujeitos que não são reconhecidos e respeitados em sua fala. São outros que, detendo o poder da narrativa, incidem sobre os conhecimentos oriundos dos povos ditos do “terceiro mundo”. No entanto, na medida em que se observa a distância entre o discurso de evolução econômica apregoada pelo pensamento eurocêntrico, e mais

¹⁴ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

profundamente o pensamento neoliberal, vê-se a falácia do discurso que opera de forma a tratar com inferioridade as vozes dos sujeitos que são oprimidos.

Assim, vejo como sendo de grande importância a perspectiva de dizer aqui, que tornar-me pesquisadora do campo da educação é também ter a responsabilidade de desocultar outras vozes que, na minha voz, alcançam a oportunidade de serem reveladas, ainda que o estudo não seja uma descrição autobiográfica. Sou a primeira mulher de minha família a tornar-se graduada em uma universidade pública, a primeira também a ser mestre em Educação, a primeira a ser professora universitária e, agora, a primeira a vir a tornar-se doutora no campo da Educação e Inclusão Social.

Seria muito pouco de minha parte dizer-me como única neste processo. Como eu disse anteriormente, são muitas as vozes silenciadas e que foram também massacradas nesta máquina de moer gente que é o capitalismo, especialmente em sua fase atual no Brasil pós-*impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Não sou a porta-voz de todas as mulheres negras que por força das circunstâncias (com ou sem as recentes cotas nas universidades), obtiveram títulos universitários, mas também não me sinto a única a desbravar a hostilidade do sistema econômico, social, e cultural a sobreviver e subsistir nos espaços acadêmicos. Reconheço muito do que sou naquelas que vieram antes de mim e fazem parte da história desse imenso país.

Sou pioneira em minha família, mas hoje não sou a única nem pretendo ser a última. Sou mais uma das muitas mulheres que me antecederam neste árduo caminho, a articular com dores e tensões o novelo emaranhado de trabalho, carreira, filhos e produção acadêmica. Saúdo, neste sentido, todas as pesquisadoras negras do Brasil: as que vieram muito antes, as que desistiram devido ao machismo e ao patriarcado, as que morreram para que eu subsistisse e resistisse. Vai ter preta doutora sim! Um grito que não pode ser silenciado. O grito que percorre meu corpo, já dolorido da guerra diária contra o racismo e todas as formas de opressão a que as mulheres negras ainda são submetidas.

Neste espaço, digo o quanto é simbólico considerar que, conforme nos diz GOMES(2010)¹⁵, nos anos de 1990 é que se começa a ampliar o campo de reflexão acadêmica com um número mais expressivo de pesquisas que privilegiam temas sociais e raciais. Segundo ela:

Aos poucos, pesquisadores e pesquisadoras oriundos de diferentes grupos sociais étnico-raciais e/ou comprometidos com esses setores sociais começam a se inserir de maneira mais significativa nas diferentes universidades do país, sobretudo as públicas, e desencadeiam um outro tipo de produção do conhecimento. Um conhecimento realizado 'por' esses sujeitos que, ao desenvolverem suas pesquisas, privilegiam a parceria 'com' os movimentos sociais e extrapolam a tendência ainda hegemônica no campo das ciências humanas e sociais de produzir conhecimento 'sobre' os movimentos e os seus sujeitos (grifos da autora).

Para a autora, o papel dos intelectuais negros, tem sido, nesse contexto, questionar a produção acadêmica e o lugar ocupado pelos sujeitos que são pesquisados. Na sua visão, esses pesquisadores, se colocam como sujeitos coletivos e políticos que explicitam as tensões entre a universidade, a ciência e a produção numa sociedade marcadamente desigual.

Nesta direção, penso que a escrita da tese não se dá de forma isenta ao escrutínio da análise do significado da construção do estudo no contexto de sua produção. Ou seja, é exatamente nas tensões do tempo presente, no qual o crescente número de pesquisadores negros cresce, que há a oportunidade para o desvendamento da realidade social, de forma crítica e propositiva.

Busco contribuir para que os sujeitos pesquisados tenham suas vozes reconhecidas, de forma a produzir conhecimentos que desvelem, na tessitura do real, os discursos ainda silenciados.

¹⁵ GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento**: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. Apud SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p.492-516

2.5 Reflexões sobre o estudo das insurgências urbanas na área da educação

Do velho ao jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver. Na face do jovem
o frescor da pele e o brilho dos olhos
são dúvidas. Nas mãos entrelaçadas
de ambos, o velho tempo
funde-se ao novo, e as falas silenciadas
explodem. (...)

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
e não há quem ponha
um ponto final no rap
É preciso eternizar as palavras¹⁶
da liberdade ainda e agora...

O poema de Conceição Evaristo ilustra bem a questão de se pensar o quanto as experiências de vida do velho e do jovem se fundem no passar do tempo. Ela nos convida à dimensão da complementariedade e singularidade das experiências que se revelam no passar do tempo para ambos. Assim, penso que a vida dos que, no passado, se chamavam militantes, continua conclamando os atores sociais em diversas ocasiões históricas para denunciar a miríade de direitos que deixaram ou deixarão de existir no porvir, principalmente, tendo em vista que as questões estruturantes do sistema favorecem a permanência da desigualdade entre as diferentes gerações oprimidas.

Há que se dizer que, embora o conjunto de desigualdades que, no campo do Serviço Social, chama-se questão social, permanece inalterada. Essa questão deriva do processo histórico em que a riqueza produzida não é universalmente compartilhada com a classe que vive do trabalho. Contudo, há também que se pensar que os contextos históricos são peculiares a cada país capitalista, quiçá em um país como o Brasil onde o Estado democrático de direitos está ainda a se

¹⁶ EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. Disponível em: <http://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>

consolidar e onde o sistema capitalista nunca atingiu os patamares dos países desenvolvidos, sendo desses, inclusive, um insistente pedinte de empréstimos e insumos, como país de terceiro mundo.

Há, porém, questões permanentes entre as diversas gerações que, no Brasil, experienciam vivências nas periferias urbanas. Se aprendi com o tempo que as periferias não são iguais e não existe a categoria de pobre como algo universal, porque há também níveis diferenciados de pobreza, mesmo numa mesma localidade, percebi também que a estrutura de racialização e de estratificação das classes se mantém para continuidade do *status quo* de um grupo privilegiado econômica e socialmente.

Nesta direção, o sistema capitalista de fato, desde seus primórdios e nas diversas fases, até o último quartel do século, no que José Paulo Netto (2006)¹⁷ chama de capitalismo na fase “madura” após os anos 1970, com a aguda crise do petróleo, conclama as classes de diferentes segmentos, gênero, raça e idades a se posicionar contra os desmandos do capital. Como Marx disse no Manifesto Comunista “ A história de todas as sociedades, até os nossos dias é a história da luta de classes. (Marx, Engels 2009, p.23)¹⁸

Ainda que se considere a complexidade do tempo atual, face ao momento histórico de 1848 quando da publicação do manifesto, é inconteste que a agudização da pobreza, aprofundamento das desigualdades torna-se notória em todo o país, sobretudo na era Temer, instaurada com o golpe em 2016. A falta de pactuação com os interesses da classe que vive da venda da força de trabalho, coloca na pauta do dia, manifestações de mulheres, gays, negros e todos os segmentos expropriados do trabalho digno e de condições mínimas de vida, a pautar uma política na qual tenham voz e vez. Porém, com críticas à

¹⁷ NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 18-20

¹⁸ MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**, 1848. Porto Alegre: L&PM, 2009.p.23

visão economicista, quero avançar na perspectiva de que as questões que dizem respeito a estes segmentos, não devem ser analisadas somente por um prisma.

Na literatura sobre Movimentos Sociais, por exemplo, observou-se que as questões de ordem subjetiva, como eram consideradas as pautas do movimento negro e do movimento feminista, eram vistas como secundárias, por não portarem, no olhar de muitos o que de fato seria revolucionário: a tomada do poder pela classe operária. Neste sentido, perdia-se a possibilidade de unificação das pautas, não só no Brasil como em outras partes do mundo. Como vimos no capítulo anterior, a pulverização das pautas, por diversos atores contemporâneos em movimentos como os de Seattle, em 1999, e, mais recentemente, na Europa, nos transmitem a ideia de que, de fato, as questões estruturais do sistema capitalista dificilmente serão resolvidas, mas não se deve estudá-las com um foco somente.

É necessário compreender que as requisições intergeracionais de quem vende a força de trabalho, seja através do ativismo ou militância, continuam forçando milhares de pessoas a contestarem o modelo de Estado muito mais centrado em interesses corporativistas e econômicos do que nos interesses e questões dos grupos vistos como subalternos. Por isso, penso na necessidade de que, também no campo da educação, seja fortalecida a insurgência e a crítica ao modo de desenvolvimento das relações sociais no Brasil.

O capítulo tem como objetivo trazer reflexões que possam nos fazer (re) pensar e ressignificar os sentidos que o estudo das insurgências trazem para a área de Educação. Em primeiro lugar, parto da ideia de que evidenciar o lugar de fala dos sujeitos ativistas, reconhecendo-lhes a voz e a importância de suas contribuições para efetivação do Direito à cidade já é, em si, uma experiência educativa. Por esta razão, abordaremos a temática em três seções ou sub-capítulos. Na primeira, faremos a análise do conceito de experiência em Walter Benjamin, como um norte necessário para o desdobramento das outras duas seções que tratarão da questão da educação transcultural, a partir do contributo de Boaventura Souza Santos. Por último, analiso a contribuição do termo educação popular em Paulo Freire, a iluminar nossa perspectiva educativa.

2.5.1 O (des)silenciamento dos sujeitos: narrativas, política e poder a partir do conceito de experiência em Walter Benjamin.

No curso das entrevistas havia um certo hiato entre a experiência da cidade na ótica de jovens ativistas e também na ótica daqueles que vivenciam suas experiências, numa outra fase da vida. Este fato me chamou ainda mais atenção quando me revelaram a diferença entre ser militante ou ser ativista.

Nas narrativas, pude observar o quanto o conceito de ativismo estava mais atrelado à perspectiva mais contemporânea de intervenção e articulação política, enquanto o termo militante tinha, para eles, a conotação de antiga política, muito mais associada a um modelo de política através de entidades representativas, como sindicatos e partidos políticos.

Na análise, identifiquei que, além das lacunas categoriais de que falamos em outro capítulo, também havia a distinção entre gerações diferenciadas que, ao lutar pelo direito à cidade através de suas ações individuais e coletivas, expressavam suas experiências de modo extremamente diferente.

Como na canção interpretada por Elis Regina “o novo sempre vem”¹⁹, o novo também se retroalimenta do legado das experiências dos que o antecedem. Assim, observei que, para alguns, o termo ativista tinha mais proximidade com os jovens (18 a 29 anos) ativistas do que com os que já tinham idade acima dos 35 anos. Nota-se essa questão, por exemplo, nas duas narrativas a seguir. Para Áurea Carolina:

Acho que o termo militante traz uma conotação raivosa. Eu prefiro ser mais amorosa. Acho que o termo ativista ou ativismo seja mais amplo, mais aberto. Tem mais a ver comigo, apesar de entender totalmente os que preferem ser militantes. Para mim política é exatamente isso, ouvir

¹⁹ A canção em questão é “**Como os nossos pais**”, de Belchior, eternizada por Elis Regina no álbum Falso Brillhante, de 1976 – Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wzXWIWPPHU0> - Acesso em: novembro de 2017

amorosamente os contrários, as perplexidades e isso nunca será sem luta ou sem conflitos. Acho que hoje com as redes sociais, a gente consegue mais mobilização social. Mas as pessoas não têm sempre preocupação em participar de movimentos sociais de forma mais presente. O que a gente percebe é pessoas que querem participar de alguma maneira de assuntos que tenham interesse, que são múltiplos, diversos. (Informação verbal)

Sua análise a respeito dos termos “militante” ou “ativista”, também traz os contornos de sua crítica sobre a falência do modelo tradicional de política, que, em Belo Horizonte, nunca perdera a lógica dos oligarcas, donos de fazenda, empresários e comerciantes em sua maioria, que brancos, cristãos e heterossexuais não são representantes das ações coletivas e dos movimentos sociais contemporâneos. É fato que a composição atual da câmara municipal é de 41 vereadores, sendo somente quatro mulheres.²⁰

Neste sentido, ser uma ativista que se autodeclara mulher, negra e feminista, sendo a candidata mais votada no pleito eleitoral, com clara intencionalidade de atribuir à ação política pautas de fato importantes para a cidade, não se dá sem conflitos, principalmente ligados ao machismo e ao patriarcado. Em sua fala, também me chama a atenção sua experiência com as redes sociais, no entanto, sem idealizar a participação e mobilização constante de todas as pessoas que acessam os conteúdos midiáticos de sua gestão.

O uso das novas tecnologias para articulação, ligadas ao conceito de “nova política”, mais amorosa e não menos combativa, me fez pensar muito sobre o dilema entre o novo e o velho, entre a tradição e a modernidade, entre antigas categorias e suas novas versões de questões estruturais. Corroborando estas questões, Luiz, outro entrevistado, se posiciona dizendo que, no tocante à sua participação no “Lá da Favelinha”, o ativismo e militância estão imbricados.

²⁰ A composição completa da Câmara Municipal de Belo Horizonte pode ser vista em <https://www.cmbh.mg.gov.br/vereadores> - Acesso em nov/2017

Para ele:

Falando em Favelinha, complicado fazer essa distinção. Tem várias vertentes dentro de um mesmo projeto. Tem a parte do Centro Cultural, tem a parte de você dar a voz às pessoas, a gente que está mais na parte de organização, a gente fica. Tem pessoas que vê mais como militância, tem pessoas que vê mais como uma biblioteca comunitária. A gente que está produzindo mesmo, fica difícil especificar se é ativismo ou militância. Eu acho que é bem mesclado. No projeto é complicado. Como falei na outra entrevista com você, em termos de comunidade eu sou um militante, agora aqui no projeto, eu não saberia em qual termo me encaixar. Eu sou um apaixonado pelo que eu faço aqui e enquanto eu puder dar voz para esses meninos daqui, eu me sinto bem. (Informação verbal)

Na visão de Luiz, a concepção política nas atividades do Projeto, o ativismo e a militância são simultâneos. Para ele, a visibilidade dos meninos do aglomerado nas atividades culturais e artísticas, com suas vozes, é mais importante que esta distinção conceitual.

De fato, em minha análise, ativismo ou militância não são sinônimos, mas se encontram em vários pontos de confluência. Se, de um lado, o conceito “militante” tem uma força histórica ligada aos movimentos sociais que instauraram questionamentos ao desenvolvimento capitalista, acirrando radicalmente o direito a ter direitos em diversos momentos da história, principalmente ligados às denúncias de expropriação e exploração do trabalho, por outro, as requisições de mulheres, dos negros, da população LBGT, pautadas pelos ativistas, são igualmente importantes.

De fato, a questão social como alicerce da divisão social e sexual do trabalho capitalista, que concerne ao conjunto de desigualdades de raça, classe, gênero, jamais fora superada no país. O contexto atual com o *impeachment* da presidenta eleita Dilma Rousseff, em 2016, e o golpe de Estado por parte do Temer, instaura um cenário de suspensão da democracia e do Estado democrático de Direito, com ataques contínuos aos direitos trabalhistas, previdenciários, políticos e sociais.

A democracia brasileira, ainda não consolidada, e hoje, claramente suspensa, terá de ser fortalecida na luta de todos os agentes sociais militantes e ativistas.

Para tanto, penso estar na ordem do dia a superação de dicotomias conceituais, em direção a complementariedade e luta coletiva.

Uma visão interessante também é a de Du pente. Ele se classifica como

Um ativista. Acho que por uma questão mais conceitual, me descolar de alguns paradigmas, já postos. Quando eu ouço militante eu acho que tem mais a questão partidária assim, então eu não carrego essa história, não tenho essa ligação partidária forte na construção de minha vida, na minha concepção enquanto cidadão e acho que o ativismo consegue representar mais o que eu sou, e me dá mais liberdade de ação. E outra questão do militante, militar, militarismo, eu não sei até que ponto essa expressão é interessante. Se vai reforçar ou combater o que a gente critica na mesma lógica, não sei. Mas acho que sou mesmo ativista. Esse reflexão é bem recente eu não tenho conclusão não. Eu sempre falei de ser ativista pela questão de ter uma lógica mais autônoma da minha construção política e tal, embora eu também seja a favor do Lula, do ladrão que roubou o quê? O meu coração! (Informação verbal)

Ele localiza o conceito militante como ligado, necessariamente, a um partido, por exemplo. Já ativista, não tem uma conotação partidária como critério, ainda que ao final desta fala ele se identifique com o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Todas essas contribuições, também me fizeram pensar muito a respeito do conceito de experiência. Ainda que veja sentido nas conceituações desses sujeitos a respeito dos termos ativista ou militante, é no campo de suas experiências narrativas que partimos para essa análise.

Suas contribuições me trouxeram o pensar a respeito do conceito de experiência em Walter Benjamin como construto filosófico que nos aponta a importância de se superar perspectivas dicotômicas, sectárias e estanques nas experiências desses sujeitos com a construção do conhecimento acadêmico.

Para Rocha (2016)²¹,

Benjamin inicia o texto “experiência” apresentando-nos uma série de significados atribuídos a essa noção. A experiência conota tudo aquilo

²¹ ROCHA, Sergio Luiz Alves da. **Experiência e tradição em Walter Benjamin**: Ressonâncias para a educação. Revista Latinoamericana de ciencias sociales, Niñez y juventud, 14 (1), p.121-132

que foi vivido pela geração mais velha, que um dia também foi jovem, e, nesse sentido, comungou de uma postura diante da vida que é similar à das mais novas gerações. Uma postura de abertura à possibilidade de escolher novos caminhos de defesa intransigente de efetuar escolhas que sejam suas. Entretanto, ao mesmo tempo, como condição de entrada na vida adulta, essa maneira de encarar a vida precisou de ser abandonada em troca da “grande experiência de vida adulta (p.123)

Busquei compreender a partir do conceito de experiência em Walter Benjamin (1984)²², que fora citado por Rocha, acima, por este último buscar superar a ideia ainda dicotômica entre os jovens e os que têm maior faixa etária. De fato, os sujeitos da pesquisa, que somam 10 pessoas (cinco homens e cinco mulheres) com idades entre 23 e 49 anos, me fez querer entender quais os outros sentidos e significados oriundos do antagonismo teórico entre as expressões ativista e militante, no sentido de transcender as ideias binárias.

O que motivou minha visão a respeito disso, é também como nos provoca Rocha (2016)²³ a fazer, neste movimento de transcendência, indagações a respeito de como tanto um termo como outro podem produzir sinais de transformação social, para dentro do campo da educação. No entanto, reconheço que esta afirmativa também só faz sentido se atravessarmos a crítica a uma educação eurocêntrica, que não reconheça o imenso valor dessas narrativas para o fortalecimento da educação como campo de saber para a vida em sociedade. Muito oportuna a afirmativa do autor que, baseado no legado Benjaminiano, nos diz que

A estreita ligação entre o Estado e a Universidade deturpa o real significado da ciência. A burocratização promovida pelo Estado nas universidades alemãs desvirtuou a idéia de ciência, associando-a a uma simples preparação para o desempenho de uma profissão. Com isso, o “espírito criador” foi transformado em “espírito profissional. (p 124)

A perspectiva de que a universidade venha a ser, de fato, formadora do “espírito

²² BENJAMIN, Walter. **A vida dos estudantes** – Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.

²³ Ibid, idem, p.124

criador” da juventude e dos estudantes, na minha visão extrapola a questão da faixa etária que a frequenta, ou que deveria frequentar. Neste processo de análise do termo “experiência” diz muito mais respeito ao que é vivido, ao que faz parte da biografia dos sujeitos que aqui narraram suas histórias. Vale dizer que, seja como ativista ou como militante, as vozes narradas nesta tese expressam uma perspectiva de ruptura com a lógica e mecanismos de silenciamento de uma sociedade racista, machista, violenta e excludente.

2.5.2 O desafio da universidade hoje frente à necessidade de diálogo transcultural e pensamento decolonial.

No capítulo anterior, tencionei problematizar o conceito de experiência, para nos conduzir ao entendimento de como as narrativas se situam no horizonte de produção do conhecimento na universidade. Neste capítulo, a ideia central é de ampliar essa questão, refletindo sobre a importância do diálogo transcultural e do pensamento decolonial como desafios para a universidade no contexto contemporâneo. Para tanto, valho-me do conceito de pedagogia do oprimido em Paulo Freire, que, de forma atemporal, contribui para valorização de uma educação comprometida com as classes subalternas.

Resgato o legado de Freire (1968)²⁴, quando afirma que a pedagogia do oprimido:

É libertadora e terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação, o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Embora, hoje, sofram todo tipo de cerceamento, dada a forte tendência ao neoconservadorismo no Brasil e no mundo, os ensinamentos de Paulo Freire, permanecem atuais, dado o fato, como dissemos, de que as questões estruturais se mantenham muito pouco alteradas em favor da classe que vive do

²⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 23-48

trabalho. São os trabalhadores, os expropriados, os explorados que se colocam com corpo de voz contra os ditames da opressão.

Segundo Silva (2017)²⁵

Atualmente, um dos principais entraves da educação pública no Brasil consiste em como produzir conhecimentos contextualizados e comprometidos com a transformação da realidade social e educacional do país. Educar nessa perspectiva significa articular os ensinamentos enciclopédicos com os conteúdos da realidade social dos sujeitos como parte de uma produção epistemológica de reinvenção da escola, das concepções de Educação e de ciência que resultem na produção de conhecimentos para o mundo da vida.

Para que a educação brasileira passe a fortalecer um modelo político e intelectual que produzam conhecimentos para “o mundo da vida”, como nos alertou Silva, se faz necessário empreender a luta por uma lógica que contrarie e desinstale o eurocentrismo de sua realidade. De acordo com Silva (2017)²⁶, o eurocentrismo, herança social do colonialismo, se desdobra em práticas coercitivas, que desqualificam outros saberes não reconhecidos como válidos.

Dentre estes conhecimentos, está a vivência dos sujeitos educativos fora da escola. Para ela:

A Educação como dimensão de aprendizagem para virtude deve estar enraizada na realidade social, identitária, cultural e histórica dos sujeitos, cuja formação está situada geograficamente na escola, mas é geopoliticamente determinada pelas relações sociais de totalidade que tornam possível a existência do sistema educacional. Portanto, sustento que os processos de sociabilidade dos sujeitos nos diversos espaços de participação política, para além do contexto escolar, constituem processos educativos que implicam uma formação para a transformação social

²⁵ SILVA, Maria do Socorro Pereira da. **Educação popular, epistemologia transgressora e conhecimento decolonial**: reinventar o conhecimento e a universidade, Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí., Mimeo, 2017.

²⁶ SILVA, Maria do Socorro Pereira da. **Educação popular, epistemologia transgressora e conhecimento decolonial**: reinventar o conhecimento e a universidade, Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí., Mimeo, 2017.

Penso que a vivência dos sujeitos na cidade tenha também esta conotação. A cidade pode ser considerada um gigantesco cenário de vivências educativas, culturais, religiosas, sociais nas quais os sujeitos insurgentes lutam por terem seus conhecimentos reconhecidos. Interessante notar, por exemplo, a fala da entrevistada Patrícia, com relação aos sentidos atribuídos para ela, ao conceito de favela:

Favela eu vou descrever como um poema de amor. Quando você está muito apaixonado, tudo é as mil maravilhas. Favela é quando seu coração até bate mais forte. É um lugar diferente. Mas quando você tá naquela paixão toda e tem uma decepção, aí você sente lá no fundo. Então ela é o extremo. Ela sempre é o extremo. Favela pra mim é tudo. É aprendizado, é história de vida, é acolhida, é amigo, é formação acadêmica, ela é tudo de bom, mas ao mesmo tempo tem contrastes porque ela também tem algo ruim. Por outro lado, eu não seria o que sou se eu não fosse uma favelada(...). E também a favela não é uma só. Tem várias favelas dentro de uma favela. A gente se vê enquanto morador. Na visão das pessoas que vem de fora, mas na nossa visão é uma favela dentro de uma favela. Nós conseguimos falar que ali é melhor do que aqui mesmo dentro do mesmo contexto. Mas em termos de favela, a favela tem uma grandeza de afeto, uma grandeza de parceria. Parceria porque as pessoas são solidárias. Elas sentem necessidades umas das outras, eu consigo entender que quando o aglomerado vai melhorando de formato, vai melhorando o seu padrão, um pouco disso se perde. (Informação verbal)

Vejo como é bastante significativa a fala de Patrícia. Enquanto muitas pessoas na academia veem favela de forma pejorativa, e vomitam firulas eurocêtricas, vendo os pobres como espécimes de pesquisa, exatamente como uma forte faceta do eurocentrismo, vejo com alegria muitas pesquisas que também

reconhecem a riqueza que os sujeitos trazem para as discussões e produção acadêmica. De fato, como acima nos falou Silva, precisamos, cada vez mais, nos comprometer com perspectivas teóricas que valorizam a coexistência de saberes, desconstruindo a visão, ainda elitista e hierárquica, das universidades.

Muito interessante quando a Patrícia nos afirma a favela como espaço de acolhida, de parceria e de formação acadêmica. No entanto, qual seria o fio condutor epistemológico a nos guiar para o necessário diálogo de saberes, já muito bem desenvolvido por Santos(2008)²⁷ no livro “Um discurso sobre as

²⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ciências”, no qual o mesmo traz o conceito de Paradigma Emergente para se contrapor ao Paradigma Hegemônico de guerra entre as ciências e os saberes.

Aliás, a visão dos diferentes conhecimentos e saberes como complementares, válidos, fora ainda mais desenvolvido na proposta teórica dos pensadores latino-americanos que constituem a corrente de “ pensamento decolonial”, que, grosso modo, consiste basicamente em buscar dentro do escopo histórico da América Latina, os conhecimentos, saberes, dizeres que foram silenciados a partir da colonização. É fato que a superação da colonização como sistema político, continua a impregnar a forma como a universidade e, no sentido mais amplo, a educação se desenvolve.

Autores como Castro-gomes, Quijano, Walsh, são muito importantes por nos subsidiarem teoricamente com o que o pensamento decolonial propõe, reunindo-se desde os anos de 2000; são referências importantes para desmistificar a tendência de se pensar a Europa como única detentora do saber, do poder e do conhecimento.

Tendo como referência Castro-Gomes(2007)²⁸, foi a partir das ideias de Edgar Landier, que foi apresentado o conceito de decolonialidade do poder na universidade. A crítica que estes autores trazem é de que a universidade latinoamericana não só reproduz a herança colonial em seus modelos de ensino, como também contribui para reforço cultural, econômico e político da hegemonia ocidental. Para Castro-Gomes, a universidade latinoamericana na estrutura da colonialidade, num tripé: colonialidade de ser, de poder e do saber. A herança colonial, que privilegia grupos e classes com poder de decisão, subjugando outros silenciados e oprimidos, ainda vigora, sendo necessário, um outro paradigma o da transdisciplinaridade. Conforme ele, nos afirma:

Argumentaré que aun en el interior de La universidad se están incorporando nuevos paradigmas de pensamiento y organización que podrían contribuir a romper con La encerrona de este triangulo moderno/colonial, si bien todavia de forma my precária. Me referiré concretamente a La transdisciplinariedad y el

²⁸ CASTRO-GOMES, Santiago. **Decolonizar La universidad**: La hibrys Del punto cero y el dialogo de saberes in: Castro-Gomes, Santiago; Grosfoguel, Ramón (orgs): El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica más allá Del capitalismo global. Bogotá: IESCO-Pensar-Siglo Del Hombre Editores, 200, p. 79-91

pensamiento complejo, como modelos emergentes desde los cuales podríamos empezar a tender puentes hacia um dialogo transcultural de saberes. (p 80)

A proposta aqui apresentada é a de que a universidade precisará rever suas bases técnicas, políticas, científicas, sociais, ainda bastante arraigadas na herança colonial para que se comprometa de fato com a transformação da realidade social. Castro-Gomes (2006)²⁹, apresenta sua argumentação com dois meta-relatos.

O primeiro diz respeito à educação do povo, segundo o qual todas as nações têm direito a ter as vantagens da ciência e da tecnologia a fim de melhorar as condições de vida para todas as pessoas. Neste modelo, a universidade seria a instituição responsável por prover a população com conhecimentos que contribuíssem para o desenvolvimento da nação, ao mesmo tempo em que formasse sujeitos capazes de incorporar o uso de conhecimentos úteis.

O segundo meta-relato, seria a contribuição da universidade para não apenas formar profissionais de várias áreas, mas sujeitos capazes de desenvolver o progresso moral da sociedade, tendo como pano de fundo a formação humanista.

Em que pese um certo grau de idealização ao meu ver, visto que esse giro de 360 graus para desconstrução do paradigma eurocêntrico, ainda hegemônico, acontecer, vejo nos pressupostos assumidos pelo autor, colocações ainda generalistas, uma vez que, no tocante à América Latina, o processo de colonização se deu de modo extremamente diferenciado em cada país. No entanto, sua proposta de “decolonizar a universidade” é extremamente relevante.

²⁹ CASTRO-GOMES, Santiago. **Decolonizar La universidad**: La hibrys Del punto cero y el dialogo de saberes in: Castro-Gomes, Santiago; Grosfoguel, Ramón (orgs): El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica más allá Del capitalismo global. Bogotá: IESCO-Pensar-Siglo Del Hombre Editores, 200, p. 79-91

Para o autor, o paradigma hegemônico, que ainda tem o eurocentrismo como eixo articulador, articula dois modelos de universidade: O primeiro modelo é o de estrutura arbórea e disciplinar que constrói a ideia de todo conhecimento é organizado em hierarquias, especialidades, produzindo fronteiras epistemológicas que não podem ser rompidas ou transgredidas. O segundo modelo é o de “Âmbito fiscalizador do saber” no qual há o reconhecimento da universidade como lócus privilegiado da produção de conhecimento, tornando-se um núcleo em constante vigilância à legitimidade do que seriam os conhecimentos válidos e, portanto, legítimos.

Para superação destes modelos, Castro-Gomes propõe o Paradigma Emergente, tendo como cerne o pensamento complexo. Este se firma na ideia de que cada pessoa é um todo físico-químico-psicológico-social-cultural integrado na complexidade do universo. Inerente ao paradigma Emergente, está o conceito de transdisciplinaridade.

O autor esclarece que a transdisciplinaridade não seria reduzida a um diálogo raso entre as diversas disciplinas, mas também teria como pressuposto a ligação dos diversos elementos e formas de conhecimento que a modernidade havia desconsiderado. Concordo com o autor quando afirma que a universidade, neste novo paradigma, permitiria o convívio de diferentes formas de conhecimentos sem imposição da hegemonia ocidental.

Numa universidade transdisciplinar, os atuais binarismos seriam ressignificados com o olhar de complementariedade que a modernidade ocidental nos tirou. Por exemplo: natureza/cultura; mente/corpo, sujeito/objeto; matéria/espírito, razão/sensibilidade, civilização/barbárie.

A universidade transdisciplinar, buscaria substituir a lógica exclusiva por uma lógica de inclusividade. Neste sentido, na universidade transcultural, os conhecimentos antes excluídos, como os místicos, orgânicos, supersticiosos e pré-rationais, produzidos na Ásia, África e América Latina, continentes que foram submetidos ao processo de colonização entre os séculos XVI e XIX,

seriam repensados, reconhecidos e valorizados. Neste movimento que nos traz o Paradigma Transcultural da Universidade, penso na importância protagônica e propositiva que os saberes das classes dominadas historicamente podem imprimir à realidade acadêmica. Isso, em minha opinião, deve ocorrer com a assunção do papel de defesa da classe que vive do trabalho. Silva (2017)³⁰, afirma que

são as classes populares, os sujeitos que estão submetidos às condições de desumanização, de desigualdade, de opressão, de dominação, vivendo à margem da sociedade, tendo seus direitos negados, suas identidades originárias e seus territórios destituídos pelo sistema-mundo que iniciou com o colonialismo, reinventando-se com o patriarcalismo e com o capitalismo e expandindo-se no mundo pela globalização colonial.(p 22)

A perspectiva decolonial, alicerçada no diálogo entre saberes, da qual partilho, me faz ver que, de fato, historicamente no Brasil e no mundo, a supressão dos conhecimentos que ocorre no plano social está também ligada a uma concepção de poder, que, como nos afirma Silva na citação acima, marca a opressão e deslegitimação dos saberes do povo.

Para colaborar com essa questão, e traçando um panorama interessante para fortalecimento do Paradigma Emergente, Nunes (2006)³¹, afirma que: “Todo conhecimento científico-natural é científico-social.” Para ele,

Os estudos de ciência, tecnologia e sociedade têm mostrado que mesmo as ciências modernas são o resultado emergente e situado na intersecção e articulação dinâmica de actores humanos, entidades vivas não humanas, materiais de vários tipos, instrumentos, competências diversas, recursos institucionais e financeiros.

³⁰ SILVA, Maria do Socorro Pereira da. **Educação popular, epistemologia transgressora e conhecimento decolonial**: reinventar o conhecimento e a universidade. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí, Mimeo, 2017

³¹ **NUNES, João Arriscado, op cit**, op cit Boaventura de Sousa. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4 ed. **Crítica da Razão Indolente** – Contra o desperdício da experiência. cap.67. São Paulo: Cortez, 2002.

É no bojo das considerações a respeito dessa questão, que afirmamos nesta tese a complementariedade entre os saberes dos sujeitos e das obras consultadas. Obviamente, tal consideração não se dá de forma a entender como saberes diferenciados, mas que merecem o mesmo reconhecimento, visto que não existe de fato conhecimento científico que se faça inerte à realidade social, são dimensões da vida não estanques e em crescente diálogo. Não raro, no campo da educação tem havido pesquisas que evidenciam as vozes, como também observamos na obra “Sujeitos da educação: Diversidade, Direitos e Participação Política”³².

As temáticas abordadas dizem respeito ao movimento praia da Estação, experiências de jovens de camadas populares no Prouni, jovens em cumprimento de medida sócioeducativa, educação de pessoas com transtornos mentais, escolarização de pessoas homoafetivas, escolarização dos povos indígenas, dentre outros. De acordo com o posicionamento assumido pela FaE/UFMG, os grupos excluídos, oprimidos e silenciados historicamente têm inspirado diversas pesquisas de mestrado e doutorado que mostram, a despeito das dificuldades orçamentárias, mesmo em um programa nota sete pela Capes, no atual contexto, propostas libertárias com forte característica de visibilização das pautas destes grupos.

A segunda afirmativa de Nunes, citado por Sousa (2006)³³, é que todo conhecimento é autoconhecimento. Para o autor:

A exploração das histórias disciplinares à procura de orientações e correntes que foram, no seu tempo, vencidas, marginalizadas ou ignoradas, mas que podem hoje permitir novas interrogações articula-se com as vozes críticas que surgem de quadrantes diversos – desde os movimentos indígenas que defendem o direito à recursos de biodiversidade e à valorização dos conhecimentos e experiências até os movimentos ambientalistas que produzem conhecimentos alternativos ou críticos das tecnociências dominantes, passando pela crítica feminista e

³² EITERER, Carmem; LUZ, Iza Rodrigues da. (orgs). **Sujeitos da educação**: diversidade, direitos e participação política. Belo Horizonte: Mazza , 2013.

³³ NUNES, João Arriscado. Um discurso sobre as Ciências 16 anos depois, op cit , SOUSA, Boaventura de. **Conhecimento Prudente para uma vida decente** – um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2006. Pg 58-84

multicultural aos vieses de programas de investigação, das teorias e das próprias metodologias de pesquisa – que procuram influenciar a reorientação da investigação científica e tecnológica no sentido de uma maior responsabilidade social e ambiental (p.69).

A procura informada por Nunes com relação à uma história, ou melhor, às histórias que foram silenciadas, mostram a possibilidade de reinvenção da universidade em direção aos grupos insurgentes: feministas, indígenas, ambientalistas e, no meu entender, também negros (não citados por este autor). Penso que uma universidade transcultural, que também é a nossa proposta, deve entender o seu papel crucial e político no campo de ameaças ao Estado Democrático no atual contexto brasileiro. Há hoje, maior abertura da universidade às questões dos grupos cujas vozes ainda buscam cada vez mais espaço para se expressar, se manifestar e contribuir para uma sociedade, de fato, mais justa.

Ao desenvolver a tese, me senti de fato inspirada pelo estágio doutoral em Coimbra, que me propiciou conhecimentos complementares aos seminários e compromissos acadêmicos. Uma dessas experiências foi constituir o grupo de dança afrocontemporânea, com uma estudante de medicina angolana, que não imaginava o legado de ancestralidade, corporeidade e dança que constatei ao vê-la participar de um evento cultural.

Ao escrever este capítulo, me veio a canção “Primeiro Mundo”, das muitas aprendidas ao longo das oficinas de dança, interpretada pela cantora Aline Frazão, que traduziu, de fato, o meu sentimento:

Eu não sei porquê
Há incêndio dentro de cada janela e se vê
Eu não sei porquê
Este incêndio que arde dentro, come o corpo todo e a gente finge que não vê,
Finge que não vê, finge que não vê...

Mas por dentro arde, como não vai arder
Se não minha terra não tem pra' comer
Já quase creio que não tenho o direito de ser alguém
Por isso arde
Ter de dizer adeus
Sem saber se o deserto me vai vencer
Juntar os últimos sonhos com a roupa do corpo

Partir por mim e pelos meus
E afinal tem que haver algum deus

Eu não sei porquê
Há incêndio dentro de cada janela e se vê
Eu não sei porquê
Este incêndio que arde dentro, come o corpo todo e a gente finge que não vê,
Finge que não vê, finge que não vê
Mas por dentro arde, como não vai arder
Se chegando no primeiro mundo
Me sinto mais esquecido do que era no segundo
Arde
Carimbo de ilegal
Preconceito racial

Só por ter nascido mais ao sul
Xe gente do primeiro mundo, pais da civilização
Por não ter um papel acabei numa prisão
Xe gente da terra inteira
Queima o fogo da desilusão
Este primeiro mundo é só de brincadeira
Só de brincadeira, só de brincadeira
E você finge que não vê
Eu não sei porque

Tens que entender que não há diferença entre nós
A mesma essência
Se a minha liberdade não existe
A tua é só aparência

É só aparência
E você finge que não vê
Eu não sei porque

Primeiro mundo só de brincadeira
Primeiro mundo só de brincadeira
Só de brincadeira, só de brincadeira, só de brincadeira, só de brincadeira.³⁴

Esse sentimento de sermos humanos, de termos no fundo a mesma essência, contrasta com um discurso de igualdade e manutenção das desigualdades. Por isso, a importância cada vez mais vital da universidade se abrir para se tornar cada vez mais plural, diversa e democrática.

Em minha experiência nas salas de aula de diversos cursos de pós-graduação em instituições privadas, não raro, os discentes me diziam da dificuldade de alguns colegas professores em conseguir sair do “*script*” elaborado por eles para

³⁴ A canção “**Primeiro mundo**” faz parte do álbum *Clave Bantu*, gravado por Aline Frazão. Desconheço a autoria da canção e o ano em que foi gravada. Fonte: <http://lyricstranslate.com/en/aline-fraz%C3%A3o-primeiro-mundo-lyrics.html> – Acesso em; novembro de 2017

ministrar os conteúdos. Ao serem abordados de forma diferente pelos alunos, ou serem questionados, manifestavam grandes dificuldades com os saberes que manavam das experiências e vivências de seu alunado.

Faço esta colocação na tese, muito envolvida por contribuir com a crítica apontada pela bela canção acima, de que o discurso democrático só se sustenta se houver, de fato, o encontro entre os mundos. No caso, da canção, fala-se do encontro entre este “Primeiro Mundo”, que se acha em liberdade, enquanto populações inteiras são condenadas a uma existência indigna. A crítica, ao meu ver, dialoga diretamente com a proposta de universidade transcultural, porque, se de fato não houver liberdade na essência, no âmago institucional, a liberdade, como ela diz, é “só aparência”.

Os saberes ancestrais, do povo negro quilombola, do povo que reside nas periferias urbanas, que têm história, musicalidades, conhecimento, precisam ser fortalecidos como capazes de engendrar práticas educativas que estimulem esperança, num tempo em que, conforme Santos³⁵

Há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu. O desassossego resulta numa experiência paradoxal: a vivência simultânea de excessos de determinismo e de excessos de indeterminismo. Os primeiros residem na aceleração da rotina. As continuidades acumulam-se, a repetição acelera-se. A vivência da vertigem coexiste com a de bloqueamento. A vertigem da aceleração é também uma estagnação vertiginosa. Os excessos do indeterminismo residem na desestabilização de expectativas. A eventualidade de catástrofes pessoais e colectivas parece cada vez mais provável. A ocorrência de rupturas e de descontinuidades na vida e nos projetos de vida é o correlato da experiência da acumulação de riscos inseguráveis. A coexistência destes excessos confere ao nosso tempo um perfil especial, o tempo caótico onde ordem e desordem se misturam em combinações turbulentas. Os dois excessos suscitam polarizações extremas que, paradoxalmente, se tocam. As rupturas e as descontinuidades, de tão freqüentes, tornam-se rotina e a rotina, por sua vez se torna catastrófica.

Esse desassossego, essa sensação que nos abandona de estarmos à margem de nós mesmos, de estarmos, como afirma o autor, “na orla do tempo”, em minha visão, tem a ver com o fato de que os regimes democráticos na América

³⁵ Santos, Boaventura de Sousa. *Crítica da Razão Indolente – Contra o desperdício da experiência*. Pg 41-50

Latina, instaurados após longos anos ditatoriais, ainda não resultaram na reversão total da pobreza, da indigência e do exercício pleno dos direitos sociais, civis e políticos.

A sensação de que estamos num acelerado movimento, no qual tudo está indeterminado, é uma realidade incontestável. Porém, tenho pensado que há ainda uma história a ser contada. Uma história protagonizada pela população negra e periférica neste imenso país, onde negros e pardos somam 54% da população, mas ainda têm que lutar muito para ter voz e vez. A promessa da democracia nunca alcançou as populações periféricas. Então, vivenciei um desassossego em escalas muito fortes e diferenciadas; ao falar do lugar de uma pesquisadora negra, a inquietude que arde, como nos diz a canção acima, a sensação de estar na orla do tempo, ou na margem, é uma realidade muito voraz. Ao analisar a contribuição de Santos³⁶, em que

Pode pensar-se que esse desassossego é típico dos tempos de passagem do século e, sobretudo, de passagem de milênio, sendo por isso um fenômeno superficial e passageiro. A tese deste livro é que, pelo contrário, o desassossego que experienciamos nada tem a ver com lógicas de calendário. Não é o calendário que nos empurra a orla do tempo, e sim a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e sociais em que até agora temos confiado. Os mapas que nos são familiares deixaram de ser confiáveis. Nesta dupla desfamiliarização está a origem do nosso desassossego. (P 41)

Para o autor, as categorias analíticas e a forma de conhecimento ocidental que, por muito tempo, sustentou a produção do conhecimento científico, hoje é uma transição que faz desorientar os mapas cognitivos, fazendo com que as formas antes tão familiares hoje não nos atendam. Na perspectiva que ele apresenta, a sociedade vive uma transição paradigmática que nos inquieta.

Contudo, relato algumas experiências, porque, se todo conhecimento é autoconhecimento, o fato de ser uma pesquisadora negra me faz pensar que o desassossego não se inscreve somente como medida epistemológica no tempo, mas diz respeito também a visibilizar saberes, vivências que transcendem a

³⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da Razão Indolente** – Contra o desperdício da experiência. p 41

cronologia e que também se somam ao conhecimento acadêmico. A terceira afirmativa de Nunes (2006)³⁷ é que “Todo conhecimento é local e total”.

Ele afirma que

É visível, hoje, a proliferação de formas de produção de conhecimentos que ilustram a máxima de que “o conhecimento é local e total”. A convergência de disciplinas ou áreas do saber em projetos que procuram dar respostas a problemas sociais, de desenvolvimento de tecnologias apropriadas a formas de vida sustentáveis de saúde ou ambientais identificados no plano local encontra expressão hoje, numa diversidade de experiências cuja riqueza está ainda, em grande parte por inventariar (p.70-71)

A ideia de que os conhecimentos que se colocam no plano local também se difundem globalmente é uma questão de suma importância nestes tempos de desassossego. Contudo, penso ser deveras leviano tomar a citação do autor, desconsiderando que, embora tenhamos convergência em não estratificar os saberes oriundos da experiência, não estamos falando do MESMO lugar.

E os lugares carecem de sentidos, de significados e de história. Ao concordar com Nunes e com autores como Santos com relação a não-europeização do conhecimento na América do Sul, me provoço a não deixar de pensar criticamente e refletir como uma pesquisadora negra, latinoamericana, situada do lado de cá do sul global, ou do lado de cá da linha abissal.

No diálogo que aqui proponho, há uma interrogação a respeito de quais os conhecimentos, de fato, vão se desdobrar em epistemologias que avancem para a luta contra o capitalismo global, numa era de grande conservadorismo mundial e agudização da pobreza estrutural. Neste sentido, também considerando a realidade em que se vive no Brasil, as disciplinas que visam dar respostas a problemas sociais, precisam também considerar a cidade como componente da educação, em todos os âmbitos.

³⁷ NUNES, João Arriscado. Um discurso sobre as Ciências 16 anos depois apud it SANTOS, Boaventura de Sousa in: **Conhecimento Prudente para uma vida decente** – um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo, Cortez, 2006. p 70, 71

Para avançarmos nesta questão, valho-me aqui da contribuição de Siman (2013)³⁸,

Utilizando o poema de Drumond:

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 Ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
 Garanto que uma flor nasceu.
 Sua cor não se percebe,
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.
 Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 E lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Neste poema “A flor e a náusea”, Drumond³⁹ nos convida a refletir sobre as simbologias de uma flor que, rompendo o asfalto, nasce; e este fato poético, torna-se uma metáfora que a autora nos traz, junto com o conceito de *flaneur*, que, sociologicamente, indica um sujeito atento ao que se passa ao seu redor na cidade, como um leitor atento da realidade que o cerca. Para Siman, não basta apenas ter um olhar ao que se passa à nossa volta. É preciso ler a cidade como um texto, cuja leitura se faz através da poética cotidiana.

A contribuição da autora me fez lembrar da expressão mineira “olha pro cê vê”, ou seja, nem sempre olhar significa ver. Na fala coloquial mineira, que se usa para chamar atenção para um fato interessante, nem sempre de fato fazemos a leitura da realidade. Pensei muito na alegoria da flor no asfalto. Fez-me trazer à memória também essa passagem de Guimarães Rosa⁴⁰:

O correr da vida embrulha tudo,
 a vida é assim: esquenta e esfria,

³⁸ SIMAN, Lana Maria de Castro. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas, op cit: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN Lara Mara Castro (orgs). **Cidade, Memória e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2013. p.41-58

³⁹ Carlos Drummond de Andrade é o autor do poema citado transcrito: **A flor e a náusea**.

⁴⁰ Poema de Guimarães Rosa, disponível em: https://www.pensador.com/poesia_de_guiimaraes_rosa/4/ - Acesso em; outubro de 2017

aperta e daí afrouxa,
 sossega e depois desinquieta.
 O que ela quer da gente é coragem.
 O que Deus quer é ver a gente
 aprendendo a ser capaz
 de ficar alegre a mais,
 no meio da alegria,
 e inda mais alegre
 ainda no meio da tristeza!
 A vida inventa!
 A gente principia as coisas,
 no não saber por que,
 e desde aí perde o poder de continuação
 porque a vida é mutirão de todos,
 por todos remexida e temperada.
 O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
 que as pessoas não estão sempre iguais,
 ainda não foram terminadas,
 mas que elas vão sempre mudando.
 Afinam ou desafinam. Verdade maior.
 Viver é muito perigoso; e não é não.
 Nem sei explicar estas coisas.
 Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor

Assim, a cidade que pulsa, nos inquieta, nos interroga, é um cenário também onde se precisa inventar a vida com muita coragem. Como o correr da vida, o cotidiano, as ações repetitivas, as nossas conversas, os encontros, os desencontros e desencantos, produzem também os sentidos e conhecimentos que temos sobre nós mesmos na cidade onde residimos. Foi muito bonito ver no processo de desenvolvimento da tese, que as pessoas tem a capacidade de ver a favela como poema.

Este fato fora dito pela entrevistada Patrícia:

Favela eu vou descrever como um poema de amor. Quando você está muito apaixonado, tudo é as mil maravilhas. Favela é quando seu coração até bate mais forte. É um lugar diferente. Mas quando você tá naquela paixão toda e tem uma decepção, aí você sente lá no fundo. Então ela é o extremo. Ela sempre é o extremo. Favela pra mim é tudo.
 (Informação verbal)

Como um *flaneur*, Patrícia consegue pensar a favela como um poema de amor, inclusive com as possibilidades de desilusão que pode vivenciar numa paixão.

A leitura da cidade, na perspectiva transdisciplinar e decolonial, nos remete ao desafio de compreensão dos diversos sentidos que a cidade e a periferia apresentam, a partir do lugar de fala de cada sujeito. Ao mesmo tempo que a

favela é um poema, como no olhar da Patrícia, a mesma localidade é vista pela Sissy como

Uma potência de arte, de resistência também. E acho que a gente é muito resistência na luta na arte de viver. Favela representa isso também. E não é só na Serra. Em todo lugar favela representa isso. Uma comunidade de pessoas guerreiras, de sobreviventes. Favela me remete muito essa questão de diversidade cultural, de crescer também e de crescimento de população. Favela me traz muito essa memória de pessoas, de potencia cultural, de artistas, de diversidade, acho que é isso.

Quando eu falo de resistência, de potencia de guerreiros, de luta, eu acho que isso remete a características de comunidade de favelas assim. Eu acho que aundo se fala em favelas, ao invés de dizer que é um conjunto de barracos, deveria dizer que é um conjunto de pessoas resistentes, de guerreiros e tal. Porque é muito isso. Não tem uma comunidade que vc vai e não tenha ali pessoas por morar naquela cidade, porque cresceu ali, então é uma potência de histórias, de conjunto de história da própria cidade. (Informação verbal)

A resistência daqueles que sofrem com a desigualdade social, racial, econômica e de gênero, é o que evidencia o potencial artístico da diversidade cultural dessa cidade simultânea que é o aglomerado Serra.

Concordando com Siman (2013)⁴¹ que a cidade é um texto a ser lido, com suas metáforas, poemas, cultura, diversidade, entendê-la numa perspectiva epistemológica e decolonial pode engendrar uma cultura antiglobalização que, a partir das insurgências urbanas, potencialize, em todas as esferas de ensino, a formação de pessoas que criam, ressignificam, constroem e fazem a história da cidade.

Para mim, as insurgências urbanas se inscrevem como experiências que não devem ser desperdiçadas, fortalecendo, na realidade social de Belo Horizonte, a valorização desses saberes, como exemplos da interculturalidade e ecologia de saberes.

⁴¹ SIMAN, Lana Maria de Castro. **Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas** In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lara Mara Castro (orgs). Cidade, Memória e educação. Juiz de Fora: editora UFJF, 2013. p 41-58

Nesta direção, penso na proposta de Santos(2010)⁴², de expandir o presente para contrair o futuro, propondo uma concepção temporal de valorização das experiências dos povos e grupos que foram marginalizados historicamente. Para o autor,

a coexistência de diferentes temporalidades ou durações em diferentes práticas de conhecimento requer uma expansão da moldura temporal. Enquanto as modernas tecnologias tendem a favorecer a moldura temporal e a duração da ação estatal, tanto na administração pública, quanto na política (o ciclo eleitoral, por exemplo), as experiências subalternas do Sul global têm sido forçadas a responder tanto à curta duração das necessidades imediatas de sobrevivência como à longa duração do capitalismo e do colonialismo”.

O não desperdício da histórica que luta contra os rebatimentos do racismo colonial em nossos dias, permite-nos vislumbrar o futuro com mais esperança. A expansão temporal proposta na citação acima, une as experiências de resistência, aqui denominadas insurgentes, reconhecendo-se que a duração do capitalismo e do colonialismo marcam a constante luta pela construção emancipatória.

Carvalho (2009:10)⁴³ afirma que

Assim, Boaventura propõem como exigência da construção emancipatória, neste momento contemporâneo de transição, uma outra racionalidade, que efetive uma trajetória inversa na apreensão do tempo: expandir o presente e contrair o futuro, criando assim, o espaço-tempo necessário para valorizar a inesgotável experiência social em curso no mundo de hoje, evitando o gigantesco desperdício da experiência que sofremos hoje em dia.

A inversão da apreensão do tempo demarca uma outra conceituação de temporalidade, capaz de articular saberes, conhecimentos, epistemologias, cosmologias do Sul Global, na perspectiva emancipatória, tornando as vozes dos sujeitos cada vez mais fortalecidas contra os desmandos do capital financeiro e da aguda e grave crise de representação política dos dias atuais.

⁴² SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010

⁴³ Carvalho, Alba Maria Pinho de. Pensamento de Boaventura de Sousa Santos em foco: a reinvenção da emancipação em tempos contemporâneos.
<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/PENSAMENTO%20DE%20BOAVENTURA%20DE%20SOUSA%20SANTOS%20EM%20FOCO1.pdf>

3 POÉTICA DE ESPAÇO E VOZ: Encontros e desencontros

“Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler.
Quantas coisas eu quis fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir, quero renascer num país onde predomina o preto
Adeus, adeus eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer,
Quero um lugar onde o preto é feliz”.

(Maria Carolina de Jesus. Antologia Pessoal - 1996)⁴⁴

A epígrafe de autoria de Maria Carolina de Jesus diz muito sobre a construção da pesquisa. De fato, a escritora afirma que o preconceito social e racial a impediu de ser feliz e de vivenciar seus sonhos. No poema, ela afirma o desejo de renascer num lugar onde o preto pudesse ser feliz. Este lugar de uma mulher negra, favelada, e que lutou contra os ditames de uma sociedade racista, capitalista e patriarcal, comove-me pela atualidade de sua leitura sobre o lugar do pobre e do negro construído historicamente no Brasil. Estes versos me remetem, também, à questão do direito, a questionar a lógica inerente ao funcionamento da cidade em seu devir sócio-histórico. Sabe-se que o contexto narrado e vivido pela autora não é o mesmo hoje. Porém, as questões sociais e raciais, agudizadas pela exclusão e empobrecimento de número significativo da população, está longe de ser equalizada.

Neste capítulo, apresento o diálogo entre as narrativas dos sujeitos e a bibliografia consultada, a partir de temas suscitados nas falas. A ideia que sustenta essa construção é a de que as vozes dos autores citados não se sobrepõem às falas dos sujeitos que fazem parte do estudo. Conforme já dito, os saberes estão em constante dinâmica e têm, para mim, igual importância.

⁴⁴ Jesus, Maria Carolina de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: Editora RJ, 1996. Disponível em [HTTP://folhadepoesia.blogspot.pt/carolina-maria-de-jesus.html](http://folhadepoesia.blogspot.pt/carolina-maria-de-jesus.html). Acesso em novembro de 2017.

Nesta perspectiva, busca-se compreender o que é a cidade, e os temas correlacionados ao estudo. O capítulo está desenvolvido a partir das seguintes temáticas: 3.1- **O conceito de cidade na pesquisa**; 3.2 - **Articulando vozes sobre a cidade: morro, aglomerado, favela ou quilombo?** E por último, 3.3 - **Reflexões sobre direito à cidade**, como vertente importante na construção de uma política dirigida à luta anticapitalista.

3.1 Conceito de cidade na pesquisa



Foto 5 – Imagem histórica da Praça Sete em BH – 1951 – Disponível em <http://bhnostalgia.blogspot.pt/>. Acesso em setembro 2017

Na pesquisa, considero a cidade como conceito multifacetado, no qual se interpenetram as questões históricas da construção física, mas também as simbologias, as significações, as interpretações, os modos de vida, as sinergias, os valores e as clivagens de raça, classe e gênero que a cidade engendra.

Segundo Robert Park (1967, p.3),⁴⁵

A cidade é a tentativa mais bem sucedida do homem reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas se a cidade é o mundo que homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está

⁴⁵ PARK, Robert, *On Social Control and Collective Behavior*. Chicago 1967, p. 3.

condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade, o homem reconstruiu a si mesmo.

Porém, não há hipótese de se generalizar o conceito de cidade. Afinal, de que cidade falamos? Existiria um conceito universal de cidade? Seria possível concordar com Park que a cidade, como criação humana, também depende do contexto de onde se fala? Seria a cidade, realmente, uma tentativa bem sucedida em todos os países do mundo de forma unânime?

Obviamente que Robert Park estava falando do que via e sentia a respeito das mudanças estruturais analisadas pela Escola de Chicago, em um momento de metropolização e agudização do trabalho assalariado. Contudo, penso que, na pesquisa, trata-se de um contexto específico, no qual há grandes incongruências entre a cidade planejada e imaginada por seus idealizadores e o que de fato ocorre(u) na realidade.

A pesquisa me fez ver com mais detalhes a cidade de Belo Horizonte, onde resido há quase duas décadas. Busco entender como se dá a dinâmica das relações sociais, principalmente a relação entre os aglomerados urbanos e a cidade como um todo. Para tanto, permito-me sentir, de dentro e de fora, o quanto a escrita realizada em Coimbra aguça minha perspectiva de análise.

Escrevo o capítulo ouvindo a canção ***Um corpo no mundo***, de Luedji Luna⁴⁶, que expressa bem o sentimento na escrita deste capítulo:

Atravessei o mar, um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão, dentro de uma oração,
Um adeus.
Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar

⁴⁶ A canção em questão encontra-se em: <https://www.letras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/> - Acesso em outubro 2017

Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que não queiram mais
Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigos nas esquinas
E eu falo mais de três línguas
E a palavra amor, cadê?
Jesuis ici, ainda que não queiram não
Jesuis ici, ainda que não queiram mais
Jesuis ici, agora
Jesuis ici, e a palavra amor, cadê?

Falo, então, como um corpo, um ser, sendo minha própria embarcação ao falar de uma cidade que me acolheu, onde também imprimi a minha história. Não como um relato autobiográfico, mas uma escrita de quem é fitada por olhares brancos, que também devolvo. Olhares meus cruzados com os diversos aspectos que compõem a cidade de Belo Horizonte.

Parto, então, para o entendimento de como Belo Horizonte se fez cidade, na perspectiva histórica. A cidade de Belo Horizonte foi fundada em 1897 no bojo das transformações “modernizadoras” do Brasil-República. A imagem anterior retrata a Praça Sete, no centro da cidade de Belo Horizonte, no ano de 1951. Sendo um dos maiores pontos de encontro, de comércio e de serviços, é também local de referência em atividades culturais, políticas e sociais. Nota-se, na foto, o cinturão verde ao redor do monumento, o que hoje não existe mais. A mudança da região é notória, não apenas pela perda desse cinturão verde, quanto também pelos significados incorporados desde a fundação da cidade.

A cidade de Belo Horizonte guarda referências importantes em seu traçado urbano. Sendo uma cidade planejada, na ocasião foi alvo de grande disputa com Ouro Preto para tornar-se a capital de Minas Gerais. A elaboração do plano urbanístico de Belo Horizonte (BH), sofreu grandes influências de cidades como Buenos Aires (sendo BH contemporânea da cidade de La Plata), Estados

Unidos (com forte influência da planta da cidade de Washington) e França (forte influência do plano Haussman de Paris).

Conforme Jayme e Trevisan (2009)⁴⁷, Belo Horizonte, incorpora os ideais positivistas de higienização e de abertura de ruas largas, do padrão de modernidade das cidades estrangeiras. Por não se tratar de uma cidade plana, Belo Horizonte fora concebida de forma a estratificar as zonas urbana, suburbana e rural. Conforme as autoras:

Capital de Minas Gerais, Belo Horizonte foi a primeira cidade planejada da República no Brasil e sua planta elaborada pelo engenheiro Aarão Reis previa uma zona urbana (circulada pela avenida do Contorno), uma suburbana e uma rural. Por ter sido planejada para simbolizar a ideologia positivista e a modernidade, sua arquitetura foi marcada por ruas e avenidas largas e retas inspirada na Paris de Haussman e na Washington de L'Enfant, as cidades modernas e belas e, sobretudo, higiênicas e saneadas de então, o mapa da zona urbana – que corresponde atualmente à área central é como que traçado com régua, com ruas na malha ortogonal e avenidas na diagonal.

A perda do “cinturão verde”, que consta da figura acima, também está articulada com as diversas alterações que a cidade atravessa no devir histórico. Na realidade, conforme se observa no olhar de Jayme e Trevisan, acima, o fenômeno da “gentrificação”, ou seja, mudanças no espaço físico da cidade conforme pautas do mercado e das elites, trazem novas funcionalidades para o centro da cidade, sinalizando os processos políticos e econômicos, como por exemplo a ampliação da malha para circulação de carros, e novos tipos de comércio e serviços.

Conforme Jayme e Trevisan (2012)⁴⁸, Belo Horizonte guarda contornos específicos em sua história por ter sido a primeira cidade planejada do Brasil. O planejamento da cidade foi inspirado também no modelo parisiense e destinado

⁴⁷ JAYME, Juliana Gonzaga, TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas: usos e ocupações na Região Central de Belo Horizonte. In: Civitas – **Revista de Ciências Sociais**. 12 v, n 2, p 359-377. Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11933/8133>. Acesso em: setembro 2017

⁴⁸ JAYME, Juliana Gonzaga, TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas: usos e ocupações na Região Central de Belo Horizonte. In: Civitas – **Revista de Ciências Sociais**. 12 v, n 2, p 359-377. Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11933/8133>. Acesso em: setembro 2017

a traduzir o ideário modernista, garantindo o privilégio de habitar nas zonas nobres à elite dominante.

Arruda (2012)⁴⁹ afirma que, além de Paris, o planejamento urbano de Belo Horizonte foi também contemporâneo da cidade de La Plata, na Argentina. O autor nos diz que

Em Belo Horizonte, tal como em La Plata a construção foi um empreendimento estatal. Ao governo coube o planejamento geral, a confecção dos projetos dos edifícios públicos, que foram construídos por particulares. Em ambas as cidades houve a distribuição de lotes ao funcionalismo público. Importante diferencial foi que em Minas houve a necessidade de várias demolições pois o local de construção da cidade abrigava um arraial tipicamente colonial.(...) Em Belo Horizonte, ocorreu um processo de transformação espacial em que um povoado de origens coloniais deu lugar a uma cidade de traçado geométrico. Ocorreu o processo simultâneo de destruição e construção. Enquanto um povoado era destruído, uma cidade que se queria moderna, era construída em seu lugar. (P.116-117)

Segundo o estudo comparado feito por Arruda (2012)⁵⁰, a perspectiva de modernidade implementada no planejamento das cidades de Belo Horizonte e de La Plata estava impregnada das ideias de se tornarem cidades-modelo, tanto no campo imagético quanto na execução do plano urbanístico. As alterações físicas da transformação do antigo arraial Curral Del Rey, na Cidade “De Minas”, e que depois receberia o nome de Belo Horizonte, mostraram a necessidade de atendimento aos interesses das elites dominantes, que, por sua vez foram contempladas, colocando-se nomes nas ruas principais dos que influenciaram na disputa política com a cidade de Ouro Preto - que havia sido a capital do Estado - tais como Afonso Pena, João Pinheiro e outros que lutaram e apoiaram a construção da nova capital. Contudo, segundo afirma o autor, a construção das cidades de La Plata e Belo Horizonte, mesmo sendo contemporâneas, mostram como os discursos que vigoravam a respeito da modernidade na

⁴⁹ ARRUDA, Rogério Pereira de. Belo Horizonte e La Plata: cidades capitais da modernidade latino-americana no final do século XIX. In: **Revista de História Comparada**, n. 6-1, p. 117.

⁵⁰ ARRUDA, Rogério Pereira de. Belo Horizonte e La Plata: cidades capitais da modernidade latino-americana no final do século XIX. In: **Revista de História Comparada**, n. 6-1, p. 117.

República constituíram o imaginário da cidade real e da cidade imaginária. Segundo Arruda (2012)⁵¹,

A construção das duas cidades-capitais significou uma maneira de atualização do processo civilizatório nas duas regiões, mas de modo a promover transformações com a respectiva manutenção das estruturas de poder. Neste sentido mostrou sua face conservadora e excludente, que ficou mais nítida com o passar do tempo. De certo modo, a construção dessas duas cidades significou a tentativa de ingresso na modernidade industrial em países que ainda se apegavam as suas vocações agrárias, situação que será ultrapassada somente em meados do século XX. (P.117)

Atrevo-me a discordar de Arruda quanto a questão de ultrapassarmos, no século XX, a perspectiva de substituição do modelo agrário pela modernidade “importada” de países como a França. Na realidade, o modelo de modernidade com a perspectiva civilizatória nunca se concretizou completamente no Brasil, conforme assinala Santos (2009, p. 10)⁵².

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes de periferia (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas também, do modelo espacial. A ideia de higienização dos corpos que marca as alterações e mudanças nos centros urbanos, devido também aos interesses de grupos financeiros, produziu em Belo Horizonte e em várias cidades latino-americanas o hiato entre o que se deseja e o que se vive. As demolições, reconstruções, alterações no tecido urbano são notórias e, atualmente, também servem a grandes eventos como a Copa do Mundo e outros.

Segundo Jayme e Trevisan (2012)⁵³, no período de 1920 a 1950, a cidade passou por várias transformações, delimitando a área central e iniciando o

⁵¹ Ibid, idem

⁵² SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2009.

⁵³ JAYME, Juliana Gonzaga, TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas: usos e ocupações na Região Central de Belo Horizonte. In: Civitas – **Revista de Ciências Sociais**. 12 v, n 2, p 359-377. Porto Alegre, 2012.

processo de verticalização. Corroborando com o contexto histórico de emergência da cidade de Belo Horizonte como capital de Minas Gerais, VEIGA (2009)⁵⁴ afirma que nos anos de 1890 havia um acelerado processo de construção da cidade, a partir de uma lógica reformista firmada na intencional divisão de classes. Ao analisar o romance “O capital” publicado em 1979, de autoria de Fóscolo, a autora afirma que:

As personagens de Fóscolo dizem das tensões e conflitos vivenciados pelos antigos habitantes do arraial de Belo Horizonte, e também pelos que iam chegando. Estes eram desde operários e políticos de posses, nacionais e estrangeiros, todos envolvidos num grande empreendimento sem dúvida – transformar um pacato arraial numa capital, monumento Republicano. P36

A vinda de operários, comerciantes e políticos influentes, conforme nos mostra a citação acima, me faz pensar que a cidade de Belo Horizonte sempre foi marcada pelas tensões entre o projeto político da classe dominante e os outros extratos populares, que alijados do reconhecimento de sua contribuição como sujeito histórico, via-se obrigado a lutar para sua sobrevivência.

A remoção de famílias que já viviam no Arraial denominado Curral Del Rei antes da fundação da cidade com o marco republicano, e o reforço higienista de transformação da zona urbana que, para traduzir o ideário urbanista “moderno”, acabou produzindo uma espécie de apagamento da importante contribuição da população operária, assim como também das mulheres que viveram neste período, na memória da cidade.

Segundo Veiga (2009, p.37)⁵⁵, quando se iniciam os trabalhos de construção, desapropriação, demolições, se instauram também novas relações sociais

Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11933/8133>. Acesso em: setembro 2017

⁵⁴ VEIGA, Cynthia Greive. **A cidade como experiência feminina**. O cotidiano da construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Revista Dimensões, vol 23, 2009. Pg 28 - 44

⁵⁵ VEIGA, Cynthia Greive. **A cidade como experiência feminina**. O cotidiano da construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Revista Dimensões, vol 23, 2009. Pg 37

pautadas em novas relações de trabalho e de propriedade da área urbana. Os trabalhadores agrícolas e suas famílias não foram pensados como sujeitos, uma vez que a planta da construção da cidade procurava privilegiar o funcionalismo público que residiam anteriormente em Ouro Preto e agora se viam diante da necessidade de residir em Belo Horizonte.

A planta privilegiou funcionários públicos da antiga capital transferidos para Belo Horizonte com lotes e casas gratuitos ou financiados em longos prazos e localizados no coração da zona urbana, próxima à Praça da Liberdade, junto aos prédios administrativos e centro político da cidade. Por sua vez, a rotina de construção implementou provisoriiedades para a maioria da população da zona suburbana, onde se concentravam as cafuas habitadas por gente reputada como turbulenta.

No período de 1960 a 1980, a cidade passou por intervenções urbanas que incidiram fortemente no significado da região central e privilegiaram a Savassi como *locus* residencial das classes média e alta. Observam as autoras que o centro da cidade começa a ser descrito como perigoso, já na década de 1970. Segundo elas, a historicidade de Belo Horizonte permite compreender as questões relativas a novas centralidades e sociabilidades distintas que, por sua vez, são ao mesmo tempo derivadas e contribuintes para os novos significados atribuídos aos espaços urbanos.

Ao privilegiar as elites, o projeto de planejamento da cidade de Belo Horizonte expulsou os extratos das classes trabalhadoras para as periferias urbanas, mas, por outro lado, a dinâmica do centro da cidade como zona de serviço e de cultura nunca se perdeu. Os projetos de qualificação urbana, sobretudo o “Centro Vivo”, implantado em 2006, expõe de modo veemente a importância da vivência dos sujeitos que participam ativamente da vida no centro da cidade. A coexistência das várias classes no centro da cidade de Belo Horizonte, principalmente após a qualificação, não mascara os conflitos e zonas de limiaridade existentes.

As autoras Andrade e Jayme (2011)⁵⁶ colocam que o programa Centro Vivo enfatiza que, embora nos discursos da maior parte dos programas de

⁵⁶ ANDRADE, Luciana T; JAYME, Juliane G; ALMEIDA, Rachel C. Espaços Públicos: Novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrópole** (PUC SP), n.21, p.131-153, 2009.

revitalização, o Centro apareça como lugar de todos, percebe-se no cotidiano o conflito entre as classes e grupos sociais como fator inerente ao espaço público.

Segundo Arantes (2000, p 82)⁵⁷,

A limiaridade dificulta o esforço de construção de uma identidade espacial. As mesmas características que tornam os espaços limiares tão atraentes, tão competitivos em uma economia de mercado, representam também o desgaste da diferenciação local.

A limiaridade, por sua vez, revela os conflitos entre as classes que tentam reafirmar suas identidades através do comportamento diferenciado, mesmo sendo coabitantes da mesma cidade. Percebe-se que a limiaridade é uma construção histórica atrelada, conforme afirma o autor, nas ambiguidades das relações na atualidade, associados a três elementos intrínsecos do século XX: A globalização do investimento e da produção; a abstração contínua do valor cultural em relação ao trabalho material e a mudança do significado social – que era extraído da produção e hoje deriva do consumo.

Longe de esgotar a pertinente contribuição de Arantes neste ensaio, é imprescindível inferir que o autor, ao discorrer sabiamente sobre o contexto da pós-modernidade nas cidades a partir do fenômeno da *Disneyworld* na Flórida, expõe elementos críticos sobre o desenvolvimento das sociabilidades a partir do consumo. Nesta direção, aponta-se que a análise do autor propicia maior compreensão sobre o rebatimento do fenômeno do consumo nas especificidades da cidade de Belo Horizonte, visto que, numa cidade capitalista que nasceu do ideário modernista, a perspectiva de consumo das elites sempre pautou (e pauta) as relações sociais presentes na trama cotidiana. Observa-se que a limiaridade presente nas relações humanas em Belo Horizonte também aparece como fenômeno que reduz os cidadãos a consumidores.

Observa-se que a dinâmica histórica de Belo Horizonte nos propicia entender que a requalificação da região central é produto de interesses capitalistas e do ideário de uma elite que impõe, através de projetos urbanísticos, as

⁵⁷ ARANTES, Antônio Augusto. *Guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulência*. In: _____ *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*. Campinas, Editora da Unicamp, 2000.

espacialidades nas cidades. No entanto, é preciso também perceber que os interesses do capital também propiciam usos e contra-usos que, sistematicamente, produzem novas sociabilidades dos grupos em disputa contra a ordem segregacionista que ainda impera.

Belo Horizonte, então, ao mesmo tempo em que provoca a coexistência de grupos sociais distintos, é um convite para a participação popular em vários espaços de uso público. Em que pese os limites deste texto, é fundamental compreender que o acesso e participação das pessoas no centro da cidade e nas imediações, não acarreta, entretanto, a convivência sem conflitos.

Entende-se que a análise sobre a questão da segregação sócio-espacial em Belo Horizonte tem como cerne a expulsão da classe trabalhadora do centro urbano como lugar de habitação.

Este traço histórico característico da sociedade capitalista demarca também as contradições capital X trabalho; uma vez que as classes coabitam, mas não necessariamente dialogam e interagem, tamanho o fosso que separa ricos e pobres, em um país com enorme concentração de renda. Os significados intrínsecos da relação entre as classes e grupos sociais são manifestas na construção das identidades dos sujeitos em sua forma de ser e de expressar. Com os subsídios do primeiro módulo da disciplina Espaço e Sociedade, observa-se os desvãos, os textos subliminares, das fronteiras dizíveis e indizíveis que separam os extratos sociais.

Como citado por Arantes (2000, p)⁵⁸:

Somos parte de um mundo só. Estamos todos juntos, mas não estamos no mesmo mundo. Você se entrar no meu mundo é estranho; eu, se entrar no seu, sou estranho. Você não ia me aceitar se soubesse que tenho passagens na política, e eu não ia te aceitar sabendo que você nunca roubou. Você tem um mundo e eu tenho outro mundo. Os nossos mundos estão em guerra. É isso!

⁵⁸ ARANTES, Antônio Augusto. **Guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulência**. In: _____
Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

O depoimento por parte de um profissional do sexo em São Paulo revela claramente as limiaridades e zonas segregadas como inerentes à construção das identidades dos sujeitos. Por outro lado, entende-se também que não se deve generalizar a respeito de uma pretensa guerra entre as classes sociais. A guerra informada pelo sujeito entrevistado é real? Será que este conflito pode ser pensado como uma guerra? Estaríamos todos voltando ao estado de natureza conforme os autores clássicos da sociologia? Será que não é possível engendrar novas formas de sociabilidade urbana, senão pelo conflito e confronto? De que guerra estamos falando?

Estas interrogações suscitadas pela análise do autor quanto à cidade de São Paulo, permite refletir que as cidades brasileiras e outras, no cenário mundial, não estão necessariamente provendo a todos espaços de convivência real entre as diferentes classes e realidades. Diante do imperativo da sobrevivência, como construir outras possibilidades para fortalecimento da democracia?

Penso que a própria democracia, construída através de luta e da mobilização social, possa ser a chave para nossa reflexão. O exercício da democracia não significa a construção contínua de consenso; antes, evidencia as contradições inerentes às relações humanas. Para tanto, talvez seja interessante aprofundarmos o estudo sobre a violência simbólica para desmascarar os contornos, nuances e significados implícitos atribuídos à vida em sociedade. Sem a crítica à violência simbólica e sem a defesa da democracia, estaremos fadados a reproduzir, no discurso e nas práticas, a segregação sócio-espacial.

3.1.1 – Análise do conceito de cidade na tese

Ao analisar o conceito de cidade na tese, deparei-me com obras que se tornaram clássicas, tamanha a força das concepções na perspectiva dos estudos a respeito de temas correlacionados. Sem dúvidas, a principal obra de referência é *Le Droit a la Ville* (O direito à cidade) de autoria de Henri Lefebvre⁵⁹. Nesta importante, obra publicada em 1968, o autor, que residiu toda a sua existência em Paris, sentia as diferentes transformações na cidade e reivindicava, à luz dos princípios da esquerda comunista, o direito a viver num mundo menos caótico, onde tudo parecia ser rapidamente transformado pela força do capital, não apenas no aspecto físico, mas principalmente nas relações sociais desenvolvidas.

O pensamento de Lefebvre permanece como legado para muitos outros autores como Castells, que, na década de 1970, abre, ou melhor, amplia, o campo de teorização dos estudos sobre a política urbana. Para Castells(2011)⁶⁰, Lefebvre analisa a questão do espaço urbano e da habitação como questão importante para a reprodução social. Na perspectiva de Castells, não há como dissociar a questão urbana como inerente a outras à ela associadas, como a saúde, o trabalho, e as relações sociais. Ao meu ver, tanto o conceito de questão urbana em Castells, como o conceito de Direito à cidade na perspectiva de Henri Lefebvre, são complementares no entendimento do que é cidade para fins da tese. Ainda que se registre haver singulares diferenças conceituais entre os autores, seus contextos e ideias, é fato que a cidade é um conceito multifacetado, polimórfico e de complexa conceituação.

Ao debruçar-me sobre estas obras, percebo que cidade não é apenas uma zona urbana circunscrita em um território; é feita de pessoas que a constroem no seu cotidiano. Eu, que sou natural do Rio de Janeiro, penso na cidade de Belo

⁵⁹ LEFEBVRE, Henry. **La Droit a la Ville**. Paris: Antrhropos, 1968.

⁶⁰ CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Horizonte de modo diferenciado das pessoas que nasceram, cresceram e moram desde sempre na capital mineira. Isto se dá orque minha experiência na cidade também está prenhe de significados, sonhos, desejos, sentidos vivenciados de modo singular. Por isso, para além das teorizações presentes na pesquisa, compreendo a cidade como espaço das relações, dos cruzamentos dos dados psíquicos, poéticos e caóticos que me fazem vivenciar o morar nesta cidade. Durante o meu percurso no estágio doutoral na cidade de Coimbra, percebi que os portugueses não perguntam: - "Onde você mora?". Eles perguntam: - "Onde você vive?" Essa questão que, ao primeiro olhar, parece simples, toma outra conotação sobre os sentidos que atribuímos à cidade. A pergunta me remete a pensar nas diferentes e diversas dimensões que compõem a vida numa região urbana. Afinal, viver tem que ser maior que apenas morar.

Com o aporte de Lefebvre e de Castells, percebo que o Direito à cidade como pauta política e pública, adquire ainda maior relevo se entendermos em Castells que o espaço urbano não se dá a conhecer apenas pelo aspecto físico. Por outro lado, leva-se também em relevo a importância de David Harvey como um dos teóricos contemporâneos que, tecendo críticas aos outros autores citados, faz despertar ainda mais nosso olhar a respeito do legado de Lefebvre, não como dogma, mas como uma referência que não necessariamente dialoga com as requisições dos movimentos sociais urbanos da contemporaneidade.

David Harvey (2014)⁶¹ aborda os sentidos da luta pelo Direito à cidade, tendo como referência a obra de Henry Lefebvre (1968)⁶². Para Harvey, a onda de manifestações nos anos 90 e adensadas nos anos de 2000 não tem relação necessariamente com as ideias de Henry Lefebvre. Para o autor, os movimentos sociais de cariz urbano estavam alicerçados na crise de várias dimensões que mostraram as insatisfações com um modelo urbano absolutamente distanciado

⁶¹ HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

⁶² LEFEBVRE, Henry. **La Droit a la Ville**. Paris: Antrhropos, 1968.

das aspirações da maioria dos seus habitantes. No entanto, o início de sua análise está alicerçada na importante contribuição que Lefebvre traz a partir de seus questionamentos sobre a cidade de Paris, na qual Lefebvre vivia.

Segundo Harvey (2014)⁶³, no ano de 1967 quando Lefebvre publica “La droit à La Ville” (O Direito à cidade), já citada na tese, trata da “queixa” como uma necessidade de resposta aos problemas do cotidiano existencial na cidade e também da “exigência” para que a vida urbana se tornasse mais interessante e divertida, com perspectivas futuras mais alternativas ao caos que transformava radicalmente as relações de vizinhança, com a implantação dos grandes prédios, lojas, que serviram muito mais a um ideal de modernidade que ao ver de Lefebvre alterava para pior as relações sociais.

Apesar das críticas que Harvey faz à obra de Lefebvre, ele salienta que o legado de sua obra é imprescindível, ainda que muitos movimentos defensores da vida coletiva nas cidades, possam até nem conhecer sua contribuição. Para Harvey (2014)⁶⁴, como sujeito cidadão em Paris, Lefebvre sentia a radicalidade das transformações no seu percurso diário:

Não tenho dúvidas de que Lefebvre era sensível a tudo isso – e não apenas devido ao seu evidente primeiro fascínio pelos situacionistas e suas ligações teóricas pela idéia de uma psicografia da cidade, a experiência da deriva urbana através de Paris e a exposição ao espetáculo. O simples fato de sair de seu apartamento na rua Rambuteau certamente bastava para que seus sentidos ficassem em polvorosa. Por este motivo, considero extremamente significativo que O direito à cidade tenha sido escrito antes da irrupção (como Lefebvre posteriormente a chamou) de maio de 1968. Seu ensaio apresenta uma situação em que tal irrupção não era apenas possível (e Lefebvre desempenhou um pequeno papel em Nanterre para que assim fosse).
P.13

Ainda que Harvey registre a imensa importância da obra de Lefebvre, ele considera que é a relação das pessoas com o que ocorre nas ruas que fomenta, portanto, os movimentos sociais na busca do Direito à cidade, o que faz

⁶³ HARVEY, Idem.

⁶⁴ HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p 14

ressurgir o debate acadêmico, intelectual a respeito dos movimentos sociais urbanos e não está diretamente associado ao grande legado do autor francês.

Segundo Harvey, os acontecimentos mundiais sobre o direito à cidade principalmente a partir dos anos 2000, têm relação com os questionamentos a respeito do papel do Estado na salvaguarda dos direitos sociais que estão ameaçados na égide neoliberal. Trazendo à baila exemplos de mobilizações no Brasil, Harvey (2014)⁶⁵ afirma que

O que vem acontecendo nas ruas, entre os movimentos sociais urbanos, é muito mais importante. E, como grande dialético e crítico imanente da vida cotidiana urbana, certamente Lefebvre estaria de acordo. O fato, por exemplo, de que a estranha convergência de neoliberalização e democratização no Brasil na década de 1990 tenha resultado na constituição brasileira de 2001⁶⁶ que garantem o direito à cidade tem de ser atribuído ao poder e à importância dos movimentos sociais urbanos, particularmente no que diz respeito ao direito à moradia, na promoção da democratização. O fato de esse momento constitucional ter ajudado a consolidar e promover um sentido ativo de “ cidadania insurgente” (como a chama James Holston) não tem nada a ver com o legado de Lefebvre, mas tudo a ver com as lutas que continuam a existir acerca de quem vai configurar as características da vida urbana cotidiana”. (P.14)

De acordo com a análise de Harvey(2014)⁶⁷, no Brasil as experiências urbanas, como o orçamento participativo instaurado pelo governo petista, em que parte do orçamento municipal é investido em melhorias votadas por moradores da cidade, intensificou o interesse das pessoas para reivindicar respostas às contínuas agressões contra a qualidade de vida, desde os anos de 1990. Um grande interlocutor nesta direção é o Fórum Social Mundial com forte participação do Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST).

⁶⁵ Ibid, idem. p 13.

⁶⁶ Harvey se refere ao Estatuto das Cidades, lei 10,257 de 10 de junho de 2001, que regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição de 1988. Segundo Harvey não se trata de uma emenda à constituição, como o texto dá a entender. p 14.

⁶⁷ HARVEY, idem.

Na perspectiva internacional, Harvey aponta outros exemplos, como o Fórum Social dos Estados Unidos em 2007, realizado na cidade de Atlanta, que reivindicava o Direito à Cidade com articulações das cidades de Los Angeles, Nova York, tendo como inspiração as conquistas dos movimentos sociais urbanos no Brasil.

Penso que a fecunda análise de Harvey (2014)⁶⁸ expressa que nenhuma teoria é capaz, por si, de alavancar processos de mudança, de articulação e engajamento dos movimentos sociais que clamam por uma outra lógica urbana. Concordando com este autor, em que pese o legado de Lefebvre, a ideia do direito à cidade reside no pulsar da vida cotidiana, na indignação, no desejo de que a cidade exprima a realidade e os interesses da maioria da população que nela vive. Estou de acordo com Harvey (2014)⁶⁹ quando este afirma:

Portanto, convenhamos: a idéia do direito à cidade não surge fundamentalmente de diferentes caprichos e modismos intelectuais (embora eles existam em grande número, como sabemos). Surge basicamente das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero. De que modo, então, respondem os acadêmicos e intelectuais (tanto orgânicos como tradicionais, como diria Gramsci) a essa e a essa exigência? É aqui que se mostra o estudo sobre como Lefebvre respondeu – não porque suas respostas não delineiam um esquema (nossa situação é bem diferente da que havia na década de 1960, e as ruas de Mumbai, Los Angeles, São Paulo e Joanesburgo são muito diferentes das de Paris), mas porque seu método dialético de investigação crítica imanente pode oferecer um modelo inspirador sobre como poderíamos responder a essa queixa e a esta exigência. (P.16)

Porém, destaco que se a realidade é realmente inapreensível teoricamente, há que se ter cuidado em compreender os diferentes contextos nos quais se pensa o direito à cidade. Obviamente, a história de constituição e as especificidades das cidades no mundo têm que ser consideradas. Neste sentido, penso que, realmente, o método dialético de investigação de Lefebvre continua importante, não para restringir análises a respeito dos movimentos sociais urbanos, mas

⁶⁸ Ibid, idem.

⁶⁹ HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p 16.

para ampliar a compreensão do que vemos, ouvimos e sentimos ao contribuir com nossa existência na luta pelo Direito à cidade.

Concordo com a análise de Harvey(2014)⁷⁰ quando afirma que são os trabalhadores urbanos e não os operários fabris (categoria analítica que se transforma radicalmente com a reestruturação produtiva dos anos de 1970 em diante), os que se mobilizam em torno da busca pelo Direito à cidade. Segundo ele, outros autores como Lefebvre, Castells também formularam suas teorias com base na certeza de que a revolução urbana teria como sujeitos sociais uma classe trabalhadora difusa, complexa, descentralizada, e extremamente diferente do operariado fabril.

Harvey (2014)⁷¹ ressalta que para boa parte da esquerda tradicional ainda tem dificuldade em compreender as imensas alterações históricas quanto aos sujeitos trabalhadores urbanos, sem considerá-los como atores sociais revolucionários. Para ele:

Ao invocar a classe trabalhadora como agente da transformação revolucionária ao longo de seu texto, Lefebvre estava sugerindo tacitamente que a classe trabalhadora revolucionária era formada por trabalhadores urbanos, e não exclusivamente por operários fabris. Como se observaria mais tarde, esse é um tipo muito diferente de formação de classe – fragmentado e dividido, múltiplo em suas aspirações e necessidades, em geral itinerante, bem mais desorganizado e fluido do que solidamente implantado. Essa é uma tese com a qual sempre tive de acordo (mesmo antes de ler Lefebvre) , e obras subseqüentes de sociologia urbana (sobretudo obras de um dos primeiros erráticos discípulos de Lefebvre, Manuel Castells) deram força a essa idéia. Ocorre, porém que boa parte da esquerda tradicional tem dificuldade de apreender o potencial revolucionário dos movimentos sociais urbanos. Em geral, são subestimados como meras tentativas reformistas de lidar com questões específicas (e não sistêmicas), que então terminam por ser considerados nem como movimentos verdadeiramente revolucionários nem de classe”. (P.17)

⁷⁰ Ibid, idem..

⁷¹. HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.p 17.

Essa crítica de Harvey quanto a entendermos os trabalhadores urbanos como classe revolucionária, foi o aspecto que muito me chamou atenção. De fato, as alterações da lógica capitalista no mundo atual, a ausência do pleno emprego, a suspensão ou diminuição drástica dos direitos trabalhistas, a precarização do trabalho, a falência de fábricas, a troca de mão de obra viva por vias tecnológicas, fizeram com que a concepção de classe operária se alterasse drasticamente. A vida urbana, sobretudo com a crise do petróleo nos anos de 1970, e ascensão do neoliberalismo, praticamente acabou com a classe operária industrial que, para muitos pensadores da esquerda tradicional, até hoje continua a ser a única detentora da perspectiva revolucionária. Hoje, o chamado precariado, é que corresponde como categoria à classe que vive do trabalho e que se manifesta contrária à lógica excludente presente nas cidades capitalistas e em desenvolvimento, como as cidades brasileiras. Para Harvey (2014)⁷²:

O trabalho importante e em permanente expansão de criar e manter a vida urbana é cada vez mais realizado por trabalhadores precários, quase sempre em jornadas de meio expediente, desorganizados e com salários irrisórios. O chamado “precariado” substituiu o “proletariado” tradicional. Se viermos a ter algum movimento revolucionário em nossa época, pelo menos em nossa parte do mundo (em oposição à China, em processo de industrialização), o problemático e desorganizado “precariado” terá de ser levado em conta. O grande problema político consiste em saber como grupos tão desorganizados poderiam se auto-organizar de modo a constituir uma força revolucionária. E parte do trabalho consiste em entender as origens e a natureza de suas queixas e exigências. (P.19)

O precariado como classe não foi alvo da análise de Lefebvre, devido ao contexto em que este autor viveu, porém sua defesa de que os trabalhadores urbanos eram a classe revolucionária, uma vez que somente a luta anticapitalista, poderia ensejar uma cidade mais participativa e democrática.

Para Harvey, a cidade pensada como epicentro da vida moderna, organizada, urbana que comporia o escopo da cidade tida como ideal tradicional, foi extinta pelo desenvolvimento capitalista em sua sanha por acumular capital,

⁷² HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p 19.

acarretando a expansão desordenada do crescimento urbano com sérias consequências sociais, ambientais, políticas. Harvey (2014)⁷³ concordando com Lefebvre (1968)⁷⁴:

Nossa tarefa política, sugere Lefebvre, consiste em imaginar e reconstituir um tipo totalmente novo de cidade a partir do repulsivo caos de um desenfreado capital globalizante e urbanizador. Contudo, isso não pode ocorrer sem a criação de um vigoroso movimento anticapitalista cujo objetivo central seja a transformação da vida urbana no nosso cotidiano". (P.20)

Penso que, diante do imperialismo do capital, produzir cidades conforme lógicas declamadas na voz de Caetano Veloso⁷⁵: "Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas. Da força da grana que ergue e destrói coisas belas, da feia fumaça que sobe apagando as estrelas", poeticamente mostra as contradições de um sistema econômico que não prioriza as pessoas, mas é somente a luta contínua pelo direito à cidade, como tarefa política, que se pode resistir e ressignificar a vida nas cidades.

Nesta perspectiva, concordo com Harvey (2014)⁷⁶ que, ao discorrer sobre a obra de Lefebvre (1968), afirma que somente quando a política se reconhecer como processo de trabalho e se concentrar na análise da cidade enquanto locus da reprodução e reprodução da vida social, será possível fortalecer a luta anticapitalista com capacidade para a transformação radical da vida urbana. Lefebvre (1968)⁷⁷ afirma que

Somente quando se entender que os que constroem e mantêm a vida urbana têm uma exigência fundamental sobre o que eles produziram, e que uma delas é o direito

⁷³ HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p 20

⁷⁴ LEFEBVRE, Henry. **La Droit a la Ville**. Paris: Antrhropos, 1968

⁷⁵ Caetano Veloso e David Byrne – **Sampa** – Album: Live at Carnegie Hall - 2012

⁷⁶ HARVEY, idem. p 21

⁷⁷ LEFEBVRE, Henry. **La Droit a la Ville**. Paris: Antrhropos, 1968

inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos, chegaremos a uma política do urbano que venha a fazer sentido.

Em concordância com Harvey, penso que a cidade, como já assinalai, não é composta somente da arquitetura física, mas também de significados outros que compõem a memória, a perspectiva, desejos, sonhos e lutas de quem nela habita. A luta por uma cidade democrática, plural, interessante para homens, mulheres, crianças, negros, indígenas, gays, LBGTs, não se dará a conhecer através dos interesses dos grupos financeiros ou de uma política tradicional que não está aberta a ouvir a voz dos que foram e são oprimidos historicamente. Para Harvey(2014)⁷⁸, a reivindicação por uma cidade que atenda aos anseios da maioria da população, é feita por meio de

Grupos ligados à Aliança pelo Direito à Cidade são basicamente formados por moradores de baixa renda em comunidades negras que lutam pelo tipo de desenvolvimento que vá de encontro a seus desejos e necessidades, pessoas sem teto que se organizam por seu direito à moradia e aos serviços básicos e jovens negros LBGTQ⁷⁹ que lutam por seu direito à segurança nos espaços públicos. (P.21)

A cidade como expressão desses grupos subverte a lógica do capital, e traz a perspectiva de que viver seja mais que simplesmente existir. Penso que somente a resistência ao que nos subestima e nos submete é a essência de um inconformismo que pode dar lugar a formas políticas inteligentes e coletivas, como a experiência com a plataforma "Muitas: a cidade que queremos" tem mostrado em Belo Horizonte, já inspirando outras possibilidades na cidade de São Paulo, onde foi lançado o mote "você vota em um e leva 18"⁸⁰, para renovação do sistema legislativo.

⁷⁸ HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do Direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p 21

⁷⁹ Por extenso, Lesbians, gays, bissexuais, transgenders and Queers (ou Questioning em inglês) - nota p.21 do livro acima citado.

⁸⁰ Ver matéria: Grupos estudam candidatura coletiva para desafiar o sistema. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/grupos-estudam-candidaturas-coletivas-para-desafiar-o-sistema.shtml>

As recentes experiências nos permitem ver que, contrariando a ordem vigente da política “tradicional”, é possível fazer com que as pautas coletivas sobre o Direito à cidade adquira cada vez mais solidez em propostas políticas voltadas para e pelos sujeitos sociais.

No próximo item, trataremos destas questões, a partir das falas dos sujeitos.



Foto 6: Aglomerado da Serra. Foto de Sheyla Bacelar

3.2 – Articulando as vozes sobre a cidade: morro, aglomerado, favela ou quilombo?

Como observamos no texto, a cidade tem diferentes nexos, e suas lógicas encontram no devir histórico a construção real, concreta, mas também imaginária. Depende então dos diversos sujeitos que a compõem e a constroem historicamente. Neste texto, trataremos do diálogo dos sujeitos pesquisados com autores citados na pesquisa. Nas entrevistas, foi possível compreender que a fala dos sujeitos está impregnada do sentido que a cidade tem em suas vidas, o que mostrou que, para eles, a cidade diz respeito também aos conceitos de morro, aglomerado, favela ou quilombo.

Para eles, se o interlocutor tratar com respeito, tanto faz o uso de palavras como morro ou favela. No entanto, são os órgãos oficiais que usam a terminologia "aglomerado" para designar um conjunto de favelas do mesmo território. Segundo eles, o termo aglomerado é um conceito técnico, e, por isso, não o julgam pejorativo. No entanto, na linguagem deles, são mais utilizadas as palavras morro, quebrada ou favela.

A palavra quilombo apareceu em duas falas. Uma da Lenny, que faz analogia entre a favela onde reside e os antigos quilombos, porque, para ela, as favelas atuais são, de certa forma, a reprodução da desigualdade social e racial que, desde o período de escravização do povo africano no Brasil, se repete. Ela diz que não é a toa que a maioria da população negra reside nas favelas e aglomerados urbanos. O seu engajamento com a capoeira a fez ver o quanto a população negra sofreu e sofre em resistir para sobreviver. Este pensamento também foi observado na fala de Hudson.

Em suas narrativas, Bobney apresenta as seguintes observações:

Favela para mim quer dizer vida sofrida acima do extremo. É sofrimento de cada lado, as divergências, as mudanças de tudo, gente. Cada um conhece cada um, violência, é treta só quem tem e é isso no momento. Aglomerado para mim, eu levo na base da construção civil. Aglomerar pra mim é andaimes em cima de andaimes, casas em cima de casas,

convivência em cima de convivência e sofrimento em cima de sofrimento. (Informação verbal)

Kadu pondera em sua fala a respeito das nomenclaturas, porque ele vê estigmas arraigados na sociedade, dependendo do lugar de onde se fala. Ele diz:

Hoje em dia tem essa coisa mais do Aglomerado Serra. Antigamente se falava – eu sou do Cafezal, eu sou do Arara. Agora eu sou da favelinha. Qual favelinha? Da Serra. Outro dia uma pessoa falou: - eu sou do Cardoso, Cardoso da Serra. Hoje em dia é mais emancipado. Tem a bandeira do Aglomerado. Mas tem lugar que morador por exemplo não fala que mora aqui pra conseguir emprego. Pode se usar o recurso de por exemplo, Novo São Lucas ou pode usar o lá no Aparecida. Moro no Bairro Nossa Senhora de Fátima e tem momentos também que você tem que afirmar que você é lá da favela. Então eu mesmo hoje em dia esculacho mais. É favela mesmo, é aglomerado, é quebrada. (Informação verbal)

Sobre quilombos, Hudson nos diz:

Vejo a favela como os antigos quilombos. E favela é uma planta que sobe nos morros. Quando houve a abolição da escravatura no Brasil, nosso povo foi para os morros, principalmente na capital fluminense. Não foi dado aos nossos escravos semi-libertos um lar, animais domésticos, cavalos, bois, vacas, etc. Somente a liberdade mascarada até hoje. (Informação verbal)

A fala de Hudson encontra simetria na fala de Lenny:

Pra mim eu acho as comunidades como quilombos, assim... se for reparar a maioria das pessoas que mora nas comunidades são pessoas negras, querendo ou não estão na luta como antigamente, tem capitão do mato, tem várias coisas. Pessoas que passam por dificuldades e estão na lutas. Então pra mim, as comunidades é como se fosse um quilombo. Pra mim o que mais marca ser um quilombo é que na maioria dos outros bairros assim mais da classe média não tem gente negra. Se você for reparar assim na Savassi, Mangabeiras, não tem muito negro e se você for olhar nos aglomerados a maioria é de pessoas negras e pobres. É a diferença de questões financeiras e questões da cor da pele é muito chamativo, tá muito na cara. Pra mim é mesmo um quilombo, até porque o povo é mais unido nas comunidades, assim como o povo era antes, pelo que eu saiba. (Informação verbal)

As falas antes, que articulam as vozes sobre morro, glomerado, favela e quilombo, nos permitem pensar que a cidade é sentida, interpretada, historicizada como território de desigualdades. No entanto, a partir das falas e da bibliografia pesquisada, sobretudo na relevante contribuição de Milton Santos⁸¹,

⁸¹ SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

as cidades brasileiras estão longe de se haver de fato com um desenvolvimento que inclua todas as populações, acolhendo seus sonhos e anseios.

Os estigmas referentes à raça, que observei nas falas, estão associados também à gritante desigualdade social no Brasil. Segundo dados recentes publicados pelo Jornal El País⁸², mostram que os 5% mais ricos da população detém a mesma fatia de renda que os outros 95% da população. Segundo dados da organização Oxfam, divulgados nesta matéria, as seis pessoas bilionárias concentram, juntas, a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres da população brasileira.

Os dados apontam que esses bilionários ganham, em um mês, o que os que recebem um salário mínimo ganhariam trabalhando por 19 anos seguidos. O estudo aponta, ainda, que a desigualdade também se apresenta em relação ao gênero e raça. As mulheres ganharão o mesmo que os homens em 2047, enquanto negros terão equiparação salarial com brancos somente em 2089, conforme a tendência histórica que o estudo aponta.

Esses dados nos fazem refletir sobre os significados da desigualdade observados nas falas a respeito do modo de vida, que ainda carrega o peso histórico do rebatimento do processo de colonização e também do patriarcado, sendo essas as premissas motoras do devir capitalista. Em que pese o reconhecimento de que, desde a abolição da escravidão até hoje, houve acentuadas mudanças com a inclusão da população pobre em políticas públicas (e, mais recentemente, no governo de Lula e Dilma, nos programas de transferência de renda), observo que o cerne da discriminação dos pobres, a precariedade do emprego, a violência, permanecem.

⁸² A nota do jornal é a seguinte: “Seis brasileiros concentram a mesma riqueza que possuem a metade da população mais pobre”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531_079176.html?rel=mas – Acesso em : 26/09/17.

Isso acontece porque, de fato, não houve alteração no topo da pirâmide social, e os poucos avanços sociais no país, que aconteceram na base da pirâmide, hoje retrocedem no (des)governo de Michel Temer. Ainda assim, o povo se constrói, se refaz, ressignifica sua vida e luta e continua a dar sentido à vida nas cidades. A cidade de Belo Horizonte não é diferente deste contexto. A cidade é feita de homens e mulheres que a constroem diariamente. Vejamos, abaixo, as falas sobre o conceito de cidade, na ótica dos entrevistados:

Nossa! A cidade é um território de vida coletiva em que se formam as pessoas numa pegada urbana mas com marcas de muitas diferenças e desigualdades. A cidade é lugar de moradia, de circulação, de descobertas, de afirmação de identidades, de reconhecimento e negação das outras pessoas, a cidade é um tanto de encontros e desencontros. A cidade, para mim, na minha formação, foi a a possibilidade de me descobrir uma mulher negra, que teve uma inserção num movimento cultural urbano que é o *hip hop*, e, a partir daí, conseguir me expressar e desenvolver um senso de que sou muito especial e singular no mundo e vivendo na coletividade. (Áurea Maria – Informação verbal)

Observo que, para a Áurea, a cidade como território de vida coletiva, é marcada por diferenças e desigualdades. Há uma questão importante no jogo social que é a construção da identidade em meio aos encontros e desencontros entre as diversas pessoas. A afirmação como mulher negra, pertencente a uma coletividade é também reflexo do que Bourdieu (2007)⁸³ conceitua como *distinção*. Ou seja, através das relações sociais ocorre o fenômeno da classificação, a partir do lugar social no qual cada pessoa se insere.

Dentro de uma coletividade, um saber oriundo da cultura como o *hip hop*, a que a Áurea se refere, pode não ter o *status* de reconhecimento e de produção subjetiva para a cultura geral, e que trouxe para ela a oportunidade de revelar-se como um ser especial e singular. A leitura fecunda que ela narra, mostra também a relação da sua vivência no movimento cultural, que a fez entender por outros prismas a importância de ser, viver, estar na cidade.

⁸³ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

De fato, a cultura *hip hop* não diz respeito somente a um estilo musical. O *hip hop* é um movimento cultural norte-americano, surgido na periferia de Nova York⁸⁴, no qual imigrantes negros e latinos, reivindicaram seu direito a ter expressividade numa cidade violenta, onde eram silenciados mediante o poder coercitivo do Estado.

A reflexão sobre a cidade, na narrativa da *Áurea*, nos remete a este cenário e à possibilidade de (re)significação da vida através do *hip hop*. De fato, o cenário brasileiro, e sobretudo o beloizontino, é hoje muito diverso da cidade de Nova York no contexto de origem deste movimento. Contudo, nas grandes cidades, os embates produzidos pela estrutura de classes está longe de findar. A luta contra a visibilidade, e a violência através do silenciamento de práticas culturais e sociais ainda vistas de modo pejorativo, como o *Hip Hop*, o *Funk*, e outras expressividades culturais, denota o processo de exclusão produzido pelo sistema capitalista, e a imposição de lógicas racistas, xenofóbicas, machistas. que estão incorporadas aos mecanismos e práticas sociais das cidades brasileiras.

Esta sensação de viver em uma cidade que mostra o antagonismo de classes, também é sentido pela Sheila que nos diz:

Na minha concepção de vida, cidade pra mim é uma movimentação de pessoas diferentes, com várias diferenças. E essa cidade às vezes ela também mesmo com grandes diferenças ela também não é acessível por outras pessoas. Por isso que pra mim existem duas cidades. Existe uma cidade que é centro da cidade e existe a Serra é exemplo. Porque a gente acha que a cidade do centro da cidade é acessível à todos, mas ao mesmo tempo não é, e aí você tem que ter certas cautelas. Na cidade a gente acha que a gente tem liberdade, mas não é, nem sempre a gente pode se expressar. mas nem sempre cê pode se expressar e andar da forma que você deseja, do jeito que cê deseja. Pensando no contraponto da cidade e da serra, acho que lá as pessoas estão pouco se importando da forma que o outro está andando, o estilo do outro, mesmo com seus preconceitos e suas questões. De como cada um se veste e circula, tal o estilo do outro assim, mesmo com seus preconceitos. Falo por mim por questões de liberdade, me sentir mais a vontade em certos lugares e outros não. Acho que pra mim cidade tem dois lugares assim. (Informação verbal)

⁸⁴ A informação citada foi retirada de: <https://estilousblog.wordpress.com/2015/09/16/a-linguagem-da-cultura-hip-hop-os-4-elementos-do-hip-hop/> - Acesso em: outubro de 2017

Na concepção da Sheila, a cidade mostra a divisão de classes através da exclusão que vive e sente. Ela identifica a cidade como um lugar de disputa através das diferenças. De fato, penso que um corpo negro que circula na cidade é percebido de forma muito diferenciada do corpo não-negro. A cultura brasileira está impregnada das consequências históricas da colonização e escravização da população negra africana. A ideia de que os negros são o perigo em potencial, sinal de ameaça, de violência, tem estreita ligação com o fato da população negra ter sido historicamente violada no seu direito de ser gente. Uma passagem de Fanon (p.106-107)⁸⁵, no livro *Pele negra, Máscaras brancas*, explicita bem esta questão:

Olhe o preto! Mamãe, um preto!

Cale a boca, menino! Ele vai se aborrecer! Não ligue Monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós..... meu corpo era devolvido, desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio, olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

Muitas pesquisas que tratam das relações étnico-raciais, mostram que a movimentação de um corpo negro e não negro na cidade ocorrem de forma completamente diferenciada. O medo que a criança narra no episódio descrito por Fanon, acima, é um forte exemplo da vinculação da imagem do negro à criminalidade, forjada pelas teorias eugênicas nos anos de 1920. Até hoje, de fato, o negro não é visto como pessoa. Ao contrário, o racismo subtrai de cada pessoa negra a sua humanidade. Recentemente houve a retomada da *Klu Klux Klan*⁸⁶ com movimentos supremacistas brancos nos Estados Unidos com grande repercussão na imprensa internacional. A mais comentada movimentação

⁸⁵ No livro **Pele Negra, Máscaras Brancas**, Fanon discute o racismo e a colonização tanto para os negros, quanto para os não negros. Para Fanon é importante construir a identidade negra, superando os estereótipos criados pelo racismo que faz com que haja a inferiorização e subalternização do negro. Para o autor, o negro é dotado de intelectualidade que transcende os signos que o branqueamento e o eurocentrismo produziram.

⁸⁶ Refiro-me à reportagem: **Centenas de supremacistas brancos manifestam-se em Charlottesville**. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/centenas-de-supremacistas-brancos-manifestam-se-na-universidade-da-virginia-8701514.html> - Acesso em: agosto de 2017

ocorreu em agosto de 2017 na cidade de Charlottesville, na qual uma pessoa acabou morrendo e várias ficaram feridas num confronto entre supremacistas brancos e ativistas do movimento negro.

Outros exemplos dos mecanismos do racismo nas cidades brasileiras, está na prisão da única pessoa envolvida nas manifestações de junho de 2013. Trata-se de Rafael Braga, um rapaz negro, que durante as manifestações carregava Pinho Sol em sua mochila, que foi acusado de terrorismo e ainda se encontra preso. Um forte exemplo de que nas cidades, os códigos sociais entre negros e não-negros nunca foram igualitários.

O sentimento que a entrevistada Sheila tem é legítimo e merece ser pensado, analisado, para perspectivas educativas que formem resistência às situações cotidianas de violação de direitos, que, numa cidade como Belo Horizonte, também ocorre.

Já para Luiz, a cidade é percebida como construção do espaço físico: “Cidade pra mim é uma coisa bem técnica mesmo. É um conjunto de casas, de vias, constituição de um grupo social mesmo, pessoas, carros, isso forma uma cidade” (Informação verbal). Diferentemente da cidade percebida por Sheila, a cidade de Luiz é a cidade concreta, que, junto às pessoas, forma a dinâmica social. De fato, as nossas percepções sobre a cidade mostram esse duplo movimento: a cidade que imaginamos e a cidade real. Neste movimento, também integram as memórias que compõem nossa visão sobre a cidade, que, por sua vez, também pode ter um conteúdo nostálgico.

Para Bobney, a cidade em que vive hoje não corresponde à sua ideia de cidade, com a origem em sua experiência no interior. Para ele:

Cidade para mim não é o que eu vivo no momento, mas é como se fosse uma rua do bosque imaginária, mas inventaria. A cidade pra mim é quase igual a minha vida vivida na roça, são as lembranças de um riozinho, uma creche, uma escola, um mercado, umas vacas, um boi, é prefeito ainda cumprimentando a gente na rua, o que hoje não acha, e assim por diante, menos poluição, violência, é das antigas mesmo, carroça, como poucos tinham antigamente. (Informação verbal)

Guiado pelas lembranças de sua cidade natal, a cidade de Bobney, é a **cidade-memória** ou seja, a cidade que, para ele, tem a ver com seu pertencimento, a construção de sua identidade que confunde tempo e espaço a partir de sua vivência. A cidade-memória é composta de imagens que ele teve de um universo diferente da cidade. A cidade-memória de Bobney também fora cantada em prosa e versos em muitas canções brasileiras.

Lembro-me dos versos eternizados na voz de Elba Ramalho: "Estou de volta pro meu aconchego, trazendo na mala bastante saudade, querendo um sorriso sincero, um abraço para aliviar meu cansaço e toda essa minha vontade" (1985)⁸⁷... a ideia de voltar para sua terra, para sua gente, para o lugar onde mora o afeto. É uma ideia diferente do estranhamento que percebemos na canção Lamento Sertanejo⁸⁸, composta por Dominginhos na qual Gilberto Gil colocou letra:

*Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga do roçado*

*Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigos
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado*

*Por ser de lá
Na certa por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei...*

A canção parece explicitar bem a "cidade-memória" de Bobney. Remete-me a entender que a sociabilidade da cidade grande não comporta a necessidade de pertencimento, de acolhimento, de afeto, que mora na horizontalidade das relações sociais das cidades nas quais as pessoas se conhecem e onde o prefeito saúda os moradores de forma coloquial.

⁸⁷ **De Volta Pro Aconchego** é uma canção de Dominginhos e Nando Cordel - 1985

⁸⁸ "**Lamento Sertanejo**" é uma pérola musical originalmente instrumental, composta por Dominginhos (1941), na qual Gilberto Gil (1942) pôs letra. A toada recebeu inúmeras interpretações, incluindo várias gravações instrumentais. A música faz parte do LP **Refazenda**, gravado por Gilberto Gil, em 1975, pela WEA.

Outra concepção de cidade que identifiquei na pesquisa foi a cidade-poema. Mesmo com os muros de concreto, com a verticalização das pessoas nos “enclaves fortificados” de que tratou a Teresa Caldeira⁸⁹, é possível ressignificar o espaço urbano e sentir a poesia dos contrastes existentes. Esse é o olhar da Sissy, que nos diz que

Cidade é um conjunto, na verdade são vários significados. É um conjunto de moradias, de prédios, de pessoas também que formam essa cidade e também é uma forma poética de se construir. É uma construção que não para. Que está sempre em mudança, que está sempre em planejamento, em replanejamento, em mudança, então cidade se transforma nisso, numa mudança constante. Eu acabo vendo muita coisa em coisas bem simples, vejo no caminho uma única árvore que tem ali, vejo um monte de prédios amontuados e só uma casinha, e esse diferencial da favela aqui e da cidade ali, acaba se tornando uma poesia, porque eu acho que poesia é isso, esse olhar diferenciado sobre as coisas. Então acaba se transformando numa poesia. (Informação verbal)

Sissy, verifica os vários contrastes e significados existentes em sua vida na cidade. Para ela, cidade é algo que está em constante mudança. Há construções, desconstruções, transformações no espaço físico, que conformam a cidade onde se vive e compõem a poesia de seu olhar.

Numa outra perspectiva, Patrícia nos fala sobre a ***cidade identitária*** a cidade onde as relações de consumo e os símbolos do capitalismo parecem indicar o lugar que cada pessoa ocupa. Aparece também na cidade identitária a relação entre centro e localidades pobres. Na visão dela, a cidade é o centro de Belo Horizonte. E de fato, não é raro se dizer “vou lá na cidade”, indicando a necessidade de deslocamento para a região comercial. Ela diz que

Eu vejo a cidade como o centro de BH. Eu não ponho cidade como TODA a BH. Porque o próprio centro faz uma divisão. O centro de BH é um lugar, um ponto onde tem várias ramificações. Até porque para chegar ao centro, eu tenho que sair do Aglomerado, eu tenho que passar pelo bairro Serra, passar pelo Funcionários, até chegar a este centro. E essa cidade que vejo, eu consigo classificar as classes sociais. Mas vc não sabe quem é quem. Vc consegue classificar as pessoas através do que vc possa imaginar. Vc consegue avaliar o nível sócio-cultural, o que é, o que não é, de acordo com seus valores, de acordo com você mesmo, na cidade você consegue fazer isso. Mas ao mesmo tempo que essa cidade é um meio que tem uma diversidade imensa, ela também tem uma separação que ali ao mesmo tempo, eu não sei se vou saber explicar que ao mesmo tempo ela é de todo mundo, ela também tem

⁸⁹ CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000

uma certa separação, ela tem uma delimitação. Porque ela me aceita como uma senhora negra, mas tem determinados lugares que eu tenho que me autoafirmar dentro ali. Ao mesmo tempo que ela é aberta, ela é bem retorcida, bem fechada. Ai eu vejo a cidade. Também é um lugar de muito sonho. Quando estou no centro de Bh eu fujo da minha realidade, mas eu consigo reparar várias realidades ali, não do meio físico da realidade. Eu vejo a cidade como um contraste. (Informação verbal)

Como se vê acima, a cidade identitária diz muito de como o encontro com os outros também conformam a identidade que se constroi na cidade. O contraste entre o eu e os outros fora discutido sociologicamente, em diversas perspectivas. Patrícia me fez pensar muito no texto de Simmel (1903 in Revista Mana, 2005)⁹⁰

Você está muito bem, você vai ao centro e se sente melhor. Se você está muito ruim, você vai ao centro e volta melhor também, Você consegue identificar vários padrões que te faz tanto ir lá em cima, quanto se sentir por baixo, depende do seu estado de espírito. Depende do que você quer ver naquele momento, do que você está precisando. Eu gosto muito da cidade, embora eu vá muito. Mas eu não desfruto quando eu vou lá. Mas eu acho que lá é um lugar meio de fuga, de movimento constante, de trabalho, você ver todo tipo de gente. Eu acho muito interessante quando você está muito pra baixo aí você veste aquela roupa, e fala pra si mesmo – nossa essa roupa ninguém nem veste! Ai quando você chega lá, ai você vê tanta roupa que nem se identifica com aquela, aí você diz: alô!! Tem pessoas iguais a mim, eu não estou desatenada desse jeito. Talvez seja uma visão meio limitada, mas eu consigo me identificar muito com o centro, é uma diversidade muito grande e uma terapia muito grande. (Informação verbal)

Os padrões de consumo que Patrícia relata, e que tem a ver com “seu estado de espírito”, me trouxe as contribuições de Simmel(1903)⁹¹, quando de sua análise sobre a tensão que os indivíduos enfrentam na cidade grande para manter a sua identidade. Ele nos diz que

Os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida – a última reconfiguração da luta que o homem primitivo levou a cabo em favor de sua existência corporal. (p 577)

⁹⁰ SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Revista Mana**, n. 11(2), 2005p. 577-591, **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Print version ISSN 0104-9313 - On-line version ISSN 1678-4944**

⁹¹ SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Revista Mana**, n. 11(2), 2005. p 577. **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Print version ISSN 0104-9313 - On-line version ISSN 1678-4944**

Simmel, ao abordar as dinâmicas da cidade, em contraste com a vida no campo, afirma que as alterações não se colocam externas aos sujeitos. São antes, lutas que se travam para que a existência histórica, social, racial, de gênero não seja sucumbida pela lógica capitalista, que no texto, Simmel trata como monetária. Essa tensão, é vista por ele como “*intensificação da vida nervosa*”. Segundo ele⁹²:

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica profissional e social - , ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude da nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda em relação à cidade pequena e a vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. Com isso se compreende sobretudo o caráter intelectualista da vida anímica do habitante da cidade grande frente ao habitante da cidade pequena, que é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento. (p.577-578)

Em sua análise, Simmel, que escreve no contexto de emergência das grandes cidades como Londres, Paris, que a partir da revolução industrial iniciam novos fluxos de pessoas, novas formas de agir e de ser, observa que a cidade grande moderna “monetizou” também as relações sociais, criando fenômenos como o *blasé*, que seria uma forma de impessoalidade, na qual há reservas em relação à multidão que agora faz parte da vida coletiva nas cidades, em total contraste com comunidades de menor fluxo, como as do interior de Minas Gerais.

Penso que Simmel, de fato, foi um visionário em perceber os meandros, os sistemas de reserva e defesa, a despersonalização das relações sociais nas cidades grandes. Ele, de fato, desnudou com maestria os novos comportamentos que operam os sentidos do ser, estar e residir em grandes cidades. Interessante notar, que as críticas de Simmel encontram eco no pensamento de Lenny: "Cidade é um aglomerado de gente. É uma coisa, é uma diversidade."; e de Dú Pente:

Cidade pra mim é um organismo doente. Infelizmente, eu luto para que ela seja só um organismo vivo, mas ela na situação contemporânea está adoecida. Parte desse organismo não busca, não funciona, e ela precisa da cura, para funcionar. E pra isso ela precisa de ter os nutrientes

⁹² Ibid, idem. p 577,578.

necessários. Eu faço essa analogia porque realmente a cidade é um organismo. Uma parte não funciona sem afetar a outra. Quando a gente passa pelas ruas, vias e avenidas que deveria ser para viabilizar o direito de ir e vir, a gente perde a questão da mobilidade, a gente vê uma construção de meios para veículos para na verdade tentar impedir a circulação das pessoas. Para que parte dessa população, deixe de transitar pela cidade, até mesmo devido ao alto valor da passagem, falta de ônibus a partir das onze horas da noite, tudo isso não faz sentido. Quando a gente esbarra na ação da polícia reprimindo, como se fosse um toque de recolher não declarado, mas se você está na rua depois das 22 horas você é o suspeito número 1. Então enfim, a cidade pra mim eu enxergo como um organismo que está doente e precisa de cura sim. Há alguns pontos que estão com câncer espalhado com o passar do tempo. Mas ao mesmo tempo não acho que está em estado terminal. Então tem jeito. É mais ou menos desse jeito que vejo a cidade. (Informação verbal)

3.3 O Conceito de insurgência na tese

O interessante é notar que, sendo Belo Horizonte uma cidade planejada, como vimos acima, resta à população pobre se rebelar contra processos e projetos urbanísticos nos quais seus interesses não sejam contemplados. Foi também por isso que fiz opção epistemológica por entender as entrevistas, articulando-as ao conceito de Insurgência.

O conceito de insurgência me chegou através da análise do posicionamento político descrito nas entrevistas narrativas e também na bibliografia de referência. Tem como alicerce também o contexto de contestação por parte da sociedade civil no Brasil e no mundo, tendo como principais reflexos as manifestações de junho de 2013 que, no caso brasileiro, trouxe à tona o questionamento inicial sobre o aumento do preço de passagens dos ônibus urbanos, incidindo de forma coletiva sobre outras pautas igualmente importantes.

Para explicitar mais escuramente este conceito, valho-me das considerações de Santos (2005)⁹³ que, ao tecer críticas a respeito da governação neoliberal, tendo como foco sua análise a respeito do Fórum Social Mundial (FSM), afirma que a

⁹³ SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da governação neoliberal**: O Fórum Social Mundial como política e legião de subalterna. Pdf, p 7. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/63_Governacao%20neoliberal_RCCS72.pdf – Acesso em: outubro de 2017

insurgência, ou seja, as manifestações da sociedade civil contra a ordem social hegemônica, que, em sua ótica, chama-se “globalização contra-hegemônica diz respeito ao conjunto de organizações sociais e movimentos que lutam contra as consequências econômicas, sociais e políticas do modelo de acumulação capitalista. Segundo ele:

A globalização contra-hegemônica centra-se nas lutas contra a exclusão social. Atendendo que a exclusão social é sempre produto de relação de poder desiguais, a globalização contra-hegemônica é animada por um Ethos redistributivo no sentido mais amplo da expressão, o qual implica a redistribuição de recursos materiais, sociais, políticos, culturais e simbólicos. (P.7)

Tendo como fio condutor a análise crítica do conceito de governação sob a égide neoliberal, o autor propõe uma nova forma de regulação que possa suplantar os mecanismos vigentes de exploração das classes subalternas, através da atribuição ao Estado nacional ou às instituições políticas democráticas supranacionais o papel de questionar e definir a questão das desigualdades de poder existentes. Em outras palavras, Santos⁹⁴ afirma que sua tese é a de que

no seio desta globalização contra-hegemônica alternativa está a ser gerada outra matriz de governação contra-hegemônica insurgente, a qual implica a articulação e a coordenação de uma imensa variedade de movimentos sociais e de organizações da sociedade civil, com a finalidade de combinar estratégias e táticas, de definir agendas, e ainda de planear e levar a efeito acções colectivas. (p 22).

Ainda que ao analisar o Fórum Social Mundial, o autor delinear de forma positiva a insurgência deste movimento, ele o circunscreve historicamente nas contradições inerentes ao contexto no qual se faz existir. Interessante notar que, na complexa análise do autor, não se pode destituir o Fórum Social Mundial de traços característicos da governação neoliberal, como a participação voluntária, a horizontalidade, a coordenação, a parceria, a autorregulação, etc. No discurso neoliberal tais características, ao reforçar a rejeição às representações “clássicas” da classe trabalhadora, como partidos e sindicatos, acabam por reforçar a seleção de interesses e participação voluntária de interessados,

⁹⁴ SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da governação neoliberal: O Fórum Social Mundial como política e legião subalterna. Pdf, p 22. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/63_Governacao%20neoliberal_RCCS72.pdf – Acesso em: outubro de 2017

esvaziando no horizonte das práticas sociais o caráter interventivo de mudanças estruturais na ordem vigente. Para o autor⁹⁵:

Por exemplo, em ambos os casos funciona um princípio de selecção. No caso da governação contra-hegemônica, os grupos sociais mais excluídos, aqueles que seria de supor terem mais a lucrar com o êxito da luta contra a globalização neoliberal, não só participam como têm poucas probabilidades de serem contemplados os respectivos interesses e aspirações. A utopia negativa que agrega todos os movimentos e ONGS – e que consiste na recusa da ideia de que não há alternativa à actual desordem capitalista global – coexiste com os diferentes e até contraditórios interesses, da governação contra-hegemônica contínua, e em alguns dos movimentos e ONGS que nela participam são os mesmos que lutam pelo alargamento do círculo da governação neoliberal. (P.23)

As contribuições do autor, me fizeram pensar em diversas questões: 1. Será que as manifestações da sociedade civil correspondem de fato a uma pauta pública? 2. Que interesses engendram formas de insurgência real? 3. Quais os limites e perspectivas das atuais formas de insurgências no Brasil? 4. Com quais lentes podemos desvelar os mecanismos intrínsecos das insurgências? 5. As insurgências correspondem ao fortalecimento da democracia no Brasil?

Longe de responder de forma pronta e acabada essas questões, proponho-me ao exercício de compreender os significados sociais, políticos e econômicos que, por sua vez, delineiam e cercam o conceito de insurgência na tese. Em primeiro lugar, trata-se de um conceito relativamente recente na sociologia brasileira, sobre o qual não há consenso. Assim sendo, penso que a análise de Santos muito contribui ao debate do tema, relativizando os atravessamentos e contradições inerentes ao questionamento do neoliberalismo nas clivagens de gênero, raça e classe.

É importante considerar que o olhar agudo de Santos (2017)⁹⁶ a respeito do FSM não pode ser associado a outros movimentos ou realidades que guardam diferentes naturezas e perspectivas. Ou seja, o conceito de insurgência proposto

⁹⁵ Ibid, idem. Pdf, p 23.

⁹⁶ SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da governação neoliberal: O Fórum Social Mundial como política e legialide subalterna. Pdf, p 22. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/63_Governacao%20neoliberal_RCCS72.pdf – Acesso em: outubro de 2017

por ele, como manifestação da sociedade civil como resistência das populações excluídas, também sofre os rebatimentos do ideário neoliberal em suas práticas sociais e discursos, ainda que se considere o seu caráter propositivo para uma sociedade mais justa. Para desenvolvimento desta perspectiva, nas linhas a seguir, tentarei responder às questões anteriormente enunciadas.

De fato, essas questões sinalizam a multiplicidade de direções epistemológicas que se podem ter ao respondê-las. Para fins deste estudo, que bebe das águas da Sociologia, observa-se que o exercício de pensar sobre o conceito de insurgência, lança-me à multiplicidade de significados inerentes. Para tanto, torna-se fundamental contextualizar o período do qual estamos falando, para não se incorrer no erro de tratar a dimensão conceitual de forma a-histórica.

Quando se trata de insurgência, diz-se a respeito de atos, movimentos, rebeliões, expressões, manifestos que colocam em xeque a competência do Estado em atender às demandas dispostas no contrato social. Soma-se a isto que o Estado não é um ente imanente, ele é configurado no espaço/tempo das relações sociais.

É fato que no último quartel do século XX, com o fortalecimento do neoliberalismo, e flexibilização das leis trabalhistas, houve a cada dia maior alargamento entre a promessa de vida digna e a realidade de exploração, levando-nos a um espaço histórico de lutas correspondente ao acirramento e agravamento da crise econômica mundial. Isto significa que não podemos generalizar os diversos movimentos sociais, reduzindo-os como síntese na comparação com o Fórum Social Mundial.

Nesta direção, faz-se oportuna a crítica de Paulo Arantes⁹⁷ sobre a não-correspondência entre experiência e expectativa a respeito do sistema mundo global. Para ele, há um novo tempo no mundo em que o horizonte discursivo de

⁹⁷ SCHWATZ, Robert, op cit ARANTES, Paulo in: **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014. P 23-32.

respostas do sistema econômico e social capitalista não correspondeu a um horizonte de garantias mínimas de sobrevivência dos países pobres. Em suas palavras: “Como observou Roberto Schwatz em lugar da almejada europeização ou americanização da América Latina, assistimos à latinoamericanização das culturas centrais, algo como o novo tempo do mundo”. Segundo Arantes⁹⁸, é no último quartel do século XX que se consolida o sistema mundo, também chamado de globalização. Este momento do sistema econômico capitalista não socializou, como de praxe, a riqueza produzida e sim a máxima exploração da classe que vive do trabalho. Levando-se em conta também o conceito de experiência de Benjamin⁹⁹, o autor traz como contributo, o fato de que o conceito de insurgência como uma manifestação dos sujeitos, torna-se, no mínimo, reducionista por reforçar a lógica do mal menor, ou seja, respostas emergenciais que não alteram o *status quo* e perpetuam os mecanismos de criminalização da pobreza, vigilância e punição com investimento na polícia para manter a lógica e racionalidade da exploração e da pobreza.

Para o autor, o conceito apenas contornaria as questões estruturais que sustentam o sistema-mundo, naturalizando o parco papel do Estado como principal garantidor de direitos. É preciso considerar, porém, que a existência política das manifestações da sociedade civil, que mesmo dentro dos limites históricos visa reforçar a insurgência como processo questionador da ordem vigente, tem de ser considerada. Como se sabe, todo pesquisador faz suas escolhas, que não são neutras.

Na perspectiva da pesquisa, penso que o conceito de insurgência, ainda com os relevantes apontamentos de autores que lhe fazem críticas, atende ao objetivo de fortalecer e reconhecer as vozes dos sujeitos entrevistados, que, em suas narrativas, trazem a contundente necessidade de respeito às suas lutas, e, para tanto, há que se reconhecer que a academia ainda carece repensar o modelo de

⁹⁸ SCHWATZ, Robert, op cit ARANTES, Paulo in: **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014. P 23-32.

⁹⁹ BENJAMIM, Walter, op cit MEINERZ, Andréia. Concepção de experiência em Walter Benjamin. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008. P 9-38

matriz eurocêntrica e categorias analíticas que pouco representam o segmento populacional mais pobre.

4 SINAIS DE INSURGÊNCIA URBANA EM BELO HORIZONTE

Neste capítulo, trataremos das perspectivas relacionadas aos exemplos de insurgência que pude identificar durante a pesquisa na cidade de Belo Horizonte. No item 4.1 apresentaremos os exemplos a partir dos dados empíricos. No item 4.2, apresentaremos quais as relações dos sujeitos entrevistados com as manifestações de 2013, e, no item 4.3, abordaremos a questão do direito à cidade.



Foto 7 - Fonte: Google images - Aglomerado Serra
https://www.google.pt/search?q=aglomerado+serra+bh&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiC07LkxP_WAhWKJhoKHYI0CUQQ_AUICygC&biw=875&bih=408#imgrc=qXZGV0pIMteWvM

4.1 – Os sinais de Insurgência na “Territorialização da Desigualdade”: Dados empíricos.

Na imagem acima, fica evidente o imenso contraste entre a cidade de prédios, comércio, com a cidade da periferia, onde casas são construídas pelos

moradores, com o maior aproveitamento do espaço acidentado, de grande precariedade e onde se nota, ainda, pouca interferência do Estado no bem-estar da população.

É neste cenário de (in)visibilidade histórica da população que vive nas periferias urbanas, que também se colocam vozes contrárias ao arbítrio e o autoritarismo do Estado que criminaliza os pobres, e, com a legitimidade conferida pela política de seguridade pública, faz com que essas áreas excluídas sejam marginalizadas, desumanizadas, oprimidas.

A opressão do Estado e da sociedade faz surgir vozes que resistem a esta subordinação e silenciamento. Como apontei no capítulo anterior, os sinais de insurgência identificados pela ação dos sujeitos na cidade, nos mostraram com maior vigor duas iniciativas recentes: O projeto “Lá da Favelinha”, dentro do aglomerado da Serra e a Plataforma “Muitas - a Cidade que queremos,” que deu origem e força à candidatura de Áurea Carolina à vereança de Belo Horizonte, com histórica vitória nas eleições municipais de 2015.

Neste capítulo, serão apresentados dados a respeito dessas duas iniciativas, não excluindo também a dimensão social, política e ativista das educadoras Lenny, Scheila e Patrícia, e também do educador Hudson que, artisticamente, atende pelo nome de Iceband. Eles fazem parte de diferentes iniciativas na cidade. Lenny faz parte do projeto Escola Aberta, realizando oficinas de capoeira em escolas públicas do Taquaril; Patrícia é educadora do Projeto Criança Esperança no aglomerado Serra; e *Ice Band*, atualmente, está sem vínculo, e atua como *freelancer* em ações educativas e culturais, tendo uma larga experiência como educador dentro e fora do aglomerado.

Essas duas iniciativas, que considero insurgentes, chegaram-me a partir de meu movimento como pesquisadora que pensa a cidade, ao refletir sobre iniciativas civis de problematização da cidade. Essa busca não foi fácil. Em primeiro lugar, porque havia resolvido aprender com a pesquisa, destituindo-me da possibilidade de estar na zona de conforto, ou seja, mergulhar na experiência de

ser aprendente. Assim, deparei-me com essas duas iniciativas que têm como ponto em comum o questionamento da política tradicional, trazendo outras perspectivas dialógicas e horizontalizadas, através de encontros presenciais e também da mobilização e sensibilização via redes sociais. Essa questão de ser aprendente no processo encontrou amplitude no conceito de “Escrevivência” da poetisa e escritora Conceição Evaristo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.¹⁰⁰

A ideia que trago neste capítulo é exatamente a de descobrir os sentidos de uma cidade nas vozes insurgentes, que clamam por uma cidade inclusiva, plural, antirracista e anti-capitalista. Assim, me situo como um ser aprendente em sua escrevivência, isto é, que se coloca a aprender, e, no mesmo momento, também quer fortalecer a luta dos povos discriminados.



Foto 8 - Fonte: Facebook do Muitas a Cidade que queremos – publicação de 01/01/17 por Flávia Mafra

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> - Acesso em: outubro

4.1.1 Muitas - a Cidade que queremos

A imagem da página anterior, traz a força da representatividade que o “Muitas - a Cidade que Queremos” imprime na cidade de Belo Horizonte. É entendido por mim como um processo em movimento, que sinaliza as reivindicações de representação política dos sujeitos historicamente silenciados e negligenciados na vida cidadina. A pesquisa mostrou que se tratava, no início de 2016, de um ambiente virtual nas redes sociais para que os pares, homens e mulheres nos diversos segmentos, pudessem contribuir com sugestões e propostas para pensar a cidade de forma mais democrática.

Na entrevista narrativa para a tese, que aconteceu antes do pleito eleitoral para a vereança de Belo Horizonte, Áurea Carolina definiu assim:

O Muitas surgiu principalmente a partir do conjunto de insatisfações no Movimento Fora Lacerda, que unia pessoas de diferentes partidos para tentar barrar a reeleição dele, mas infelizmente não obtivemos sucesso. Algumas pessoas resolveram então desenvolver um espaço coletivo para troca de idéias, como uma plataforma livre que juntou também pessoas que participaram das manifestações de junho de 2013. O Muitas não é um movimento social, é uma forma de mobilização popular em que as pessoas podem entrar e participar da forma que quiserem. Há pessoas que participam só de um evento, outras são apoiadoras e organizadoras das atividades, e há os que não tem nenhum compromisso em continuar participando. O interessante é ver que através dessa mobilização, somam 64 participantes e destes 12 são pré-candidatos à vereadores. A idéia é de luta coletiva e não há competição. O que ganhar, representa todos os demais. É uma nova forma de concepção da política, já que se observou que os modelos antigos não estão dando certo. Para mim, as próximas eleições serão a pá de cal no PT. (Informação verbal)

Como é perceptível em seu relato, desde o primeiro governo de Márcio Lacerda em Belo Horizonte, acumulava-se, de parte dos Movimentos Sociais e ativistas urbanos em geral, uma grande insatisfação com a política pública, que, em se tratando da cidade, defendia um projeto de higienização, violência e desumanização. Uma das primeiras medidas do governos fora implantar grandes pedras com cimento debaixo das passarelas para impedir que a população em situação de rua ocupasse esses espaços.

Um dos sinais de uma política caótica, desrespeitosa aos Direitos Humanos e sem diálogo com os movimentos sociais e atores coletivos da cidade. Soma-se a isto, a ausência de representatividade nos fóruns de disputa no governo de Minas Gerais, que ainda contém muitos elementos da “velha política” que decorre de políticas cerceadoras e em total dissonância com os anseios das populações excluídas.

A partir de 2016, o MUITAS torna-se uma plataforma sem vínculo direto com partidos políticos, embora tenha, depois, se desdobrado em candidaturas coletivas à vereança, buscando ampliar a representatividade e com forte marcas dos mais variados segmentos sociais, como se pode ver nas figuras que se seguem:



Foto 9 – À esquerda, acima – Material de campanha do candidato Edmarc; À direita, acima: Transsexual Cristal – Integrante da candidatura coletiva do Psol; Abaixo à esquerda, Avelin Buniacá Kambiá, primeira candidata indígena de Belo Horizonte; À direita, abaixo: Dú Pente – Candidato a vereador , integrante da candidatura coletiva do Psol . FONTE: GOOGLE IMAGES

A candidatura coletiva à vereança de Belo Horizonte, contou com um grupo de pessoas engajadas e representantes de coletivos e de ações educativas, representando a comunidade LGBT, as comunidades indígenas, movimento negro e quilombolas e os demais extratos populacionais cuja voz tem sido silenciada historicamente.

Após a vitória de Áurea Carolina e Cida Fallabela, eleitas pelo Psol, os demais candidatos compuseram o que chamam de “gabinetona”, que é a junção dos

dois gabinetes, com a ampliação da equipe, conjugando, no espaço político da Câmara Municipal, os atores sociais que não lograram êxito numérico na votação, mas que continuam combativos nas insurgências urbanas. O *Muitas* prossegue nas redes sociais, com destaque no *Facebook*, para divulgação de eventos, atividades, e outras, de interesse coletivo.

Segundo Áurea Carolina¹⁰¹, o *Muitas* continua a ser uma

Movimentação autônoma de pessoas que tem acúmulo em diversas lutas sociais e outras que não tem atuação em movimentos, que se propõe à atuação política na cidade, e à fortalecer um campo comum de resistência popular, mirando uma incidência sobre o sistema político para que estas consigam influenciar os rumos das políticas públicas e das decisões que afetam a coletividade na cidade.

Pensado como uma possibilidade de contínuo diálogo com os movimentos sociais e atores coletivos da cidade de Belo Horizonte, o *Muitas* prossegue ativo contando com as redes sociais, no *facebook*, mas também com um grupo de pessoas que se comunicam através do *whatsapp*. A gabinetona segue como uma perspectiva política inédita na Câmara Municipal de Belo Horizonte, constituindo-se um exemplo de política que, para além das particularidades e especificidades dos partidos da chamada “esquerda progressista” composta pelo PT, Psol, PC do B, traça caminhos democráticos com forte resistência dos setores neo-conservadores, que tentam desqualificar, sabotar e até mesmo arrefecer a luta coletiva.

Áurea Carolina, uma mulher negra, socióloga, eleita com 17.420 votos, sendo a mais votada da câmara, constitui-se um exemplo ao defender, como ela diz, uma política através de afeto. Ela se coloca como uma mulher que corresponde a uma política ativa, mas não se classifica como militante. Ela me disse na entrevista:

Eu acho que o termo militante traz uma conotação raivosa. Eu prefiro ser mais amorosa. Acho que o termo ativista ou ativismo seja mais amplo, mais aberto. Tem mais a ver comigo, apesar de entender totalmente os que preferem ser militantes. Para mim política é exatamente isso, ouvir amorosamente os contrários, as perplexidades e isso nunca será sem luta ou sem conflitos. (Informação verbal)

¹⁰¹ Fonte: Programa **Contraponto** do dia 28/06/16. Disponível no site *Youtube*.

De fato, pesquisar sobre questões contemporâneas me inquieta e me faz pensar no quanto temos de avançar com relação a estas classificações ou categorias em análise. Com o tempo, percebi que algumas categorias não correspondem necessariamente ao contexto atual e o sentimento é de que estamos na viragem epistemológica que contrasta com categorias clássicas nos estudos sobre os Movimentos Sociais. Ou seja, a categoria “militante”, presente nos discursos dos movimentos operários e sindicais que deram origem a partidos políticos da “esquerda”, não traduz, na visão dos ativistas atuais, a dimensão política que trazem. Essa é uma questão interessante, considerando-se o escopo analítico do que chamamos de Movimentos Sociais.

Quando da construção histórica dos movimentos sociais no Brasil, não raro, encontramos na literatura relações do conceito com sindicatos, organizações sociais, denunciando desigualdades e violação de direitos trabalhistas e sociais. Oliveira (2012)¹⁰² apresenta formulações esclarecedoras a respeito, abordando um fenômeno de contestação dos jovens na cidade de Belo Horizonte, denominado “Praia da Estação”. Ele afirma que, no bojo dos movimentos antiglobalização, ocorrido em várias partes do mundo nos anos 2000, com destaque para a cidade de *Seattle*, os jovens começam a se denominar ativistas, com reivindicações amplas e de diversas matizes, que questionavam o Estado e a condição de vida nas cidades contemporâneas, sem associação direta com partidos ou instituições de classe. Fazendo contraponto com o anarquismo no século XX, o autor afirma o conceito de “geração *Seattle*”, como denomina os jovens manifestantes.

De fato, a democratização do acesso à gabinetona através da plataforma “Muitas”, continua a ser um modelo de política completamente diferente do que se via até então. Articulados através das redes sociais e com ações presenciais,

¹⁰² OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. Praia da Estação: “Uma praia” nas Alterosas, “uma antena parabólica” **ativista**: configurações contemporâneas. **Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social, FAE/UFMG -2012

a “gabinetona” tem se tornado uma importante referência de gestão política para todo o país. Segundo Áurea¹⁰³, sua eleição teve seis eixos:

1. Empoderamento de todas as mulheres;
2. Promoção da Igualdade Racial e fortalecimento das Políticas Afirmativas;
3. Direito das juventudes;
4. Segurança pública cidadã contra a repressão e militarização;
5. Ocupação dos espaços públicos;
6. Representação democrática, gestão compartilhada e mandato participativo.

Estes eixos temáticos, encontram forte resistência numa Câmara Municipal ainda bastante machista, elitista, clientelista que não obedece sequer o percentual mínimo de 30% na composição de mulheres. Ao analisar cada uma dessas questões pautadas pelo “Muitas” e, mais tarde, compor a plataforma política da vereadora Áurea Carolina, observa-se claramente a luta por uma cidade que respeite a diversidade, através do direito de ocupar espaços através de uma gestão democrática.

Neste aspecto, torna-se importante afirmar que esse movimento, ao meu ver, transcende a perspectiva de *Seattle*, não apenas por não englobar somente o público jovem da cidade, mas também os vários atores coletivos. Interessante notar que o ativismo de Áurea se institucionaliza com a vitória nas eleições e mantém a força da mobilização popular em prol de uma cidade mais justa e igualitária.

4.2 – Relação dos movimentos sociais desde a década de 1990 e ações insurgentes com as manifestações de junho de 2013 em Belo Horizonte.

A tese tem tomado as manifestações sociais de junho de 2013 para entender de que forma estas se repercurtem na luta pelo Direito à cidade em Belo Horizonte. Porém, é importante acrescentar que, desde a década de 1990, as expressivas

¹⁰³ Programa Contraponto – entrevista com Áurea Carolina. Publicado em 28/06/16. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6Hm53iR_lwE

ações dos movimentos sociais, fortaleceram o Estado Democrático. Maria da Glória Ghon (2008) apresenta um interessante balanço das obras que fizeram parte da teorização sobre os movimentos sociais no Brasil. Ela considera que, embora sejam relativamente recentes, os balanços realizados nos anos de 1980 são muito profícuos, dado o fato de que os movimentos sociais eram um campo visto como especificidade de grupos que não necessariamente estavam em articulação, dada a multiplicidade de movimentos que expressavam as lutas das mulheres, dos negros, dos indígenas, ecológicos, etc.

Ghon (2008)¹⁰⁴ afirma que, em que se considere a imensa contribuição de autores como Jacobi(1984), Torres Ribeiro e Machado da Silva (1984), se a década de 1980 trouxe uma profusão de obras, nos anos de 1990

Houve um declínio do interesse pelo estudo dos movimentos em geral, e pelos populares em especial, assim como declinou a preocupação com o seu registro histórico contemporâneo, desde que o resgate histórico do passado das lutas e movimentos sempre foi uma área de pouca atenção dos pesquisadores.”(P.274)

Penso que, diferentemente da afirmativa acima, é fato que a produção de literatura especializada em um campo, como ocorre com os movimentos urbanos, não se dá na órbita do contexto social, econômico e cultural que o país vive. Certamente, a intensa produção nos anos de 1980 se deve às lutas coletivas pela democracia, num momento de efervescência da ordem político-social que enfrentava, na crise do petróleo na década de 1970, um horizonte extremamente difuso, que fornecia as bases para contestação a um Estado muito mais propenso ao capital financeiro, que impunha, através da lógica neoliberalista, mudanças profundas nas pautas públicas. Nos anos de 1990, penso que os desdobramentos da Constituição de 1988 se fizeram sentir, registrando-se o papel fundamental dos movimentos sociais para garantir as reivindicações na letra da lei.

¹⁰⁴ GHON, Maria da Glória. Movimentos Sociais no Brasil na era da Participação: 1978-1989 in: **Teoria dos Movimentos Sociais** – Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2008, p 274.

Segundo a autora, os primeiros estudos sobre os movimentos sociais surgiram no Brasil ainda com uma intencionalidade política explícita, e, como exemplo, ela cita Jordi Borja e Manuel Castells. Os estudos dos anos de 1980, apresentavam as temáticas sobre os movimentos sociais urbanos, abordando questões como a luta pela terra, por moradia, surgimento de organização dos favelados, movimentos pelos direitos das mulheres, dentre outros.

Na arena teórica, destaca-se, na década de 1990, o movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), sendo que o massacre de 19 trabalhadores sem terra no Estado do Pará, fora publicizado nacionalmente, causando imensa comoção nacional e internacional. O acontecimento fez surgir a União Democrática Ruralista (UDR). De 1994 a 1997, o MST tem a reforma agrária como principal bandeira, fazendo a sociedade brasileira apoiar a luta desde segmento. Nos anos de 1990, segundo a autora, o Brasil passava por um grande desgaste na conjuntura política com o *impeachment* do presidente Fernando Collor, desemprego estrutural, aumento da violência urbana, que fizeram com que movimentos sociais se articulassem em torno de pautas diversas, fortalecendo o surgimento de organizações não-governamentais como o VIVA Rio, gerando uma nova cultura política, na qual o Estado passa a ser o interlocutor nas relações com a sociedade civil organizada.

Vistos como “novos movimentos sociais”, nos anos de 1990, as pautas passam de exigências concretas por infraestrutura básica (salários, benefícios, direitos trabalhistas, como mostra a história dos movimentos sindicais, por exemplo), e passam a abarcar também demandas consideradas “simbólicas”, relacionadas com a identidade coletiva de alguns grupos, como o movimento feminista e indígena.

Contudo, outros autores¹⁰⁵ demonstram que essas questões identitárias não devem ser pensadas como menores, uma vez que desafiam lógicas estabelecidas historicamente para naturalizar a violência e submissão de extratos populacionais invisibilizados no diálogo com o poder público.

As políticas culturais dos movimentos sociais tentam amiúde desafiar ou desestabilizar as culturas políticas dominantes. Na medida em que os objetivos dos movimentos sociais contemporâneos às vezes vão além de ganhos materiais e institucionais percebidos; na medida em que esses movimentos sociais afetam as fronteiras da representação política e cultural, bem como a prática social, pondo em questão até o que pode ou não ser considerado político; finalmente, na medida em que as políticas culturais dos movimentos sociais realizam contestações culturais ou pressupõem diferenças culturais – então devemos aceitar que o que está em questão para os movimentos sociais de modo profundo, é uma transformação da cultura política dominante na qual se movem e se constituem como atores sociais com pretensões políticas.”p.26

Penso que o debate sobre os “novos e velhos” movimentos sociais ainda repercutem na cultura política, sempre que se pensa no comportamento político e na posição questionadora da ordem vigente. Os anos de 1990, forneceram ações de sujeitos coletivos, dispostos a contestarem o conceito de participação que fora a tônica dos movimentos, na década anterior. Com a abertura política, a Constituição de 1988 e os dispositivos criados para efetivar uma política para todos como dever do Estado, muitos movimentos perceberam que, na prática, havia o dilema da representatividade no jogo democrático. Ou seja, se por um lado, oficialmente, o discurso de ampla participação, descentralização do poder, controle social se fazia sentir, a participação política de fato invisibilizava e abafava as vozes de segmentos negros, indígenas, mulheres, favorecendo uma política ainda ligada a oligarcas políticos e partidos que não necessariamente estavam refletindo o discurso democrático, ainda no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002)

Na década seguinte, em 2000, estava em jogo os interesses do capital financeiro, que propunha, sob a égide neoliberal, articular sob uma perspectiva

¹⁰⁵ ALVAREZ, Sonia E; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo(orgs). **Cultura e Política nos movimentos sociais Latino Americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. P 26

populista, a eleição de Lula da Silva (que assumiu o poder em janeiro de 2002) e sua reeleição (2006), desde que a agenda do capital não fosse alterada significativamente. De fato, a base de sustentação política do governo Lula contou com articulações entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), frentes sindicais como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), partidos conservadores como o partido Democratas (DEM) e frações burguesas denunciadas por corrupção no Partido dos Trabalhadores (PT), além dos movimentos sociais. A base de poder do governo Lula, e a força do agronegócio, tornou o governo Dilma Rousseuf , que o sucedeu, irrespirável, ocasionando uma aguda crise político-econômica, agravada nos anos de 2010.

No período dos primeiros anos do governo petista, até o golpe de 2016, os movimentos sociais foram às ruas, com expressivas ações, como a Marcha das Margaridas, O Grito dos Excluídos e o congresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Em 2001, ocorreu o I Fórum Social Mundial, com mais de 20 mil participantes. Destaca-se também a formação da Central Sindical e Popular-Conlutas (ou simplesmente CSP), criada em 2004, com caráter sindical e popular, a fim de fazer frente às contrarreformas propostas pelo governo Lula.

A pauta da reforma agrária, deixa de ter centralidade nos governos petistas, extremamente comprometidos com a base aliada, o que se fez incidir, na explosão de movimentos sociais que reivindicavam reconhecimento de suas vozes e efetiva participação política. No Governo Dilma Rousseuf, fica evidente essa questão, visto que, marcados por uma imensa crise econômica, os movimentos “Não vai ter COPA” eclodiram contra o evento esportivo realizado em 2014, à revelia dos interesses das populações removidas e expulsas de suas moradias para dar lugar às mega obras de transformação nos centros urbanos onde aconteceria o evento.



Foto 10 – Retirada do Google Imagens -

A crescente onda de insatisfações culminaram em um forte exemplo de mobilização nacional em 2014 com a organização do Movimento atingidos pela Copa (Copac), que reivindicava o investimento público em saúde e educação com “padrão Fifa”, expressão que ganhou as ruas e as redes sociais do país, fazendo analogia com o luxo de um super-evento no qual a comitiva da Federação Internacional de Futebol gozaria de privilégios, enquanto a maioria da população sentia os efeitos de uma política muito mais voltada aos interesses econômicos, do que em garantir os direitos sociais e trabalhistas.

Segundo Frank e Fuentes (1989)¹⁰⁶, há que se pensar em três teses a respeito da discussão em torno dos “novos” e “velhos” movimentos sociais. Os autores afirmam que:

¹⁰⁶ FRANK, André Gunder; FUENTES, Marta. Dez teses acerca dos movimentos sociais. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, nº 17. São Paulo: junho 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000200003 – Acesso em outubro de 2017.

1. Os "novos" movimentos sociais não são novos, ainda que tenham algumas características novas; e os movimentos sociais "clássicos" são relativamente novos e provavelmente temporários.
2. Os movimentos sociais demonstram muita variedade e mutabilidade, mas têm em comum a mobilização individual baseada num sentimento de moralidade e (in)justiça e num poder social baseado na mobilização social contra as privações (exclusões) e pela sobrevivência e identidade.
3. A força e importância dos movimentos sociais é cíclica e relacionada a longos ciclos políticos, econômicos e (talvez associados a estes) ideológicos. Quando mudam as condições que dão origem aos movimentos sociais (a raiz das ações destes movimentos e/ou, com mais frequência, devido à transformação das circunstâncias), estes tendem a desaparecer.
4. É importante diferenciar a composição de classe dos movimentos sociais, que no Ocidente são predominantemente movimentos de classe média, de classe popular no Sul e uma mescla de ambos no Leste.
5. Há muitos tipos de movimentos sociais. A maioria destes busca mais a autonomia do que o poder estatal; e os que buscam o poder estatal tendem a negar sua natureza de movimentos sociais.
6. Embora a maioria dos movimentos sociais seja mais defensiva que ofensiva e tenda a ser transitória, são agentes importantes (hoje em dia e no futuro talvez os mais importantes) de transformação social.
7. Os movimentos sociais aparecem como os agentes e os reintérpretes de um "desligamento" do capitalismo contemporâneo e da "transição para o socialismo".
8. É provável que alguns movimentos sociais tenham uma militância em comum, ou que sejam mais compatíveis entre si e permitam formar coalizões com outros. Também existem movimentos que têm conflitos e competem entre si. Pode ser útil investigar estas relações.
9. De qualquer modo, dado que os movimentos sociais, assim como o teatro de rua, escrevem seus próprios argumentos (roteiros) — se é que os têm — à

medida que avançam, qualquer receita de agendas ou estratégias, para não falar de táticas, por parte de pessoas alheias a eles — para não mencionar os intelectuais — provavelmente será, no melhor dos casos, irrelevante, e contraproducente, no pior dos casos.

10. Concluindo, os movimentos sociais de agora servem para ampliar, aprofundar e até mesmo para redefinir a democracia tradicional do Estado político e a democracia econômica para uma democracia civil numa sociedade civil.

Ainda que estas características estejam atreladas ao contexto em que o texto foi produzido, no final dos anos de 1980, parece estar completamente em consonância com as questões contemporâneas. Contudo, os movimentos sociais não são lineares, e tornam-se peculiares ao contexto no qual se manifestam. Assim, pode-se pensar que as manifestações de junho de 2013, que ganharam as ruas do país a partir da luta contra o aumento do preço das passagens em São Paulo, prescindem de outros arcabouços teóricos, não havendo ainda na literatura, conceitos ou teorias capazes de abarcar a profundidade do fenômeno.

Para os autores citados, a ideia de “novos” ou “clássicos” movimentos sociais também explicitam o tempo histórico no qual são construídos. Porém as questões que os engendram não são novas. São, de fato, rebatimentos do sistema de desigualdades do capitalismo, com repercussões em toda a vida social. Porém a realidade dos países é muito distinta. No caso brasileiro, por se tratar de um país em desenvolvimento, no qual há enorme fosso entre ricos e pobres, as manifestações de 2013, trouxeram à tona pautas extremamente diversificadas.

A alta insatisfação com o governo Dilma Roussef, encadeada também pela articulação do PT com o PMDB, afastando-se paulatinamente do diálogo direto com os movimentos sociais, sindicatos e lutas coletivas, e em favor do capital financeiro, arrefeceu os espaços de horizontalidade decisória, acarretando, em todo país, protestos e mobilizações. Contudo, para ampliação do conhecimento

a respeito do que seria “novo” e “clássico” no tocante aos movimentos sociais, os autores afirmam que, devido ao contexto histórico, somente os movimentos ecológicos poderiam ser denominados de novos, dada a sua formação relativamente recente, gerada pelo desenvolvimento mundial. Já a denominação de “clássico” seria mais atrelada aos sindicatos e outras instituições. cuja pauta se refere às contradições do "capital X trabalho" no processo de industrialização no modo capitalista de produção. Assim, os movimentos ditos “clássicos” teriam como cerne a representação de luta de uma determinada classe social.

Por outro lado, a falácia desse tipo de construção binária entre novos e clássicos, mascaram a estrutura perversa que produz a riqueza, mas não a distribui de forma equânime, gerando conflitos e questionamento por parte da maioria da população que vive da venda de sua força de trabalho.

Recuperando os sentidos das manifestações de 2013¹⁰⁷, se depreende que

Sejam novos ou velhos, os "novos movimentos sociais" contemporâneos são de longe os que mais mobilizam a maioria das pessoas em torno de preocupações comuns. Muito mais que os "clássicos" movimentos classistas, os movimentos sociais motivam e mobilizam centenas de milhões de pessoas em todos os lugares da Terra — principalmente fora das instituições políticas e sociais que consideram inadequadas às suas necessidades — , razão pela qual recorrem aos "novos" movimentos sociais 'que, em grande medida, não foram institucionalizados. Frank e Fuentes (1989)

Na atualidade entretanto, observa-se que os movimentos sociais que nascem da ação espontânea de grupos inconformados, sem necessariamente participarem no âmbito formal da política via partidos, por exemplo, fornecem um campo muito vasto de interpretações. Neste trabalho, se analisa que esta reflexão também nos interroga sobre a questão do ativismo e da militância. A entrevistada Áurea Maria, nos diz que prefere ser chamada de ativista e não

¹⁰⁷ FRANK, André Gunder; FUENTES, Marta. Dez teses acerca dos movimentos sociais. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, nº 17. São Paulo: junho 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000200003 – Acesso em outubro de 2017.

de militante. Para ela, a militância se refere a um conceito mais radical e pouco dialógico com os afetos que também fazem parte da construção política e das pautas públicas.

4.2.1 Relação entre as ações de insurgência com as manifestações de junho de 2013 em Belo Horizonte

Neste item pretendo identificar a relação entre os movimentos insurgentes ou as ações de insurgência com as manifestações de junho de 2013 em Belo Horizonte.

A entrevistada, Áurea, resume esta relação da seguinte forma:

Então, posso dizer que o início foram as manifestações de 2013, e além do sentimento compartilhado de tantas insatisfações com o governo, em Minas Gerais, as propostas higienistas e autoritárias do governo Márcio Lacerda fizeram com que muitas pessoas se unissem contra a sua reeleição. Aos poucos, em reuniões e eventos abertos, foi tomando corpo um conjunto de ideias que constam do site do Muitas. É preciso dizer que o Muitas é uma mobilização recente, iniciada em 2015. Devido a afinidades políticas o Muitas uniu principalmente pessoas ligadas ao Psol e Rede. Com o fato de haver outras leituras sobre a Rede, hoje os principais partidos que fazem parte do Muitas são o Psol e o PCB que pretende ser uma frente de esquerda. Assim, o Muitas tornou-se plataforma e repositário para ideias sobre a cidade. Devido as críticas ao governo Márcio Lacerda, todos sabíamos a cidade que não queremos, e resolvemos, então, dizer sobre a cidade que realmente queremos. Com vários encontro de ideias sempre de forma coletiva, foi criado o conteúdo programático que tem três eixos: Segurança pública, mobilidade, cultura, gênero e raça. (Informação verbal)

Como se observa no relato, as insatisfações e constestações que permearam as manifestações de 2013 em todo o Brasil, tiveram eco nas articulações políticas que deram origem ao “Muitas - a cidade que queremos”. Interessante notar que as críticas ao governo Lacerda, com uma gestão totalmente contrária ao diálogo com os movimentos sociais e atores coletivos, fortaleceram também plataformas, propostas e ideias que alimentaram as redes sociais na página do “Muitas”, possibilitando historicamente a construção da candidatura coletiva, já abordada no capítulo anterior.

Neste contexto, observei nas falas de Áurea a importância de que as pré-candidaturas coletivas tinham como cerne a representatividade política de pessoas e vozes ainda bastante oprimidas no cenário belorizontino e fora dele. Segundo ela,

A principal contribuição além das pré-candidaturas é de dar visibilidade a tantas pessoas e vozes diferentes. Por ser um repositório de idéias, o processo pode fazer surgir muitas pautas coletivas que vão pouco a pouco sendo absorvidas em ações concretas. Por iniciativa do

Muitas, por exemplo, fizemos recentemente um debate sobre racismo com representante do NEAFRO. E a cidade que a gente quer, é a cidade de atividades coletivas, de espaços públicos ocupados, de mais gente sendo ouvida e assistidas em suas necessidades. Uma cidade para mulher, para negro, para o movimento LGBT, etc. Eu noto uma juventude também por fazer parte de frentes neste campo que está ocupando a cidade. Na última caminhada LGBT, vi um pessoal muito jovem. Eram muito novos que já tem consciência política e entende a importância da construção de políticas públicas na cidade. É isso que queremos. Uma cidade para todos e todas. (Informação verbal)

Foi importante, no meu pensar, observar nas falas que a participação dos sujeitos nas manifestações de junho de 2013 se deu de forma bastante heterogênea. Diferentemente de Áurea, que já vinha, de certa forma, delineando os sentidos de participação política na cidade, com voz fortalecida pela construção com outros pares e atores coletivos, a participação de alguns sujeitos se deu de forma bastante pouco articulada com perspectivas mais concretas de ações políticas, ainda que revelem também o mesmo teor de contestação do governo em todas as esferas, principalmente no âmbito municipal.

Luiz, afirma que

Eu participei de modo muito raso mesmo. Fui mais como corpo. Fui para mais pra poder criar corpo nos movimentos do que para estar procurando soluções. Ia nas reuniões, nas discussões mas não com tanta vivência quanto eu faço nos direitos de comunidade. Na manifestação, eu não dormi na câmara e eu ia mais nos percursos mais pra criar corpo nos movimentos. (Informação verbal)

A participação do Luiz ocorre diferentemente da de Áurea, porém é muito significativo que o mesmo note a importância de que o movimento de contestação crie “corpo”, tenha robustez de número de pessoas que possam dar voz aos inúmeros e densos protestos que ocorreram no bojo de fatos históricos recentes: as manifestações antiglobalização em Seattle em 1999, Primavera

Árabe, *Occupy Wall Street*, manifestações na África contra as ditaduras, todos esses acontecimentos no ano de 2011.

Segundo Carneiro (2012)¹⁰⁸:

No ano de 2011 ocorreu um fenômeno que há muito não se via: uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares a cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua. Uma onda de mobilizações e protestos sociais tomou a dimensão de um movimento global. Começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street nos EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia. (P.7)

Importante ressaltar que a eclosão de manifestações ao redor do mundo teve também rebatimentos na América Latina, principalmente no Chile onde a principal pauta foi a educação pública de qualidade para todos. O que me chama atenção nestes acontecimentos é também a força da juventude que “criou corpo” nas ações de contestação, agindo localmente, mas também com forte chamado através das redes sociais. Em que pese os diferentes contextos das manifestações nestes países, há entretanto uma simetria interessante no *modus operandi* das manifestações que me chamaram atenção e vieram ao pensamento ao analisar a fala de Luiz. O fato de que como afirma Carneiro (2012)¹⁰⁹:

Em todos os países houve uma mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional. Países como a China sentiram o risco e censuraram a simples menção na internet à praça Tahrir, palco de protestos egípcios. (P.8)

A recusa do espaço institucional tradicional, ou seja: partidos, sindicatos e instâncias governamentais, mostra o ceticismo de uma geração já articulada e crítica acerca de suas reivindicações.

¹⁰⁸ CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011 in: Harvey et all. *Occupy*. São Paulo, Boitempo: **Carta Maior**, 2012. p 7.

¹⁰⁹ CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011 in: Harvey et all. *Occupy*. São Paulo, Boitempo: **Carta Maior**, 2012. p 8

Em Belo Horizonte, as manifestações que eclodiram em junho de 2013 tinham uma pauta legítima bastante difusa, mas com enorme significado político. Outro participante das manifestações foi o entrevistado Kadu, que afirmou:

Eu participei com CPF e não com CNPJ. Eu não tava apresentando o Sarau Vira Lata, não tava representando o Lá da Favelinha, não tava representando o duelo de Mc's, era eu". Na sua fala percebemos a distinção entre o papel de responsável pelo Projeto Lá da Favelinha, e sua ação como cidadão, agindo de modo pessoal nas manifestações. Porém, sua participação fora relatada de forma bastante detalhada, incluindo ao fim sua desistência de continuar a atuar nas manifestações em virtude da violência policial que sofrera. (Informação verbal)

Ele relata:

Vi muito abuso da polícia de tentar me esconder num posto de gasolina. Apanhei de cassetete e muito gás e spray de pimenta e aí no último eu nem fui e falei – isso já é suicídio. Pichar a Nossa Senhora do Carmo, pichar a prefeitura inteira e voltar pra apanhar. Não é muito a minha cara não. (Informação verbal)

De fato, a truculência da polícia para com os manifestantes em todo o país tornou-se notória. Em Belo Horizonte, não foi diferente. Kadu informa que a pichação fora a sua maneira de expressar o descontentamento com uma cidade historicamente construída para as elites econômicas, caracterizando os movimentos de protesto como um grito para ocupação política dos espaços urbanos. Por esta razão, vários jovens, incluindo ele, ocuparam o prédio da Assembleia Legislativa, conforme se observa na fala dele abaixo:

Vamos fazer a nossa virada cultural e foda-se essa outra virada aí. Aí teve a ocupação da camara e no dia anterior a gente fez um sarau também que era o GRAÇA NA PRAÇA. E a gente propôs de acampar na assembléia e não foi pensado e na hora eu falei gente olha quanta polícia tem aqui e na hora tem essa quantidade na camara dos vereadores. Ai um menino disse – você não está dialogando com a cidade, esse movimento seu...e ele disse então vou reunir com a galera pra invadir a camara agora. Enfim, ele era só mais um louco lá no meio. Não era só nos dois que fizemos o rolê. Era muita gente lá, muita pessoa envolvida. (Informação verbal)

Segundo Kadu revelou, havia crítica dos jovens residentes nas favelas, que pertenciam a grupos culturais, com relação a um evento promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte chamado "Virada Cultural", que consistia em congregar diversos artistas contratados para uma programação noturna na cidade. De fato, como ele relatou, o evento assumiu um tom elitista, sem diálogo

e, principalmente, reconhecimento dos grupos culturais. Por isso, ele e outros jovens decidem ocupar a Câmara, com o intuito de promover o que seria a própria “Virada Cultural”, protagonista e alternativa.

A ocupação da Câmara mostrou a força e engajamento dos jovens, mas também a imensa perversidade do Estado em não compor com eles uma agenda cultural real e centrada em seus interesses. Por estas razões, o grupo que ocupou a Câmara se organizou de forma a manter as atividades culturais com representatividade das favelas. Para eles, era a hora de mostrar ao Estado as insatisfações com uma política coercitiva e violenta. Esse fato fora analisado na entrevista por Kadu como uma forma de questionar ou “burlar” o sistema.

Segundo ele:

Mas na hora da cultura, vamos fazer um show, vamos fazer um sarau para agregar a cultura, mas também quando era pra fazer motim, aí procurava nós. E foi muito doido isso. Ter burlado o sistema. A gente burlava o sistema e era cabuloso. A polícia chegava e pow. E eu lembro de muita coisa acontecendo. Lembro de ciclistas, os ciclistas parando pra acompanhar o duelo temático sobre na época, a gente falava muito do Aécio e os meninos falando assim, foi na época do helicóptero da cocaína, e aí a galera soltando verso, eu lembro que falou que dava pra fazer uma carreira do tamanho da linha verde que foi o próprio Aécio que construiu e não era um duelo de ego, era um duelo de informação. (Informação verbal)

Toda a participação de Kadu resultou, segundo ele, em focar nos acontecimentos ao redor das manifestações e dos noticiários, a fim de tecer críticas e pautar questões dentro das ações coletivas. Assim, como observei acima, o fenômeno conhecido popularmente como “helicoca” não passou despercebido pelo olhar atento dos jovens manifestantes. Notei, também, que Kadu diz ter aprendido muito com as manifestações. Ele afirmou que

Isso tudo mostrou, tipo assim, a galera da cultura por a gente já ser mais excluído, por ter menos política pública, tudo, a gente já tem essa coisa do quem pega e faz e quem pega e faz tá certo. Naquele momento, parece que costurou tudo isso. Tipo – mano, vamos juntar sua arte com meu rap, com o espaço que a gente vai alugar através de uma vaquinha. Mas enfim aprendi muito isso. Mas enfim, teatro é muito isso, tem espetáculo que sou o contrarregra e no dia seguinte eu sou o principal. Então tudo isso, com o tempo você aprende, mas nas manifestações a gente vê a importância. Tipo eu faço um sarau de poesia e outro dia é pauta da manifestação, que louco! Vamos parar a Afonso Pena com poesia, que louco! Isso tudo pra mim era mais importante. (Informação verbal)

Embora exista um certo hedonismo em querer se projetar e ser aceito através da arte, me chamou muito a atenção o fato dele compreender a participação como algo que transcende a esfera individual. Para ele, as manifestações propiciaram seu amadurecimento como ator também coletivo, inserido numa massa de pessoas ainda excluídas, que, sem apoio do Estado, tem que pegar e fazer a arte acontecer.

O relato de Kadu sobre sua participação nas manifestações de junho de 2013, me fez pensar na contribuição de Zizek (2012)¹¹⁰, quando, ao analisar a ocupação de Wall Street, em 2011, externa a preocupação com um rapaz que, na ocasião, disse: “Estão nos perguntando sobre um programa, não temos um programa. Estamos aqui para curtir o momento” (P.15,16). A esta perspectiva, presente na frase, Zizek afirma que “os carnavais saem barato – a verdadeira prova de seu valor é o que permanece no dia seguinte, o modo como o nosso cotidiano se transforma” (P.15). Ou seja, o fato de não haver uma clara articulação política que una as insatisfações dos manifestantes em torno de uma proposta coletiva, poderia tornar inócuo o efeito das contestações ao redor do mundo. No entanto, o autor também me chama atenção ao reconhecer que os movimentos ocorridos em 2011 já assinalam que o capitalismo, por mais força que tenha, não poderá calar para sempre as vozes insatisfeitas.

No caso belorizontino, é fundamental ressaltar que aprender a compor as vozes coletivas para questionamento do Estado e de sua estrutura excludente, não é pouco. A participação inscrita nos corpos, de forma individual, ganha força na medida em que diversas indagações e questionamentos são feitos. Uma outra participante das manifestações, identificada no estudo, foi a Sheila. Ela afirma que sua participação também fora punida violentamente pela polícia local:

Pra mim ficou muito marcante as manifestações por causa da Copa em Bh, por milhões de questões. Essa cidade não está acessível para todos. Você acha que todos se manifestaram pela mesma lógica mas não é. E quando eu me baseio pelo meu direito e vou me manifestar neste espaço e no final das contas, quando você chega na serra e a política não me

¹¹⁰ ZIZEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo in: **Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas**; Harvey et al, São Paulo, Boitempo, 2012. (15-26)

deixa me manifestar, isso me faz pensar de minha participação nestes espaços. Até chegar o momento de ser agredida pelo policial. E isso me coloca na situação de que na lógica da polícia não posso sair da comunidade e me manifestar, E eles podem me agredir. (Informação verbal)

Conforme me relatou em entrevista, Sheila fora surpreendida por um bloqueio policial que fazia abordagem na entrada da favela, para identificar os moradores que teriam comparecido à manifestação no centro da cidade. Ao questionar o policial que a abordara sobre o direito de ir e vir, fora brutalmente agredida fisicamente, levando, segundo ela, um forte tapa no rosto. Esta ação policial ocorrera no contexto em que duas pessoas da localidade foram assassinadas: um dançarino e um enfermeiro, ambos sem nenhuma relação com o tráfico de drogas e que causaram grande comoção da população do aglomerado.

A relação com as manifestações se deu exatamente porque a Sheila se coloca como pessoa contrária ao arbítrio e autoritarismo da violência policial, discutindo em inúmeros espaços a questão do genocídio da juventude negra e periférica. Seu engajamento político fora exatamente o que a fizera deixar de residir na localidade, por ter se tornado alvo, segundo ela, de perseguições e ameaças.

No caso de Sheila, a relação com as manifestações se deu pela violação de seu direito a se manifestar. O temor da truculência policial, aliado ao sentimento de total desamparo fê-la continuar atuando através de palestras e ações educativas. Segundo ela, a mídia tentou criminalizar e culpabilizar os trabalhadores mortos, alegando troca de tiros. O fato causou grande comoção da população, que os conhecia e sabia da verdade. A triste realidade de Sheila, que se viu impedida até mesmo de exercer o direito à se manifestar diante do descalabro público e da falta de direitos para os moradores das favelas e aglomerados urbanos, fez-me pensar no mito da marginalidade, ainda tão presente no imaginário social.

A associação entre os pobres e a marginalidade fora abordado por Perlman(2010)¹¹¹ que, embora aborde a questão do “Mito da Marginalidade”, em três décadas - 70, 80 e 90- no Rio de Janeiro, fornece subsídios muito interessantes para essa questão. Segundo ela:

O conjunto de estereótipos negativos sobre aqueles que vivem em favelas tem criado uma ideologia de marginalidade que é vigorosa o suficiente para apagar todas as provas do contrário. Na medida em que os residentes das favelas são vistos como “problemas sociais”, a idéia de desfazer-se deles nunca deixará de estar em cima da mesa. (p 148)

Em minha análise, cabe destacar que, de fato, concordo com Perlman que a marginalidade seja um mito, porém, convém também não idealizar as relações sociais, presentes nas localidades de periferia, como se houvesse uma uniformidade de comportamento, isento de conflitos.

O fato é que nas periferias, a abordagem realizada com os moradores não é a mesma abordagem que realizam nas residências de famílias abastadas. Até mesmo o direito de ir e vir é usurpado por uma ideologia que restringe a circulação das populações pobres.

Longe de esgotar esse denso tema sobre pobreza e criminalidade, o que percebi no relato de Sheila é a segregação forçada. O fato de nem mesmo poder sair para a manifestação e voltar para casa em paz.

Outra entrevistada que falou a respeito das manifestações de 2013, foi a Sissy. Ela relatou a respeito, enfatizando o fato de não gostar de política:

Então, a verdade é política eu odeio. Mas ao mesmo tempo que eu odeio é contraditório porque o que a gente faz de conversa é política então é contraditório. Mas em 2013 eu participei, fui pras ruas e tal, tentando encontrar esse meio de lutas e ver o que poderia acontecer. De ver se daria certo. Hoje em dia se me chamasse eu não iria. Porque meu

¹¹¹ PERLMAN, Janice. **Favela four decades of living on the edge**. Rio de Janeiro.: Oxford, University Press, 2010. P 147-164

pensamento de lá pra cá mudou muito porque como você vai mudar o mundo batendo de frente, usando armas, se o seu cotidiano de vida não muda. Se eu não bato de frente aqui? A conquista do meu espaço e a conquista dos meus direitos, da minha conquista é a do meu eu. Pra ser coletivo, precisa cuidar de si. Então hoje em dia eu não iria. A minha mudança e os meus direitos são conquistados aqui. (Informação verbal)

Ela traz indagações importantes a respeito da sua visão das manifestações, indicando uma visão do coletivo a partir das subjetividades individuais; a ideia de cuidar de si, visto que o cotidiano não muda e que as amarras históricas da desigualdade não são superadas através das contestações de junho de 2013. O desencanto por participar ativamente, e ver se repetirem as situações cotidianas de violência e violação de direitos de fato, parece ser o sentimento de muitos participantes.

Leny também destaca sua participação nas manifestações de junho, informando que esta se deu através de seu vínculo profissional: “Particpei só quando as regionais participaram. Foram vários grupos de capoeira. Depois acompanhei mais pela TV mesmo”. Ao longo da entrevista ela informa que se sentiu bastante incomodada por ser negra naquele espaço, onde era a única pessoa de pele escura. Os olhares de indagação, de perplexidade quando adentrou o recinto da Câmara Municipal, fê-la se sentir “fora de lugar” de tal forma que arrefeceu seu desejo de participar de outras ações coletivas. O sentimento que ela revela coaduna-se com as reflexões de vários intelectuais negros que afirmam os mecanismos “sutis” do racismo na estrutura social brasileira. Nesta direção, Munanga afirma¹¹²:

Existe realmente um racismo no Brasil, diferenciado daquele praticado na África do Sul durante o regime do apartheid, diferente também do racismo praticado nos EUA, principalmente no Sul. Porque nosso racismo é, utilizando uma palavra bem conhecida, sutil. Ele é velado. Pelo fato de ser sutil e velado isso não quer dizer que faça menos vítimas do que aquele que é aberto. Faz vítimas de qualquer maneira”.

¹¹² Entrevista com o prof. **Kabenguele Munanga**. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/> - Acesso em: outubro de 2017.

O racismo se coloca como crime perfeito, por ser velado, ou seja, somente as pessoas de pele preta é que o sentem e ele se revela por meio de olhares, falas preconceituosas, olhares e linguagem corporal também.

No caso de Leny, ao perguntar para várias pessoas onde a atividade da regional iria ocorrer, sentiu o quanto indesejável era a sua presença. Isso, certamente, rebateu na forma com que ela interiorizou este conflito, porque não se mobilizou mais nas ações coletivas. Leny afirma, também, seu medo das ruas depois do que lhe acontecera na cidade, durante o carnaval de 2016:

O que mais me marcou como moradora da cidade de Belo Horizonte foi o carnaval de 2016. Eu nunca tinha ido e decidi ir e na hora da volta tinha muita gente no ponto de ônibus aí do nada começou a correria muita gente, muita polícia e a polícia batendo nos outros, as pessoas correndo e gente fazendo arrastão, foi uma sensação horrível.

Eu nunca vi, a polícia tava instaurando uma guerra no centro da cidade e isso me marcou muito, até hoje. Até agora. (Informação verbal)

Nesta fala, vemos o quanto o fato de ser estigmatizada, por ser negra e moradora de periferia, a coloca em perigo na zona urbana, diante da violência e do machismo.

Outro entrevistado que participou das manifestações foi o Du Pente, que relata:

Eu acho que junho de 2013, foi um marco muito importante pra questão mesmo de reivindicação, de participação na política nacional que é um Estado-nação que não representa a gente em nada mesmo. E de questionar esses símbolos e essa construção foi um pouco nisso. E o que me marcou foram os atos de mobilização e sentir na pele esse racismo institucional e foi em 7 de setembro, eu tava na verdade, fomos descendo a rua, aí tinha um quebra-pau e tinha um policial, um major lá num trio elétrico, e eu comecei a bater boca com ele, uma discussão saudável, falando dos meus direitos, até aí, ok, tava tranquilo. Aí eu fui descendo, eu e um amigo branco de olhos verdes. Quando a gente chega perto da praça Raul Soares, a polícia vem do nada, batendo na galera. Ai eu tava de boa, descendo com esse cara, a gente tava normal, conversando com um copo na mão, mas afastados do tumulto. Ai veio o policial começou a gritar: deita! deita! aí veio aquele cara e me deu um tiro na canela, à queima-roupa. E o cara que estava comigo conversando, branco de olhos verdes, o cara continuou andando normalmente como se não tivesse acontecido nada. O policial não teve a mesma atitude com ele. É explícito né do que acontece no role do racismo. Então esse foi um lance que me marcou na cidade na época de 2013 e foi predominante. Que nessa época a gente ocupou a câmara municipal também.

Pois é minha filha, a gente carrega na alma os traumas assim...foi pesado pra mim assim. Porque foi a manifestação do racismo de forma mais cruel. O policial olhar no seu olho, ter certeza que você não está fazendo nada e te alvejar entendeu? Não foi um tiro letal, porém é uma marca que vou carregar para o resto da vida. E isso aí não vai ter como. (Informação verbal)

A dor dilacerante de se saber negro numa sociedade racista, em que se nega até mesmo a livre manifestação da luta por direitos, é uma constante na narrativa acima. Evidente que o amigo não negro do Dú, sequer fora parado em algum momento pelo policial. Ainda com todas essas evidências, ele afirma que o Estado, através do aparato policial, se mostra com maior violência ainda na abordagem de pessoas negras. Ao analisar essa fala me foi impossível não pensar no trecho da canção interpretada por Elza Soares:

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

(...)

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço

O cabra aqui não se sente revoltado

Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado ¹¹³

Essa canção diz muito do sentimento que tive durante a entrevista. Não somente a empatia de entender profundamente e ser solidária ao histórico de dor e sofrimento, presentes na narrativa, mas também a importância de pesquisas que realmente registrem essa voz, muitas vezes silenciada, dos que sentem na pele, os desmandos do Estado e da sociedade racista, autoritária e violenta.

O tiro que o entrevistado levou, felizmente, como ele disse na entrevista, por pouco não atingiu o osso, o que, obviamente, traria maiores agravos à sua saúde. No entanto, o trauma está presente, tornando-o uma pessoa ainda mais engajada a lutar contra o genocídio da juventude negra periférica de Belo

¹¹³ A música em questão é "**A Carne**", composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

Horizonte. Esses relatos acima, demonstram que houve participação dos sujeitos entrevistados nas manifestações de 2013, de forma diversa. Notei também que a participação de Sheila, Leny e Du Pente, sujeitos negros, foram alvo muito maior da lógica de segregação e cerceamento da liberdade individual de se manifestar nas ações da cidade.

Kadu, que tem pele clara, mostrou também a perversidade da violência ao apanhar da polícia, mas não teve uma arma apontada para ele nestes episódios narrados, o que não minimiza, é claro, a crítica que fazemos, a lógica de perseguição aos pobres e moradores das periferias urbanas. O que os dados mostram é que, quando se trata de pessoas negras, a violência do Estado é ainda maior. Por isso o sentido que atribuo à letra da canção na voz de Elza Soares: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”! Inscrita nestes corpos, e em suas histórias, está a resistência constante aos mecanismos do racismo e do preconceito de classe, que fomenta, também, o horizonte de questionamentos. Neste sentido, apresento a seguir a visão dos mesmos sobre o direito à cidade, tentando identificar os sentidos por eles atribuídos às pautas urbanas.

4.3 Direito à cidade na narrativa dos sujeitos: manifestações de junho de 2013

Neste item, vou apresentar uma questão que permeou minhas inquietudes como pesquisadora: analisar se haveria relação entre o direito à cidade e as manifestações de junho de 2013, em Belo Horizonte. A análise das entrevistas me permitiu perceber que nem todos os entrevistados participaram ativamente das manifestações, cuja pauta fora difusa, e englobava o elenco de insatisfações e contestações, não somente na cidade de Belo Horizonte, mas nas principais capitais do Brasil. Áurea, Kadu, Dú Pente trouxeram relatos impressionantes dos sentidos das manifestações e das pautas que incluíram o direito à cidade, principalmente com relação à ocupação dos espaços públicos por parte de grupos historicamente discriminados e residentes nas periferias de Belo Horizonte. Para Áurea Carolina:

Direito à cidade é uma pauta que a gente tem desenvolvido muito, principalmente a partir de 2013. O Direito à cidade é o direito de ir e vir, direito de viver, de morar, de se deslocar. O Direito à cidade é o direito de ter espaços coletivos para todos, conforme as orientações sexuais, raças, credos. O Direito a cidade tem a ver com o direito ao bem público, ao direito de todos. A mobilidade urbana continua a ser um mecanismo de exclusão. Por isso que o Direito à cidade tem que envolver o direito de todos, mesmo que a gente conviva com os conflitos e as diferenças. (Informação verbal)

Interessante perceber nesta fala a ideia de espaços públicos coletivos para todas as pessoas, sem deixar de considerar os conflitos raciais e sociais presentes na vida social. Por ter iniciado sua jornada de articulação política por meio do *hip hop* ela sabe bem que o direito de ir e vir não é algo que, de fato, aconteça com a população periférica e pobre da cidade. O que me remete a um clássico samba de São Paulo, interpretado pelos “Demônios da Garoa”: Se eu perder esse trem que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã”¹¹⁴

Essa ainda é uma verdade para os que não dispõem de transporte próprio ou não podem pagar pelo serviço de táxi, ou uber, sendo este último ainda carente de regulamentação. O deslocamento pela cidade continua acontecendo numa lógica que impede a população pobre de participar e usufruir das atividades culturais promovidas na cidade, especialmente as que ocorrem no período noturno. Recentemente, uma das ações da “Gabinetona” foi a tentativa de ampliar o horário de metrô até meia noite¹¹⁵, sem dúvida uma ação importante, mesmo considerando a baixa funcionalidade de um metrô que opera somente com uma linha e que, infelizmente, não contempla muitas áreas da cidade.

A mobilidade urbana tem sido uma preocupação constante nas grandes cidades. No Brasil, as manifestações de junho de 2013 foram iniciadas exatamente pela

¹¹⁴ A Música citada é **Trem das Onze**, composta por Adoniram Barbosa e eternizada pelo grupo Demônios da Garoa. Ela cita o bairro de Jaçanã, que fica na zona norte da cidade de São Paulo.

¹¹⁵ Veja a notícia completa em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/09/01/interna_gerais,897204/metro-de-belo-horizonte-passa-a-operar-ate-meia-noite-a-partir-de-segu.shtml - Acesso em: outubro de 2017

pauta a respeito do aumento das passagens de ônibus em São Paulo, tornando-se, depois, o epicentro de inúmeras reivindicações por vários atores e segmentos sociais. Há que se pensar que, diante do descalabro público com rodovias cada vez mais abarrotadas de carros, torna-se uma grande questão o desenvolvimento de propostas efetivas para o trânsito e a mobilidade.

O direito de ir e vir, mencionado na Constituição de 1988 é uma questão a ser ampliada, visto que a movimentação de pessoas nas cidades ainda está atrelada a um modelo de desenvolvimento urbano no qual ainda há segregação sócio-espacial. A acessibilidade, porém, não é apenas restrita a um grupo específico, como a extensa literatura sobre direitos das pessoas com deficiência parece evidenciar. A perspectiva descrita acima mostra que a cidade é o espaço onde as diferenças se mostram e onde há lugares em que determinados grupos marginalizados não podem adentrar. Em outra percepção, Áurea afirma que

Outra preocupação constante é a mobilidade urbana. Para mim a mobilidade urbana é um mecanismo de segregação evidente. Como participante do grupo de *hip hop* (*hip hop* chama), aprendi muito sobre a cidade e para ir ou participar de shows a gente cansou de ficar de festa nas ruas porque sabíamos que não teria ônibus para voltar pra casa depois de certos horários. (Informação verbal)

Áurea apresenta, em sua construção, o fato de que “a mobilidade urbana continua a ser um mecanismo de exclusão”. Essa exclusão, vivenciada pelos entrevistados, também se percebe no preconceito na fala de Bobney: “Eu saio aqui da comunidade e assim que eu ultrapasso a rua Do Ouro, Contorno, andando, entendeu? Eu vejo mulheres virando bolsas, atravessando pro outro lado da rua”.

O ato de ver mulheres virando as bolsas, ou atravessando para o outro lado da rua, mostra que, para as pessoas que vivem na cidade, mas não residem no Aglomerado, o “outro”, o favelado, continua sendo representante da classe perigosa. Da classe que, expropriada dos bens de produção, torna-se perigo iminente. Essa questão, tão bem definida por Bobney, segue ainda mais evidente no relato abaixo:

Eu vejo Belo Horizonte uma cidade muito insegura, e fico constrangido quando isso acontece comigo. Já fui é questionado na rua, com gente que pensou que eu ia usufruir dos seus bens, mas eu estava

simplesmente voltando de um curso e com meu filho ainda. Foi trágico pra mim. Eu tenho até um videozinho, mas deixa baixo. (Informação verbal)

A ideia de insegurança pública, é oriunda do medo, mas também do constrangimento que o preconceito traz. Segundo ele, ter sido questionado por uma pessoa que achou que ele era ladrão, devido ao seu vestuário simples, quando acompanhado de seu filho, o fez sentir na pele a realidade de desigualdade social, econômica e também racial presente na dinâmica da cidade. A questão sócioeconômica como chave analítica é extremamente complexa. O conceito vai muito além da ideia do poder aquisitivo, enunciado na frase acima. Para tanto, é oportuna a afirmativa de Santos (2013)¹¹⁶:

A sociedade urbana é dividida entre aqueles que têm acesso às mercadorias e serviços numa base permanente e aqueles que, embora tendo as mesmas necessidades, não estão em situação de satisfazê-las, devido ao acesso esporádico ou insuficiente ao dinheiro. Isso cria diferenças quantitativas e qualitativas de consumo. Os pobres não têm acesso a um grande número de mercadorias modernas. Os mais pobres só podem obter bens de consumo corrente através de um determinado sistema de distribuição freqüentemente complementado por um mecanismo de produção igualmente específico. Esse sistema surge em resposta às condições de pobreza em que vive uma grande parte da sociedade. População pobre é obrigada a optar entre consumir esporadicamente bens manufaturados e/ou diminuir o consumo desses bens, substituindo-os por mercadorias equivalentes novas ou tradicionais produzidas por pequenas empresas ou mesmo por artesãos. (P.46)

Aliados da possibilidade do consumo, que, por sua vez, faz parte da etapa de distribuição no sistema capitalista de produção, os pobres não compartilham o sentimento de satisfação de todas as suas necessidades e acesso aos bens produzidos econômica e culturalmente.

Concordando com Santos (2013)¹¹⁷, a possibilidade de consumo, se restringe a um olhar seletivo sobre o que realmente é imprescindível. Desse modo, a sociedade urbana se firma com classes historicamente determinadas, em polos opostos no que se refere ao sistema de distribuição, acarretando o acirramento da desigualdade social e da segregação.

¹¹⁶ SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Ed USP, 2013. p 16

¹¹⁷ SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Ed USP, 2013. p 46

Por se tratar de pessoas engajadas em atividades culturais, tornando-se ativistas urbanos, observa-se o quanto o percurso na cidade vai também delineando a estrutura artística que eles desenvolvem como educadores sociais. Neste sentido, a cidade também se torna elemento de formação, de pertencimento, de construção de suas identidades. Para Dú Pente, Direito à cidade é

A lógica de que a cidade seja um espaço comum à todos, e pra isso é preciso uma radicalização na construção das políticas públicas. Já que a cidade é regida e influenciada diretamente pelas políticas públicas. Então eu vejo a cidade numa lógica de espaço comum, o que não é mesmo de fato. A cidade tem o chamado de cidade, mas o que é chamado de cidade tem classe social, tem corpo, nome, então é entender que a cidade não é. A cidade por exemplo não é o "Santa Tereza", a cidade não é o "Floresta", a cidade não é o "Belvedere", a cidade não é. A cidade é cada corpo que por ela transita, e entender esse espaço comum como espaço de troca. E buscar essa harmonia que este espaço comum tem que respeitar e tem que caber todo mundo. A partir do momento em que esse espaço segrega, e faz seleção de quais corpos vão ocupar, esse não é um espaço comum não. Não é um espaço democrático, fica uma esfera distorcida, a cada dia mais essa esfera pública tem que ser tornar um espaço urbano e não um espaço só pra carro passar. E acredito que a cidade é um lugar comum. O direito a cidade é que ela seja um lugar que caiba todos e todas. (Informação verbal)

A pertinente fala de Dú Pente ilustra muito o quanto a cidade precisa ser, de fato, um espaço democrático, onde todos os corpos que por "ela transitam" sejam acolhidos, respeitados, reconhecidos.

Na visão de muitos governantes, a funcionalidade da cidade para os pedestres fica no segundo plano. Buscam-se ruas trafegáveis para os carros, com uma malha rodoviária de transporte público deficitária; propostas como o MOVE, que alterou para pior a circulação na cidade, visto que, em muitos bairros, os trabalhadores que antes usavam uma só condução, com a supressão das linhas locais, têm agora que pegar duas conduções para o mesmo itinerário que faziam antes, de casa para o trabalho. A crítica que ele faz de que a cidade não é só os bairros citados, também revela que a velha forma de fazer política urbana não contemplava as localidades periféricas, restringindo o investimento público para áreas de maior valor territorial e econômico. A questão da circulação e da mobilidade urbana também foi interpretada pelo Luiz como direito à cidade:

Pra mim é o direito à cidade é o direito de de ir e vir. Nós como moradores de favela não temos o direito de ir e vir sem preocupação, a gente tem que sair com medo de quem deveria nos dar segurança, que a polícia, o poder público. A gente sai daqui Com medo de ser parado, taxado de marginal, de ser criminalizado. De ser criminalizado por algo que vc não é. Direito a cidade é o direito de ir e vir, o direito que a gente não tem. (Informação verbal)

Ao mesmo tempo em que reivindica o direito de ir e vir como direito à cidade, Luiz enfatiza o medo de ser criminalizado pela polícia, também vista como aparelho do poder público. Segundo Luiz, o medo de ser abordado é algo que o impede de ter, de fato, a liberdade de sair e voltar em paz para sua casa. A visão de Luiz se aproxima muito do relato de Dú Pente, com relação a este perigo iminente de ser alvo de uma abordagem violenta. Porém, como Luiz se autoclassifica pardo, tem consciência de que, por ter pele mais clara, a abordagem seria menos violenta. Sobre a questão de sua autoclassificação por raça, Luiz nos diz:

Eu sei que não tenho pigmento de cor negra, mas sei que também eu não sou branco. Meu irmão é negro de pele escura, meu pai é negro de pele escura e eu sou miscigenado. E devido a essa miscigenação de raça apesar de não ter pigmento negro, tenho sangue negro correndo em mim. Claro que o fato de ter o pigmento de cor mais clara eu sofro menos preconceito do que quem é negro e eu entendo isso, mas eu também tenho a minha vertente de preconceito que sofro também. (Informação verbal)

Luiz entende que, em seu caso, pesa mais o preconceito de classe, por ser pobre, do que o de raça, por ter a pele clara. No entanto, eu defendo que as questões de classe, gênero e raça são coexistentes e precisam ser analisadas tendo como pano de fundo a interseccionalidade. No que tange ao direito à cidade, a entrevistada Sheila afirma que seria:

Ter o direito à cidade, sem ter obrigação no sentido trabalhista. Que a cidade estivesse mais aberta, mas muito bem aberta. Aberta as pessoas que vão acessar ela. As pessoas que vão acessar nem sempre são as pessoas que vc quer. Porque a gente acha que o outro tem que ser igual a gente o tempo todo. A gente carrega isso na gente. Mesmo a gente tentando desconstruir isso, isso é muito real. A gente olha uma pessoa com um padrão muito diferente do que a gente é, ou a gente vai se assustar, ou ficar impactado. E o primeiro passo é desconstruir essa lógica. Porque o que vc se propõe a ser não é a mesma forma do que eu quero ser. Essa cidade precisa pensar muito nisso. Pensar em direitos é pensar em direitos de pessoas muito diferentes. Muito diferentes, mas

muito iguais também por serem seres humanos. Mesmo quando sui generis. (Informação verbal)

Penso na profundidade de todas essas narrativas, e, na fala de Sheila, o direito à cidade não deveria estar atrelado somente à vida laboral, e diz respeito à desconstrução de mitos e estereótipos ainda arraigados na sociedade, que faz com que não haja o exercício da alteridade. Nesta direção, também Lenny aponta que Direito à cidade:

É você poder usufruir daquilo na cidade que é teu. Das políticas públicas, bibliotecas, centros culturais, de tudo que for aberto, e você poder usufruir de verdade, de não rolar uma apresentação numa praça, de vez enquanto rola isso de pagar, você poder ir num teatro assim, você ter mais acesso, fazer as atividades culturais. Pra mim é isso e faz muita falta aqui. (Informação verbal)

Muito importante que estas duas últimas falas seguem a perspectiva de fruição da cidade, de forma ampla, aberta, sem restrição à população que reside nas periferias. Como nos colocou Sheila, a cidade deveria ser aberta “mas muito bem aberta”, ou seja, para eles, o direito à cidade está relacionado também ao acesso a bens culturais, serviços e atividades de interesse. No próximo capítulo vou abordar, à luz dos dados obtidos, perspectivas do campo da educação para o estudo das cidades.

Do velho ao jovem

Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver. Na face do jovem
o frescor da pele e o brilho dos olhos
são dúvidas. Nas mãos entrelaçadas
de ambos, o velho tempo
funde-se ao novo, e as falas silenciadas
explodem. (...)

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
e não há quem ponha
um ponto final no rap
É preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora...¹¹⁸

¹¹⁸ EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. Disponível em: <http://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>

5 REFLEXÕES POÉTICAS NO UNIVERSO DO TEMPO - Considerações finais

De mãe

O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida.

Foi mãe que me fez sentir
as flores amassadas
debaixo das pedras
os corpos vazios
rente às calçadas
e me ensinou,
insisto, foi ela
a fazer da palavra
artifício
arte e ofício
do meu canto
da minha fala.
(Conceição Evaristo, 2008)¹¹⁹

A epígrafe de Conceição Evaristo neste capítulo, é para evidenciar o meu lugar de fala. De quem se rebela contra a falsa neutralidade científica e se põe inteira, com seus registros, a escrever a tese preñhe de significados que advêm das perplexidades em sendo ex-favelada, negar-me a ser espécie de pesquisas acadêmicas. Isso, sem dúvida, devo à minha mãe, Luzia, que sempre me ensinou que eu deveria estudar mas também ficar atenta ao uso digno das palavras. Ela, do alto de seus 77 anos, continua a ensinar-me a ser quem sou e assumir, como pesquisadora, o lugar de quem aprende na interação, na escuta e na aprendizagem da vida.

¹¹⁹ O poema-epígrafe é de Conceição Evaristo. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

Sem dúvidas a escrita da tese muito contribuiu para ampliar os conhecimentos acerca da cidade de Belo Horizonte, na ótica dos sujeitos pesquisados, que, para mim, são pessoas que, inscritas na efervescência cidadina, a constroem e ressignificam. Ao me dirigir a cada um deles nas entrevistas, fiz pontes, janelas, perspectivas que alteraram significativamente o meu horizonte inicial de pesquisa.

Comecei a proposta da tese pensando em discutir o tema das “Sociabilidades segregadas: modos de ser e resistir na cidade de Belo Horizonte” e notei, ao estudar, que não se pode segregar as sociabilidades. Elas são hoje, com o avanço das tecnologias fluidas, digitais, comunicáveis física ou mesmo através de redes. Na era da informação, os grupos sociais coexistem e se interpenetram. Mas o que, de fato, não muda, são as estruturas que sustentam as desigualdades de condições de vida entre os ricos e pobres. E, por isso, cada vez mais, diálogos propositivos se fazem necessários como processos de resistência e luta por vida digna numa cidade que deve ser plural e acolhedora.

Ao analisar a obra de Milton Santos, Harvey, Maricato e outros, à luz das entrevistas realizadas, construí a ideia de que as periferias são cidades simultâneas à cidade que se coloca como oficial. Nelas, as pessoas de baixa renda estabelecem alternativas, estratégias de vida e de trabalho, resistindo por conta própria aos desmandos da lógica do Capital. Nestas cidades simultâneas, vigoram outras lógicas sobre o modo de ser e viver, incluindo a luta pelo direito à cidade. Ora, se este direito fosse de fato efetivo, não haveria razão para as insurgências urbanas, tema que derivou da aprendizagem com cada um deles.

Além disso, após a minha inserção no estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, à luz das orientações do prof. dr. Bruno Sena Martins e de alguns diálogos intermediados por ele com o prof. dr. Tiago Castella, fui mergulhando e me permitindo aprender os sentidos da cidade com e para os sujeitos pesquisados. Trago, então, alguns resultados de todo esse percurso traçado para a tese:

Um dos objetivos alcançados, foi identificar se haveria articulação dos sujeitos com as manifestações de junho de 2013, no tocante ao direito à cidade. Percebi que esta relação se deu de forma muito heterogênea. Dentre os 10 sujeitos entrevistados, nove participaram das manifestações, sendo que, dois deles, por serem ativistas negros, foram confrontados com muito mais violência pelo aparato policial. A truculência da polícia nos bairros periféricos se volta, na maioria dos casos, com maior rigor com relação aos corpos negros na cidade. Este fator me fez pensar que, mesmo após o fim oficial do escravismo e da colonização, as práticas sociais estão impregnadas da mentalidade escravocrata que mata, tortura, e vê como associação direta o negro e a criminalidade.

Remetendo-me a Lombroso e outros teóricos dos anos 20, que com conhecimentos do campo da medicina tornaram a eugenia uma filosofia em muitos países, penso que os estigmas de inferioridade e baixo desenvolvimento da intelectualidade negra que sustentaram, mesmo refutadas hoje pela ciência, continuam a vigorar na lógica violenta de uma sociedade racista e preconceituosa como a brasileira. O medo da violência policial, somado à ameaça real, fez com que os entrevistados desistissem de continuar atuando em manifestações e ações de cunho mais massivo. Mesmo pessoas de pele clara, residentes no aglomerado foram alvo de espancamentos durante as manifestações. Contudo, como se sabe, houve uma única prisão: a do jovem Rafael Braga que, até hoje, com todos os esforços de ativistas e movimentos sociais no país, não conseguiu sua soltura.

Outro objetivo fora identificar as insurgências urbanas e como estas ações e ou movimentos, se articulavam com o direito à cidade. Muito interessante aprender com eles que, para os ativistas, a contestação sobre a cidade, ainda racista e excludente, se faz em suas histórias individuais, mas também em ações coletivas como o “Lá da Favelinha” ou o “Muitas - a cidade que queremos”. No primeiro, a insurgência se situa na articulação entre os ativistas que fundam o projeto social para não aguardar respostas que consideram burocráticas por parte do Estado que, segundo eles, sempre foi omissivo, com pautas advindas da juventude de periferia. Decidiram, por conta própria, atender crianças e

adolescentes em uma biblioteca comunitária e em oficinas culturais de dança, teatro, idiomas, etc.

O Muitas, teve um processo diferente. Nascente das constestações sobre o governo de Márcio Lacerda, constituiu-se um repositório de ideias e propostas sobre a cidade advindas dos que, livre e espontaneamente, começaram a interagir nas redes sociais. Diferente do primeiro, o Muitas, hoje, é parte da estrutura midiática do que se chama “gabinetona”, construído pela ação de junção dos mandatos de Áurea Carolina e Cida Fallabela.

Além desses dois objetivos, a tese me propiciou expandir meus conhecimentos sobre os conceitos de cidade, favela, aglomerado, transcendendo dicotomias ou categorias pré-definidas. Aprendi sobre os conceitos na miríade de conhecimentos, sentimentos, saberes do diálogo com os dez entrevistados, que me fizeram ressignificar meu mundo, meu olhar, reconhecendo em cada um deles a potência de suas vozes e de suas histórias de vida.

Fora um grande desafio me lançar como ser aprendiz, articulando as entrevistas com os mais de 20 seminários de pesquisa de que participei no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que culminou no Seminário, ministrado e organizado por mim, convidando mais duas pesquisadoras: Cíntia Ataliba e Mariana Panta, para abordarem o tema: As cidades contemporâneas na ótica de pesquisadoras negras. A experiência de residir em Portugal por quase sete meses, foi um grande desafio, sobretudo por ter três filhos em idade escolar. Aprendi a ver o mundo de outra forma. Senti, de fato, o que busquei conhecer.

Como contribuição para pesquisas vindouras, sugiro iniciar a pesquisa de campo com menos certezas, deixando-se vivenciar o processo de coleta de dados como diálogo transcultural, vendo a produção do conhecimento também como possibilidade de autoconhecimento e de contribuição para elaboração de

metodologias, não para os sujeitos, mas COM os sujeitos e suas narrativas. E, neste processo de diálogo entre saberes, aprender a olhar, ver, sentir e ser, para visibilizar a luta de pessoas e grupos que resistem e lutam contra a lógica capitalista, patriarcal, racista e violenta que tenta desqualificar os saberes do Sul Global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sônia E; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). **Cultura e Política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 26

ANDRADE, Luciana T; JAYME, Juliane G; ALMEIDA, Rachel C. Espaços Públicos: Novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrópole** (PUC SP), n.21, 2009. p.131-153

ARANTES, Antônio Augusto. *Guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulência*. In: **Paisagens Paulistas: transformações do espaço público**. Campinas, Editora da Unicamp, 2000.

ARRUDA, Rogério Pereira de. Belo Horizonte e La Plata: cidades capitais da modernidade latino-americana no final do século XIX. In: **Revista de História Comparada**, n. 6-1, p. 117.

BARBOSA, Adoniran. Trem das onze. Cancioneiro popular.
BELCHIOR. **Como nossos pais**.
<https://www.youtube.com/watch?v=wzXWIWPPHU0>

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **A vida dos estudantes** – Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2007.

CARNEIRO, Henrique Soares. **Rebeliões e ocupações de 2011** in: Harvey et all. *Ocupy*. São Paulo: Boitempo: **Carta Maior**, 2012. p.7-15.

CAROLINA, Áurea. **Programa Contraponto** – Entrevista - Publicado em 28 jun.2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6Hm53iR_lwE

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **Pensamento de Boaventura de Sousa Santos em foco**: a reinvenção da emancipação em tempos contemporâneos. Disponível em:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/PENSAMENTO%20DE%20BOAVENTURA%20DE%20SOUSA%20SANTOS%20EM%20FOCO1.pdf>

CASTRO-GOMES, Santiago. **Decolonizar La universidad: La hibrys Del punto cero y el dialogo de saberes** in: CASTRO-GOMES, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs): El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica más allá Del capitalismo global. Bogotá: IESCO-Pensar-Siglo Del Hombre Editores, 2007, p.79-91

DOMINGUINHOS E GILBERTO GIL. **Lamento Sertanejo** – 1941
_____ e Nando Cordel. **De Volta Pro Aconchego** – 1985

EITERER, Carmem; LUZ, Iza Rodrigues da. (orgs). **Sujeitos da educação: diversidade, direitos e participação política**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Do velho ao jovem**. Disponível em
<http://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. Disponível em:
<http://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>

FANON, Franz. **Pele preta, máscaras brancas**. p.106-107. Disponível em
https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf -

Farofa Carioca. **A carne**. Canção interpretada por Elza Soares. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Lkph6yK6rb4>

FLÁVIA, Rafael e Carlos. **A linguagem da cultura hip hop** (os quatro elementos do hip hop). Disponível em:
<https://estilousblog.wordpress.com/2015/09/16/a-linguagem-da-cultura-hip-hop-os-4-elementos-do-hip-hop/>

FOLHA.uol - Grupos estudam candidatura coletiva para desafiar o sistema. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/grupos-estudam-candidaturas-coletivas-para-desafiar-o-sistema.shtml>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 23-48

GHON, Maria da Glória. Movimentos sociais no Brasil da era da participação: 1978-1989. In: **Teoria dos Movimentos Sociais** – Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2008. p.274

GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento**: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes** – Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Paris - Capital da Modernidade**. São Paulo, Boitempo, 2015.

JAYME, Juliana Gonzaga; TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na Região central de Belo Horizonte. Porto Alegre: **REVISTA CIVITAS**, V.12, N.2, p. 359-377, maio/ago. de 2012.

_____. Intervenções urbanas: usos e ocupações na Região Central de Belo Horizonte. In: Civitas – **Revista de Ciências Sociais**. 12 v, n 2, p 359-377. Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/11933/8133>.

Jornal DN. Centenas de supremacistas brancos manifestam-se em Charlottesville. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/centenas-de-supremacistas-brancos-manifestam-se-na-universidade-da-virginia-8701514.html>

JESUS, Maria Carolina de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: Editora RJ, 1996. Disponível em: <http://folhadepoesia.blogspot.pt/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>

Jornal online. **El País**. Seis brasileiros concentram a mesma riqueza que possuem a metade da população mais pobre”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/politica/1506096531_079176.html?rel=mas

LEFEBVRE, Henry. **La Droit a la Ville**. Paris: Antrhopos, 1968

LUEDI, Luna. **Um corpo no mundo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/>

LUKÁCS, G. Narrar ou descrever? In: KONDER (Org). **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1965.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**: 1848. Porto Alegre: L&PM, 2009, p.23

MYLAERT et al. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. In: Ver.Esc. Enferm. USP, 2014:48 (ESP 2). p 193-199. Disponível em <http://www.EE.USP.BR/REEUSP>

MUNANGA, Kabenguel. Entrevista. “Nosso racismo é um crime perfeito. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>

NETTO, Cortez, 2006, p. 18-20. Oliveira, Igor Thiago Moreira. Praia da Estação: “Uma praia” nas Alterosas, “uma antena parabólica” ativista: configurações contemporâneas. **Dissertação de Mestrado**, Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social, FAE/UFMG -2012
Perlman, Janice. Favela four decades of living on the edge in Rio de Janeiro. Oxford, University Press, 2010. (147-164)

NUNES, João Arriscado. **Um discurso sobre as Ciências 16 anos depois** Op cit SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma vida decente** – um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2006. p 58-84

PARK, Robert. *In Social Control and Collective Behavior*, Chicago 1967, p. 3.

PIRES, Hugo. **Programa Papo Reto**. <https://www.facebook.com/paporetojuventude??hc>

REIS, Juliana Batista dos. **Transversalidade dos modos de socialização e individualização**: experiências juvenis em Rede. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação –FaE/UFMG, 2014,

ROSA, Guimarães. Poesia de Guimarães Rosa. Disponível em:

https://www.pensador.com/poesia_de_guiimaraes_rosa/4/

SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 20-88
Santos. Boaventura Souza. A crítica da governação neoliberal : O Fórum Social Mundial como política e legalidade subalterna. Disponível em
http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/63_Governacao%20neoliberal_RCC_S72.pdf

_____. **Crítica da Razão Indolente** – Contra o desperdício da experiência. p. 41-50

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: USP, 2009.

SILVA, Maria do Socorro Pereira da. **Educação popular, epistemologia transgressora e conhecimento decolonial**: reinventar o conhecimento e a universidade. Universidade Federal do Piauí, Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, 2017. Mimeo

SIMAN, Lana Maria de Castro. **Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas**. In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lara Mara Castro (orgs). Cidade, Memória e educação. Juiz de Fora: editora UFJF, 2013. P.41-58

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito in: Rio de Janeiro, Revista MANA N.11(2) 577-591, 2005.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro, Malê, 2016.
Rocha, Sergio Luiz Alves da. Experiência e tradição em Walter Benjamin: Ressonâncias para a educação. Revista Latinoamericana de ciências sociais, Niñez y juventud, 14 (1), p.121-132

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STRECK, Danilo R; MORETTI, Cheron Zanini – Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana in: **Revista Lusófona de Educação**, n.24. 2013. p 35-52.

Disponível em: revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao . Acesso em agosto de 2017.

VEIGA, Cynthia Greive. A cidade como experiência feminina. O cotidiano da construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. **Revista Dimensões**, vol 23, 2009. p 28 – 44

ZIZEK, Slavoj. **O violento silêncio de um novo começo** in: Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas ; Harvey et all, São Paulo, Boitempo, 2012. (15-26